

A Educação e os imigrantes italianos:

da escola de primeiras letras ao grupo escolar



Avenida Goiás, 600 - Centro
São Caetano do Sul (SP)
CEP 09521-300
Telefones: 441-9008 - 441-7420
www.mp.usp.br/fpm

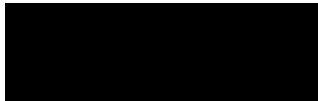


Este livro integra o *Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória*, denominado *Documenta*, no período administrativo 1997-2000 (prefeito Luiz Olinto Tortorello), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

Eliane Mimesse

*A Educação e os
imigrantes italianos:*

da escola de primeiras letras ao grupo escolar



ISBN 0000000000
Feito o depósito legal

Fundação Pró-Memória - Série Documenta
Direção: Aleksandar Jovanovic

FICHA CATALOGRÁFICA:

000.000 s.c.
S000r

Ficha composta por Jussara Ferreira Muniz

Capa: Mikal Praemunitus

Nota: Diagramação diferente ao do livro físico

AGRADECIMENTOS

Índice

Introdução	
1. As escolas de 1883 a 1900	
1.1 As salas de aula e suas localizações	
1.2 Professoras e professores	
1.2.1 Escola feminina	
1.2.2 Escola masculina	
1.3 Condições precárias das escolas isoladas	
1.4 A importância da frequência às aulas	
1.5 Disseminação das epidemias	
1.6 Métodos de ensino	
1.7 Dois momentos do ensino privado	
2. A primeira década do século XX	
2.1 Crescimento comercial e industrial	
2.2 Professores das escolas feminina e masculina	
2.3 Materiais escolares	
2.4 O tempo dividido entre a escola e o trabalho	
3. O progresso nos anos de 1911 a 1921	
3.1 Metodologias de ensino	
3.2 Escolas isoladas: a nova ordem	
3.3 Os afazeres dos inspetores escolares	
3.4 Ampliação do número de escolas	
3.4.1 Femininas e mistas	
3.4.2 Masculinas e noturnas	
4. Escola Moderna: 1918 e 1919	
5. O Grupo Escolar	
6. Apêndice	
7. Bibliografia	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1:	
Professoras da escola feminina de 1883 a 1900	
Quadro 1.2:	
Professores da escola masculina de 1883 a 1900	
Quadro 2.1:	
Estabelecimentos que contribuíram com os impostos municipais no ano de 1904	
Quadro 2.2:	
Professores da escola masculina entre os anos de 1900 e 1911	
Quadro 2.3:	
Inventário do material existente na 1ª escola feminina	
Quadro 2.4:	
Lista dos materiais escolares	
Quadro 2.5:	

Livros de leitura que podem ser adotados pelos professores	
Quadro 2.6:	
Relação nominal dos alunos das escolas de São Caetano no mês de agosto de 1907.....	
Quadro 3.1:	
Horário para as escolas isoladas	
Quadro 3.2:	
Professoras da 1ª escola feminina	
Quadro 3.3:	
Professoras da 2ª escola feminina	
Quadro 3.4:	
Professoras da 1ª escola mista	
Quadro 3.5:	
Professoras da 4ª escola feminina	
Quadro 3.6:	
Professoras efetivas e substitutas das escolas femininas e mistas entre os anos de 1883 e 1921	
Quadro 3.7:	
Professores das escolas masculinas.....	
Quadro 3.8:	
Professores efetivos e substitutos das escolas masculinas e noturnas entre os anos de 1883 e 1921	
Quadro 5.1:	
Legislação de criação das escolas	
Quadro 5.2:	
Bases para o horário do 2º ano primário dos grupos escolares.....	
Quadro 5.3:	
Professores do Grupo Escolar	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1:	
Número de alunas matriculadas e frequentes na escola feminina	
Tabela 1.2:	
Número dos alunos matriculados e frequentes da escola masculina	
Tabela 2.1:	
Número de alunas matriculadas na 1ª escola feminina	
Tabela 2.2:	
Número de alunas matriculadas na 1ª escola feminina nos meses de janeiro a dezembro de 1906 a 1911	
Tabela 2.3:	
Número de alunos matriculados na 1ª escola masculina	
Tabela 2.4:	
Número dos alunos matriculados na 1ª escola masculina entre os anos de 1905 e 1912	
Tabela 3.1:	
Dados do registro civil no distrito de São Caetano	
Tabela 3.2:	
Número de alunos matriculados na 2ª escola masculina nos anos de 1912 a 1914.....	

Introdução

A idéia inicial para desenvolver esta pesquisa surgiu da necessidade de elaborar uma dissertação de mestrado no Programa de Estudos pós-graduados em Educação: História e Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para a escolha do tema utilizou-se o conhecimento adquirido em pesquisas anteriores, com documentos originais nos arquivos públicos e, optou-se pela história das escolas, públicas e privadas, na cidade de São Caetano do Sul. As informações sobre o assunto eram raras, muitas vezes formadas por fragmentos das lembranças dos antigos moradores. Este trabalho surgiu para sanar uma lacuna na história da cidade.

Os estudos elaborados sobre a localidade até o momento abordam a questão da imigração, da divisão das terras, do estabelecimento e sobrevivência das famílias no novo território, das formas do trabalho familiar, do surgimento e desenvolvimento do comércio e das indústrias, entre outros. Nenhum deles se detém na importância da construção do espaço escolar com seus professores e alunos. As escolas são citadas como parte do contexto, com pequenos comentários que ilustram o tema principal.

Os textos sobre a imigração italiana mantêm sempre como eixo o trabalho nas fazendas de café no interior do Estado de São Paulo, as relações entre trabalho escravo e assalariado. Poucos autores analisam os núcleos coloniais de imigrantes italianos do interior de São Paulo e, em sua maioria, tratam das colônias de imigrantes da região Sul do país.

Os livros sobre a história da educação no Brasil descrevem os acontecimentos de modo genérico, pautando-se nos grandes períodos históricos. As escolas, a sua legislação e os seus professores parecem ser os mesmos para todo o país e os alunos raramente são citados nestes estudos. As especificidades como o funcionamento das escolas localizadas no interior dos estados, quais os alunos que as frequentaram, como desenvolviam-se as aulas ou quem eram os seus professores não são considerados.

Busca-se o papel e a importância da escola para a comunidade de imigrantes italianos habitantes do núcleo colonial de São Caetano. No rumo contrário ao das generalidades, deve-se acompanhar a escola em suas relações com os moradores e o desenrolar dos acontecimentos.

A narração do passado, se for boa, isto é, não só "verdadeira" (quanto aos factos contados) mas feita com um mínimo de profundidade, é inseparável da simpatia do historiador pelo "vivido" do período a que se referem os acontecimen-

tos por ele narrados, a maneira como os homens dessa época apreenderam e atravessaram o que constitui a matéria da sua narração. Ora, esta simpatia, que permite, se não a restituição, pelo menos uma restituição daquilo que desapareceu, é da ordem do afectivo ou do ideológico, ou de ambos. Esta substitui-se à questão explicitamente formulada para construir o laço entre o passado e o presente: alimenta este espaço vazio que a profissão de historiador, neste caso, consiste em preencher.¹

As fontes utilizadas para a elaboração desta pesquisa encontram-se, em sua maior parte, no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Este material está distribuído em latas metálicas que contêm os maços com a documentação; destas mais de cem foram analisadas. Os documentos são manuscritos originais e nem sempre apresentam boas condições de conservação. Estão separados por grandes temas como: nomes das localidades, requerimentos e ofícios, ou mesmo instrução pública. Abrangem períodos de tempo determinados e, algumas vezes, estão em ordem alfabética.

No conjunto denominado "localidades com letra S" estão os relatórios dos inspetores escolares com os nomes e os tipos de escola, que compõem o distrito pelo qual eram responsáveis, os nomes dos professores e de seus substitutos, a quantidade de alunos matriculados e freqüentes.

Nos documentos denominados "instrução pública" encontram-se os termos de nomeação dos professores, indicações para substituições feitas pelo inspetor do distrito, listas de materiais adquiridos pela escola, com recibos discriminando a quantidade e os respectivos valores, comunicados sobre o início do exercício dos professores, relatórios de professores comentando sobre as condições gerais da escola, o número de alunos matriculados e freqüentes, mapas com informações sobre a idade dos alunos, a categoria da escola e o número de alunos nacionais e estrangeiros.

Nos maços "instrução pública: ofícios" constam remoções, pedidos e autorizações de matrículas na Escola Normal da Capital, desistências de professores, pedidos de licença saúde, a relação das escolas com cadeiras vagas, pedidos de passe para a estrada de ferro.

Sob a denominação "manuscritos encadernados", há documentos contendo os nomes dos alunos, o número de suas faltas e dos professores, o total de dias letivos e o nome dos professores. Estes manuscritos são livros de anotações da Instrução Pública sobre a vida profissional dos

¹ François Furet. *A oficina da história*. Tradutor: Adriano D. Rodrigues. Lisboa: Gradiva, (s.d.), p. 26.

seus funcionários. Existem também os livros de chamada de algumas das escolas estudadas.

Várias obras sobre legislação de ensino, regulamentos da instrução pública e anuários estatísticos, entre outros, foram consultados na biblioteca do Arquivo do Estado. Outros documentos necessários para a elaboração deste trabalho, foram encontrados na biblioteca do Museu de Santo André. São manuscritos compostos por requisições de licenças, afastamentos e pedidos de materiais pedagógicos para as escolas, além dos livros das atas de reuniões da Prefeitura Municipal de São Bernardo². Em sua maioria, esses manuscritos são cópias dos documentos enviados para os órgãos competentes.

O levantamento dos depoimentos de alguns dos antigos moradores, foi efetuado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul durante o ano de 1995, com um projeto denominado "História de Vida". O material foi de grande valia: algumas das pessoas entrevistadas recordavam-se das escolas, dos professores, das brincadeiras, do cotidiano vivido por seus pais e de seus avós, relatando detalhes importantes para a elaboração deste trabalho.

Foram utilizados nesta pesquisa, entre outros documentos, relatórios³ e requerimentos que eram enviados pelos professores e inspetores ao governo, seguindo um modelo estipulado pelo regulamento em vigor. Em alguns momentos, esses relatórios estão imbuídos do espírito republicano. Por exemplo, há documentos que iniciam com o termo "cidadão" no lugar do usual "ilustríssimo senhor", neles são encontradas reclamações e sugestões sobre a questão educacional brasileira.

Na análise desses relatórios deve-se levar em conta a linguagem utilizada, a posição de subordinação de quem os escreveu e a quem eram endereçados. Ir para além das aparências, pois os documentos representam uma visão parcial que foi determinada por quem as elaborou. Os fatos que a documentação traz devem ser questionados para que se possa verificar quais são os caminhos que guardam, o que existe nas entrelinhas. Deve-se sempre analisar com critérios os acontecimentos que formam o objeto da investigação.

A importância de trabalhar com documentos originais é relevante para o historiador, apesar de estarem envolvidos em um cenário social determinado. Os documentos estão nos arquivos por desígnios legais, retratam o que a sociedade desejava que ficasse perpetuado para as próximas gerações. A firma Le Goff:

² Atual município de Santo André.

³ Os relatórios eram enviados semestralmente pelos professores ao Diretor Geral da Instrução Pública, contendo informações sobre os alunos matriculados, frequentes e desistentes, além de outros comentários sobre as condições físicas e pedagógicas das escolas.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente.(...) Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinadas imagens de si próprias⁴.

A temática

O tema trata das relações entre os italianos e a educação, do período em que os imigrantes chegaram ao núcleo colonial e contribuíram com o seu desenvolvimento, até a instalação das grandes indústrias que modificaram o cotidiano e possibilitaram a criação de novas escolas. Utilizou-se o recurso da narrativa para tornar possível o acompanhamento da ampliação do número de escolas, de alguns momentos das variações dos números de alunos, dos comentários dos professores sobre as escolas, os alunos, os métodos de ensino e os materiais pedagógicos, como também pode-se saber sobre as localizações das escolas, antes da construção do grupo escolar. Um breve relato das origens da terra e de sua povoação sedimenta e contextualiza o tema.

As terras da atual cidade de São Caetano do Sul, eram habitadas por índios até meados do século XVI, e denominadas Tijucuçu. Em 1596 chegaram os primeiros colonizadores, Diogo Sanches e Isabel Félix que receberam uma sesmaria⁵, permaneceram poucos anos na propriedade. Em 1601 terras próximas a esta foram herdadas por Duarte Machado, um bandeirante que manteve na localidade, por muitos anos, uma fazenda para a criação de gado. Doou as terras, de acordo com seu testamento, para a Ordem de São Bento no ano de 1631.

Outra sesmaria nas mesmas terras chamadas de Tijucuçu pertenceu ao capitão Manoel Temudo. Quando de sua morte foi levada a leilão para pagamento de suas dívidas e, em 1671, adquirida pelo bandeirante Fernão Dias Paes. Este último comprou a propriedade para doar aos monges. Com as doações de Duarte Machado e de Fernão Dias Paes, e

4 Jacques Le Goff. História e Memória. Tradução: Suzana F. Borges. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, p. 547.

5 Lote de terra cedido pelo governo ao sesmeiro para cultivo. As capitânicas hereditárias eram formadas por várias sesmarias.

mais algumas terras compradas, foi possível à Ordem compor a Fazenda do Tijucuçu⁶.

O espaço ocupado por estas sesmarias era muito maior do que o traçado atual da cidade. Estendia-se por uma parte dos atuais bairros vizinhos da cidade de São Paulo e da cidade de São Bernardo do Campo. As redefinições dos limites foram elaboradas de acordo com as vendas das partes das terras, mudanças da população, as cheias dos rios, a construção e posterior duplicação da estrada de ferro.

As doações e as novas aquisições de terras possibilitaram a ocupação do local pelos religiosos. Aos poucos a fazenda foi transformada em centro produtor de tijolos, além das plantações para a subsistência⁷. Entre os anos de 1717 e 1720 foi construída a Capela de São Caetano, próxima a casa-grande e a algumas pequenas casas feitas para a moradia dos escravos. Em 1730 a denominação do lugar mudou para Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, fato que ocorreu após o término da construção da capela, que recebeu a imagem do santo. Em 1743 o nome foi novamente mudado para Fazenda de São Caetano.

Desde a construção do primeiro forno e da olaria, a fazenda havia prosperado com a produção de telhas, tijolos, lajotas, ladrilhos e louças para uso doméstico, chegando a abastecer os moradores da vila de São Paulo. A concorrência fez os monges diminuírem os preços de suas mercadorias, acarretando mudanças na organização do trabalho e na disposição dos escravos, que deveriam trabalhar mais nos fornos e dedicar-se menos as suas plantações individuais. Nesta época, um novo tributo foi criado, o imposto por escravo. Cobrado independentemente da idade e da produtividade. Foi outra forma de reduzir a renda dos beneditinos. Diante deste quadro, em setembro de 1871, os escravos foram libertados e as terras abandonadas. Permaneceram no local alguns libertos que moravam nas casas-senzalas.

O governo enviou engenheiros para a área, afim de analisarem as possibilidades dela tornar-se uma colônia agrícola⁸. O parecer técnico de setembro de 1874 recomendou ao governo a compra da fazenda, o processo de desapropriação teve início em setembro de 1876. Neste local foi criado o núcleo colonial.

A chegada em massa de imigrantes no país teve início pela necessidade de aumentar a mão-de-obra na lavoura, principalmente nas fazendas de plantio de café. A mão-de-obra mantida até este momen-

6 José de S. Martins. A formação do espaço regional do Tijucuçu e de São Caetano. Revista Raízes, São Caetano do Sul, nº 5, jul. 1991, p. 4-17.

7 Luiz G. Piratininga Júnior. Dietário dos escravos de São Bento: originários de São Caetano e São Bernardo. São Paulo: Hucitec/PMSCS, 1991, p. 53.

8 Decreto 3784 de 19/janeiro/1867. Artigo 1º - As colonias do Estado serão creadas por Decreto do Governo Imperial, com designação do respectivo nome e districto colonial previamente escolhido, medido e demarcado por engenheiro do Governo.

to era composta por escravos africanos, vindos com o tráfico negreiro. As pressões inglesas haviam feito o tráfico transoceânico diminuir. Mas, a compra e venda de escravos no interior do país permanecia. A vinda de um grupo de suíços no ano de 1850 deu início à nova fase da imigração de europeus para o Brasil. Coexistiam então o trabalhador livre e o escravo, o que gerou muitos conflitos quanto ao tratamento e as formas de trabalho, entre os donos de fazendas e os imigrantes.

Estava intrínseca nesta política imigrantista, em uma de suas vertentes, a necessidade de branquear a população. Esta era formada em sua maioria por índios, africanos e portugueses que, com o passar dos tempos, miscigenaram-se. Era uma maneira adequada de aumentar a oferta de mão-de-obra, e ao mesmo tempo trazer um maior número de pessoas brancas para o país.

Os núcleos foram criados em locais não propícios para a grande lavoura, próximos a estradas de ferro e rios. As terras eram férteis para o cultivo de milho, feijão e batatas, de modo a possibilitar o desenvolvimento do lugar pelo comércio ou pela indústria e evitar a concorrência com os grandes produtores. Esse foi o caso do núcleo colonial estudado.

Os núcleos visavam a colonização de terras por imigrantes. A princípio localizavam-se distantes dos centros produtores de café, para evitar a possível mudança do imigrante recém-chegado e o contato destes com os escravos. A possibilidade de aquisição de terras em forma de pequenas propriedades atraiu para o Brasil um grande número de pessoas, ainda mais pelas subvenções em dinheiro oferecidas pelo governo.

A legislação brasileira estabeleceu o tipo de imigrante que lhe interessava para ingressar no país: exigia um certificado de boa conduta, proibía o embarque de menores de 12 anos sem acompanhantes, de pessoas idosas, de indivíduos com algum tipo de deficiência e estava atento para a proporção de homens e mulheres solteiros⁹.

A Itália foi um país fornecedor de mão-de-obra barata em fins do século XIX, por suas condições sócio-políticas e econômicas. Os italianos pequenos proprietários nortistas, vindos da região do Vêneto, a princípio instalaram-se nos núcleos coloniais como o de São Caetano. Eles haviam abandonado suas terras porque, com

a integração do Vêneto ao mercado nacional recém-unificado (1870), as bases de sustentação dessa economia campo-

⁹ José F. D. Carneiro. Imigração e colonização no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1950, p. 30-34.

nesa começaram a ruir. Entre as possíveis causas da proletarização desses pequenos proprietários, que foram obrigados a se ocupar ocasionalmente de outros afazeres para completar o orçamento doméstico, pode-se incluir: a tradição de dividir a terra quando os filhos se casavam; a ausência de melhorias técnicas na agricultura; a pesada carga tributária que sobre eles caía; a alteração ecológica com a devastação das florestas e com a conseqüente diminuição das chuvas. Há que se ter em conta também a explosão demográfica na zona rural.¹⁰

Quando saíram do seu país não tinham a pretensão de voltar, desfaziam-se de todos os seus bens e de sua pequena propriedade que "lhes dava uma ilusão de independência"¹¹, o que não ocorria mais nestes anos. Todos aceitavam os contratos de trabalho impostos e os locais para onde deveriam ir quando chegassem ao Brasil; a imigração surgiu como solução para a sobrevivência.

Os imigrantes desembarcavam em Santos, vinham de trem para a Hospedaria dos Imigrantes¹² na cidade de São Paulo, local onde todos os imigrantes se dirigiam quando chegavam ao país, permanecendo lá por oito dias. Traziam um prospecto contendo as condições mínimas para o imigrante que tivesse pretensões de fixar-se em um núcleo, no estado de São Paulo, na localidade que o governo tivesse lotes disponíveis. Seria possível escolher entre três tipos de lotes, com preços diferentes de acordo com a extensão, além das formas de pagamento:

Cada agricultor que se estabelecer em uma Colônia do Estado, terá direito a um lote de terra. Estes lotes dividem-se em três classes: a 1ª é de 125.000 braças quadradas, tendo 605.000 metros quadrados, a 2ª é de 62.500 braças quadradas e 302.500 metros quadrados, e a 3ª é de 31.250 braças quadradas e 151.350 metros quadrados, valendo a um preço que será fixado pelo Diretor da Colônia, e que poderá variar de 2 a 8 réis cada braça quadrada, ou seja, o metro quadrado

¹⁰ Antonio Folquito Verona. Pacto social e luta operária em Schio. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh/Humanitas Publicações, nº 34, 1997, p. 21

¹¹ Zuleika M. F. Alvim. Brava gente! os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 31.

¹² A Hospedaria dos Imigrantes foi construída no bairro do Brás, na Capital, próxima a ferrovia Santos-Jundiaí, pelo presidente da Província de São Paulo Visconde de Parnaíba.

4,84. (...) o pagamento será feito em cinco parcelas, começando do fim do segundo ano da posse do colono.¹³

Depois da parada obrigatória na Hospedaria, os italianos rumaram para São Caetano, de trem. A ferrovia construída pelos ingleses havia sido inaugurada em fevereiro de 1867, com algumas paradas nos locais considerados mais importantes. Existia uma estação na Hospedaria. A estrada de ferro, que ligava as cidades de Santos a de Jundiaí, foi a primeira a ser construída no estado de São Paulo.

Em São Caetano ainda não existia uma estação para o desembarque das pessoas, obrigando-as a saltarem do trem com suas bagagens. No depoimento de Dona Esperança Martorelli Cairo existem lembranças contadas por sua avó sobre o dia da chegada no porto de Santos:

Quando eles chegaram em Santos, desceram do navio, então o governo daqui levou muitos negros para descarregar a bagagem deles do navio. Foi quando eles viram pela primeira vez gente negra, eles nem sabiam que existia, minha avó falou. Justo muitos desses aí vieram no trem com eles, aí eles desceram no Brás naquele dia, mas a bagagem ficou dentro do trem, no dia seguinte aí veio o maquinista e levou eles para o lugar onde eles tinham que ir. Quando eles chegaram aí no rio dos Meninos, naquele lugar que desceram eles viram que não tinha nem estação, não tinha nada (...) nas bagagens eles trouxeram muita pá, picareta, espingarda, eles trouxeram tudo que puderam da Itália.¹⁴

A antiga fazenda era o local ideal. Havia as construções que permaneceram nas terras, que serviriam de abrigo para as pessoas, já que, de acordo com a legislação, as colônias deveriam ter um edifício especial para receber os recém-chegados até a construção de suas casas¹⁵. Neste caso a construção de um prédio não foi necessário, a antiga casa-grande dos beneditinos foi suficiente para acomodar todas as pessoas.

Mas as condições de vida dos colonos foi extremamente precária

13 "Ogni agricoltore che si stabilirà in una Colonia dello Stato, ha diritto ad un lotto di terreno. Questi lotti si dividono in tre classi:

La 1ª è di 125.000 braccia quadrate, ovvero 605.000 metri quadrati

La 2ª è di 62.500 " " " 302.500 "

La 3ª è di 31.250 " " " 151.350 "

valutati ad un prezzo che sarà fissato dal Direttore della Colonia, e che potrà variare da 2 a 8 reis ogni braccio quadrato, ossia metri quadrati 4,84. (...) il pagamento sarà fatto in cinque rate, a cominciare dalla fine del secondo anno di possesso del colono." (Emigrazione al Brasile, vantaggi offerti agli emigranti.1877.)

14 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

15 Decreto 3784 de 19/janeiro/1867, capítulo III - Recepção e estabelecimento de colonos.

quando de sua chegada, em 28 de julho de 1877. As 28 famílias encontraram as ruínas das construções da antiga fazenda composta pela casa-grande, a capela e as 12 casas das antigas senzalas. Além disso, moravam no local quatro famílias de brasileiros, três formadas por ex-escravos dos beneditinos e uma família de alemães. Tudo estava por fazer. As construções abrigaram as pessoas até que conseguissem viver adequadamente, os representantes do governo provincial, mantiveram um escritório da Inspetoria de Terras e Colonização¹⁶ neste mesmo espaço. A legislação das colônias do Estado determinava a criação de uma junta, para viabilizar a tutela, composta por oito membros: o diretor do núcleo, um médico e seis colonos. Os colonos que quitassem suas dívidas poderiam compor o grupo. Na impossibilidade de participação de todos os componentes, a junta funcionaria somente com o diretor.¹⁷ Neste período muitos faleceram, principalmente crianças, devido a febre tifóide o que gerou outros problemas, como o da falta de um cemitério na colônia e de um padre para encomendar os mortos. A solução foi o comparecimento de um padre quinzenalmente na localidade para celebrar missas, batizar crianças e rezar pelos falecidos. Mas os mortos ainda não tinham um cemitério. Eram enterrados no de São Bernardo, até que o pároco local não os aceitou mais. Eram então encaminhados ao cemitério da Consolação em São Paulo entre 1878 e 1893; a partir deste ano passaram a ser sepultados no recém inaugurado Cemitério Municipal do Brás¹⁷, até a construção do cemitério local no ano de 1911. O regime de tutela dos imigrantes previa algumas funções a serem cumpridas pelo governo imperial, representado na colônia pelo escritório da Inspetoria: ceder gêneros alimentícios, antecipar os instrumentos agrícolas, contribuir na demarcação dos lotes, ajudar nos enterros e nas missas, providenciar padres e médicos. A legislação também previa o sustento dos colonos até o seu estabelecimento no lote adquirido, e eles deveriam receber um auxílio em dinheiro e as sementes necessárias para as primeiras plantações assim que tomassem posse. Mesmo com a legislação em vigor, os entraves entre o governo e os colonos persistiram e nem sempre as leis eram cumpridas. Os colonos ficaram morando nas casas precárias sem terem seus lotes distribuídos até janeiro de 1878. Neste mês os primeiros colonos começaram a receber as suas terras. A distribuição teve início no primeiro dia do mês de janeiro, tudo com muita morosidade. Os alimentos e as sementes para o plantio não eram fornecidos com frequência e as diárias pelo trabalho realizado nos

16 A Inspetoria Geral de Terras e Colonização foi criada em 1876 pelo governo imperial. Tinha como função promover e organizar todos os serviços relacionados a imigração.

17 Decreto 3784 de 19/janeiro/1867, capítulo II - Administração das Colônias

18 Também conhecido como Cemitério da Quarta Parada. O primeiro enterro ocorreu no dia 6/janeiro/1893.

lotes não eram pagas. Esta situação gerou duas manifestações de descontentamento, na primeira o diretor do núcleo colonial chegou a ser aprisionado.¹⁹

A tutela do governo durava em média dois anos, até que fosse efetuada a primeira colheita - esse era um dos pontos do contrato entre imigrantes e governo. Na colônia de São Caetano, a tutela terminou em 3 de junho de 1879, quando as famílias que permaneceram nas terras conseguiram estabelecer-se em seus lotes. Os funcionários do escritório ainda permaneceram na colônia por alguns meses depois do término do prazo.

Neste momento os colonos já haviam aberto as valas que delimitavam os lotes, plantavam cereais, comercializavam carvão e cultivavam uva. Com estas atividades conseguiam o suficiente para a sobrevivência e até a venda de algumas mercadorias. O carvão era o mais lucrativo: a lenha era retirada da mata gratuitamente, para em seguida ser queimada e vendida em São Paulo.

Nem todas as famílias que chegaram em julho de 1877 permaneceram em São Caetano. Muitos mudaram para as colônias do Sul do país, na atual região do estado do Rio Grande do Sul conhecida como Serras Gaúchas, outros foram para a Argentina e outros voltaram para Itália.

No ano da desvinculação da colônia com o governo imperial, 1879, o bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues Carvalho, aprovou um pedido dos imigrantes para a criação de uma irmandade religiosa na localidade. Deste modo, algumas ações do então extinto escritório da Inspeção de Terras e Colonização foram assumidas pelos colonos, como a realização das missas mensais - que não ocorriam realmente com esta frequência - e a organização dos enterros. As deliberações da Irmandade eram semelhantes as da junta administrativa.

Em 1882, a Irmandade conseguiu licença para celebrar uma missa anual no dia sete de agosto, acompanhada de uma festa em homenagem ao santo protetor da localidade. Esta licença foi necessária para o comparecimento, imprescindível, do pároco no dia indicado. Foi o início da "Festa de São Caetano", a partir do ano de 1883.

Segundo os depoimentos dos antigos moradores²⁰, esta foi uma época difícil. Plantavam alimentos para a sobrevivência como mandioca, batata e também salsa, alho e uva. Com o dinheiro da venda de seus produtos, compravam em São Paulo a farinha para fazer o pão e as massas. A venda do carvão e dos ovos ou das pequenas criações de galinhas

¹⁹ José de S. Martins. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec/PMSCS, 1992, p. 138.

²⁰ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

e pombos ajudava a aumentar a renda. Com o tempo, a caça foi ficando rara, pois o desmatamento para o fabrico do carvão contribuía com o deslocamento dos animais. A pesca também era fonte de alimento. À medida que ocorreram aquisições de animais maiores como vacas leiteiras e mulas para o transporte, a vida foi tornando-se mais fácil e as entregas do carvão ficaram mais rápidas.

No início dos anos 80, os três fornos dos antigos proprietários beneditinos ainda permaneciam em condições de uso e passaram a ser aproveitados pelos colonos para fazer tijolos. Eles fundaram a primeira olaria e, assim, reconstruíram e ampliaram suas casas, que até este momento eram de madeira. Do ano da criação do núcleo, 1877, até o dia 1º de maio de 1883, data da inauguração da estação de trem, a comunicação e o deslocamento das pessoas eram feitos principalmente pelas trilhas na mata, a pé, a cavalo, de carroça, ou de barco pelo rio Tamandua-teí. Como não existia a estação, os moradores recorriam a certos sinais para tomar o trem. No depoimento de Dona Esperança Martorelli Cairo as recordações recaem sobre as bandeirinhas balançando no ponto mais alto da igreja, que ainda era uma pequena capela barroca.

(...) fez uma porção de bandeirinhas vermelhas e pôs na capela, quem ia pegar o trem, pegava uma bandeirinha daquela vermelha e colocava lá, aí então o maquinista via que tinha uma bandeirinha vermelha então ele parava, sabia que tinha gente para subir, a bandeirinha ficava lá até eles voltarem, quando voltavam de São Paulo aí eles tiravam a bandeirinha e o trem não parava mais lá.²¹

As bandeiras eram colocadas na igreja e, quando avistadas pelo maquinista, ele reduzia a velocidade e efetuava o embarque das pessoas, muitas vezes com a composição em movimento. Por estes e outros transtornos a estação de trem foi construída, em um local mais distante da igreja, e mais alto, porque quando chovia muito a enchente não permitia a parada do trem ou até mesmo sua passagem. Diariamente a estação recebia dois trens, um pela manhã em direção a Santos e outro à tarde em direção a São Paulo. Durante a "Festa de São Caetano", mais dois trens faziam a parada na colônia, como se pode ver numa notícia de jornal:

S.Paulo Railway Company.

Festa de S. Caetano.

Devendo ter lugar esta festa no proximo domingo, 12 do

21 Idem, ibidem.

corrente mez, na colonia de S.Caetano, as pessoas que a ella quizerem assistir poderão seguir pelos seguintes trens:
trem especial: S. Paulo/partida 8.30,
trem ordinario de passageiros: S. Paulo/partida 10.0,
trem especial: S. Paulo/partida 4.0.
Preços das passagens: 1ª classe singela 940 rs.,
2ª classe singela 440 rs. e 1ª classe ida e volta 1\$620.²²

Nestes anos a mão-de-obra dos colonos contribuiu com a construção do Museu Paulista do Ipiranga. As obras tiveram início em 1885 e foram consideradas concluídas em 1890. Os pedreiros, pintores, marceneiros, carpinteiros e outros profissionais foram recrutados entre os italianos, que moravam em São Paulo²³. O arquiteto responsável era italiano e julgava que seus conterrâneos tinham mais habilidades do que os brasileiros para construir este tipo de *palácio*. De fato, o depoimento de Dona Joana Fiorotti Zanini²⁴ trata da participação do pai e do tio, como pedreiros na construção do Museu. Os dois iam a pé de madrugada, por São João Clímaco e pelo Moinho Velho, porque o trem só passava em direção a São Paulo no final da tarde. Os mais velhos ficavam na colônia cuidando das plantações, apenas os mais novos procuravam outros afazeres.

No ano de 1887, foi feita uma nova distribuição das terras da colônia²⁵, sendo os lotes divididos em urbanos e rurais: eram as terras que foram abandonadas ou que ainda não tinham proprietários. Com a chegada de novos colonos e com a instalação da estação de trem, as relações de convívio entre as pessoas na localidade diversificaram-se, tornando-se, por vezes, conflituosas.

Com o crescimento econômico e a expansão da área inicial estabelecida para o núcleo, a necessidade de aprender a língua portuguesa foi aumentando. A participação do vice-cônsul da Itália em São Paulo tornava-se imprescindível em quase todos os negócios que envolvessem italianos e brasileiros. Apenas o colono Emílio Rossi tinha a fluência na língua nacional e era o representante dos moradores. As vendas do vinho, do carvão e de outras mercadorias ocorriam e não expandiram pelas dificuldades com a língua portuguesa. Os colonos conseguiram aulas particulares de português nesta época.

²² A Província de São Paulo, 11/ agosto/1883.

²³ Franco Cenni. Italianos no Brasil: andiamo in Merica. São Paulo: Martins Fontes, 1975, p. 328.

²⁴ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

²⁵ Desde 1884, as famílias de imigrantes que se instalassem nas fazendas ou em núcleos coloniais da província de São Paulo não precisariam mais arcar com os gastos de transporte: o governo, a partir deste momento, pagaria as passagens. Angelo Trento. Tradutor: Luiz E. de L. Brandão. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989, p. 23.

Em 1890 foram criadas quatro olarias de propriedade de italianos. Neste ano, ocorreram protestos dos moradores, porque os impostos foram cobrados duas vezes. A confusão foi originada pela instalação da Intendência Municipal de São Bernardo, no dia 12 de maio. A nova intendência enviou cobradores aos seus bairros, entre eles São Caetano, que por sua vez já havia feito o pagamento para a cidade de São Paulo. Segundo um documento do Paço da Intendência Municipal de São Paulo, esclarecendo o ocorrido, a localidade deveria pagar seus impostos para a Capital:

São Caetano sempre esteve e ainda esta em suas relações policiaes debaixo da jurisdição do Subdelegado do Braz. Seus moradores sempre foram parochiados pelo vigario do Braz e não de S. Bernardo. Todas as suas relações commerciais são com esta Capital n'aquelle relatorio a que me referi, quando se trata das divisas do Braz, dá-se como limite com S. Bernardo a estrada que de Mogy segue para Santos, estrada essa que esta muito além do Ribeirão dos Meninos e de toda a colonia: por isso, embora installada a villa de S. Bernardo, não teve escrupulo em mandar fazer collecta em S. Caetano, na mente e na certeza de estar usando de um direito.²⁶

A falta de definição dos limites causou esta dupla cobrança. A localidade apresentava um bom rendimento para ser disputada entre os dois municípios. São Caetano passou a ser distrito fiscal de São Bernardo no ano de 1901. Até esta data os impostos eram cobrados pela cidade de São Paulo. Tornando-se um bairro de São Bernardo²⁷, a localidade permaneceu nesta condição até conseguir a autonomia administrativa em 1948, quando passou a chamar-se São Caetano do Sul.

Apesar da cobrança de impostos as condições de higiene eram precárias e as doenças persistiam, por motivos como a inexistência de médicos na região. Com a fundação da Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli"²⁸, em novembro de 1892, tentou-se sanar estes e outros problemas. O terreno e o prédio da associação foram doados e construídos pelos moradores. A Irmandade de São Caetano, neste momento, não supria mais as necessidades da comunidade.

A Società "Principe di Napoli" foi mais uma das associações fun-

26 Número de ordem 5542. Paço da Intendencia Municipal de São Paulo. 26/dezembro/1890. Enviado ao Governador do Estado. Arquivo do Estado de São Paulo. (AESP)

27 Em 1938 o município de São Bernardo ou Estação de São Bernardo passou a denominar-se Santo André. A Vila de São Bernardo foi denominada de São Bernardo do Campo em 1944.

28 Francesco II, filho do falecido rei Fernando II di Napoli, era contra as reformas liberais e um acordo com o recém-unificado Reino da Itália. Ostentou o título de Príncipe di Napoli, que era concedido ao herdeiro do trono.

dadas por italianos a partir da década de 1890 no Brasil, seguindo os moldes das associações italianas. Estas entidades acabaram por tornar-se o elo de ligação com a terra natal e normalmente eram formados por pessoas vindas da mesma região. A denominação que recebiam eram em homenagem a reis, príncipes, poetas, cantores ou qualquer cidadão italiano considerado importante para o grupo.

Nos anos de 1898 e 1899 foi formada pelos moradores uma comissão para a reconstrução da capela. A igreja barroca foi demolida e teve início a construção da matriz, atualmente chamada de matriz velha. Nestes anos a Fábrica de Refinação de Açúcar e de Destilação de Bebidas Alcoólicas do Banco União de São Paulo expandiu-se e um novo prédio foi construído. Os terrenos da Fábrica de Tijolos Paulista ao lado da igreja foram comprados por Pamplona, Sobrinho & Companhia, que inauguraram a Fábrica de Sabão e Graxa - no mesmo local que a princípio deveria ser destinado para a ampliação da igreja e construção do cemitério. Este local denominado de lote reservado, como consta do traçado inicial do núcleo, era cercado pelo rios Tamandateí e dos Meninos e pela Estrada de Ferro, que por sua vez, precisou desapropriar alguns lotes e parte deste lote reservado para a sua duplicação, reduzindo ainda mais o tamanho do terreno. Este mesmo local foi adquirido pelas Indústrias Reunidas F. Matarazzo em 1916.

Durante todo o período estudado, foi possível verificar a atenção que a comunidade dispensou à escola. As inúmeras dificuldades encontradas pelos italianos, desde sua chegada nas terras até a construção de suas casas, não os impediram de reivindicar a escola para seus filhos. Com o passar dos anos a escola tornou-se necessária para os adultos, porque as relações comerciais foram se ampliando. Essas novas relações e as fábricas transformaram, aos poucos, a comunidade rural em industrial. As olarias e as roças foram substituídas pelas fábricas, a população diversificou-se, a cidade cresceu e as crianças permaneciam na escola por mais tempo. A cidade, toda urbanizada, conseguiu sua autonomia política do município de Santo André no ano de 1948.

As Indústrias Reunidas F. Matarazzo incentivaram este desenvolvimento urbano. Atualmente as suas ruínas circundam a igreja, como nos velhos tempos das ruínas da casa-grande, das senzalas e das olarias dos beneditinos. Afinal, desde a criação do núcleo, esta área foi instituída como o local ideal para a construção do cemitério, por já existirem jazigos de índios e escravos ao lado da igreja - ela bem poderia ser o local de um novo cemitério.

Hoje, o espaço é utilizado para eventos, como a "Festa Italiana" no mês de agosto, revivendo a antiga festa dos italianos e reunindo alguns dos moradores que ainda descendem daquelas famílias pioneiras. A maioria da população atualmente é formada por uma miscigenação de

imigrantes e migrantes. Estas pessoas foram atraídas para a cidade pelos mais diversos motivos, como: o emprego nas fábricas, nas lojas e supermercados, a proximidade com a Capital, para trabalhar na estrada de ferro, pelo preço acessível dos terrenos, ou por terem parentes que moravam na cidade etc.

Com o crescimento do comércio e da população as escolas ocuparam novos espaços. As duas salas de primeiras letras que foram criadas há mais de um século multiplicaram-se em muitas escolas públicas e particulares, da pré-escola à universidade. As pequenas "vendas", de secos e molhados, foram substituídas por "mercadinhos" e supermercados, que vivem à sombra de grandes redes de hipermercados instaladas na cidade, concorrendo de forma desigual com o modesto supermercado local.

A *Matarazzo* teve destaque especial no desenvolvimento local.

Em alguns momentos tinha-se a impressão de que toda a população chegou a trabalhar, ao menos por alguns meses, nesta empresa - era como se toda a cidade funcionasse pela e para a fábrica. Mas ela foi desativada e algumas das pessoas que trabalhavam lá realocaram-se em outra grande indústria, uma montadora de automóveis, que nas últimas décadas assumiu um papel de grande importância, a ponto de, em toda família um de seus membros trabalhar nesta empresa.

Na cidade de São Caetano do Sul a trajetória da escola, do final do século passado até as duas primeiras décadas deste século, pode ser relatada nesta pesquisa. Mas, as histórias de todas as outras escolas da região do ABC ainda não foram escritas. Os documentos estão aguardando os pesquisadores interessados.

1. AS ESCOLAS DE 1883 A 1900

Duas cadeiras de primeiras letras foram legalmente criadas no Núcleo Colonial de São Caetano no dia 30 de março de 1883. Eram compostas por duas escolas, uma masculina e outra feminina¹, cada uma com uma sala. Após a sua criação o próximo passo seria a instalação, como não existia no núcleo nenhuma edificação apropriada para o seu funcionamento, o colono Emilio Rossi enviou no dia 4 de abril de 1883, uma proposta ao governo provincial:

de construir a sua custa (do colono) no praso de sessenta dias a contar da data da assignatura do contracto - duas salas terreas com dous respectivos gabinetes, duas latrinas distinctas e um pequeno quintal cercado, sendo as salas de quatro metros quadrados e o gabinete de um metro e meio de frente sobre quatro de fundo, forrados e assoalhados, pintados ou forrados a papel. Essas salas e gabinetes propõe-se o abaixo assignado a construir no centro da Colonia a margem da estrada que vai desta capital a S. Bernardo passando pelo meio da mesma colonia em terreno seu pertencente ao lote nº 16, que ali possui por titulo definitivo.²

Como a proposta de Rossi ao governo finalizava com o valor do aluguel a ser cobrado pelo uso das futuras construções, a solução não foi aceita, pois o governo sabia da existência de moradias na colônia - aquelas que haviam abrigado o escritório da Inspetoria de Terras e Colonização. Assim, não havia a necessidade de o governo despender verbas para a construção de escolas. Sem sombra de dúvida, o estado precário das casas não era levado em conta, embora algumas já estivessem ali há mais de cem anos.

O colono Rossi escreve sobre o título definitivo de sua propriedade. Neste caso deve tê-lo escrito para afirmar que os lotes eram parte de suas propriedades. Os colonos tinham até este momento os títulos provisórios.³ Os definitivos só passaram a ser entregues aos moradores, mesmo os que chegaram nos primeiros anos, no ano de 1891, quando o

1 Esta era a denominação dada para as atuais escolas de ensino fundamental, com classes separadas de acordo com o sexo; cada classe era considerada uma escola.

2 Número de ordem 4886. Carta do colono Emilio Rossi ao Presidente da Província. 4/abril/1883. Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).

3 Os títulos provisórios eram cedidos aos colonos que compraram as suas terras a prazo, e assinados pelo diretor da colônia. Os títulos definitivos eram entregues aos colonos que haviam quitado suas dívidas, e eram assinados pelo presidente da província. Decreto 3784 de 19/janeiro/1867.

governo conseguiu que todos os lotes tivessem proprietários e que alguns já estivessem quitados. Os títulos definitivos eram acompanhados por outros documentos que continham os valores pagos pelos colonos.

Os colonos não desistiram de construir um prédio para a escola e enviaram um abaixo-assinado com 41 assinaturas ao vice-presidente da Província com data de 14 de junho de 1883. Deste total de assinaturas 12 foram feitas por representação e o nome de Rossi não constava da listagem. O documento lamenta a remoção da professora Felicidade Perpétua de Macedo, elogia o seu trabalho e pede a construção de "uma ou duas casas de pouco preço destinadas a nellas funzionarem ditas aulas"⁴. Assim a escola era entendida como parte da comunidade, sendo necessária apenas a sua construção. Parte dos colonos, chefes de família eram alfabetizados e reivindicavam condições físicas para o aprendizado de seus filhos. Neste momento estavam estabelecidas no núcleo 46 famílias.

Quanto à remoção da professora da escola feminina não existiu muitos problemas, pois no mês de agosto as duas escolas, feminina e masculina, já contavam com seus professores.

A escola era uma promessa antiga do governo. Desde a chegada ao núcleo os imigrantes esperavam pela sua criação. No prospetto que assinaram na Itália a escola e a assistência religiosa seriam garantidas:

Em cada colônia, os imigrantes receberão a instrução moral e religiosa que será concedida a todos por um padre católico ou por um pastor protestante, segundo a sua religião, como também escola para as crianças de ambos os sexos.⁵

1.1 As salas de aula e suas localizações

As escolas tiveram várias localizações até a construção de um edifício, anos depois. Algumas das mudanças das escolas podem ser acompanhadas com as informações contidas nos relatórios dos professores.

A professora Maria Adelaide do Carmo Machado, substituiu a professora Felicidade. Veio da cidade de Atibaia e assumiu as aulas da escola feminina durante o segundo semestre do ano de 1883. Em seu re-

4 Número de ordem 1257. Abaixo assinado dos colonos ao Vice-Presidente da Província. 14/junho/1883. (AESP.)

5 "In ogni Colonia, gli Emigranti troveranno l'istruzione morale e religiosa che sarà loro impartita da Preti cattolici o da Pastori protestanti, secondo la loro religione, come pure scuole per i ragazzi d'ambo i sessi." (Emigrazione al Brasile, vantaggi offerti agli emigranti. 1877)

latório de novembro do mesmo ano, ela comenta:

A respeito commodo para dar aula tem sido uma nova luta, por falta de casa propria. A igreja é o lugar onde dou aula e não acho muito proprio, além d'isso venta muito no lugar em que está collocada a mesma, di maneira que fechando a porta ficamos quasi as escuras, de mais se aqui tivesse casa não me veria obrigada a vir todos os dias e voltar o que me é assás penoso, principalmente em dias chuvosos, como já me tem acontecido por varias vezes.⁶

A escola feminina foi instalada na igreja, apesar da insistência dos colonos pedindo a construção de um prédio adequado. As casas das antigas senzalas deveriam estar ocupadas nesta época, obrigando a escola a permanecer dentro da igreja, e a professora a ir e vir da Capital todos os dias. No mês de julho de 1884, um ano após a criação das escolas, a escola feminina ainda funcionava no mesmo local. Esta permanência foi um dos motivos de a Irmandade de São Caetano enviar um pedido à Inspecção Geral da Instrução Pública solicitando a desocupação da igreja, porque ela seria reformada. Pode ser que essa tenha sido também mais uma forma de pressionar o governo a construir as casas das escolas. A escola feminina mudou-se para uma das casas da antiga senzala, como a utilizada pela escola masculina.

Em 1896 com a construção de uma casa, conhecida como "Palacete", a escola mudou-se novamente, mas agora a convite da família De Nardi, proprietária da casa. O antigo colono Celeste De Nardi estava em São Caetano desde 1877 e foi um dos que participou do abaixo-assinado de 1883, pedindo a construção de casas para as escolas. Como as suas posses permitiam, cedeu uma sala de sua casa para uso da escola feminina, que foi depois denominada de "1ª escola feminina" e permaneceu neste local até a inauguração do prédio do grupo escolar. A legislação previa o pagamento de aluguel da sala de aula, pago com o salário do professor, mas neste caso não tenho informações suficientes para esclarecer se a sala da escola foi alugada ou simplesmente cedida. Toda a casa e a sala da escola eram assoalhadas e tinham amplas janelas, como ditavam os códigos de higiene escolar. Anos depois esta casa foi usada como a sede provisória do grupo escolar. A construção abriga atualmente o Museu Histórico Municipal.

A escola masculina também mudou algumas vezes. No primeiro relatório semestral do professor Joaquim Ferreira Alambert, ele narra:

⁶ Número de ordem 5098. Relatório da professora Maria A. do C. Machado ao Director Geral da Instrucção Publica. 1/ novembro/ 1883. (AESP)

Entrei em exercicio do meu emprego em 1º de agosto, (...) a aula acha-se funcionando, por falta casa, num pequeno quarto quasi sem ar, sem luz isso que não tem as propriedades recommendadas pela hygiene, tam necessarias á saude do mestre e dos discipulos. Sem uma casa com boas accomodações, sem os moveis e utensis escolares, os alumnos apresentam, um adiantamento satisfactorio⁷.

As péssimas condições de higiene da escola, provavelmente seriam a falta de iluminação adequada, de circulação de ar e de assoalho no piso. A escola deveria estar localizada em uma das casas da antiga senzala e, conseqüentemente apresentar sinais da má conservação.

No ano de 1899, o professor Manoel dos Reys, alguns meses antes de pedir a sua aposentadoria, teve de encontrar um local para abrigar a escola masculina. Como já foi dito, as antigas construções compostas pela casa-grande, a capela e as casas da senzala seriam demolidas pelos moradores e, somente a igreja seria reconstruída. A escola masculina teve de deslocar-se. Foram várias as tentativas do professor para encontrar uma casa para a escola e, como não conseguiu, enviou um ofício ao governo comunicando a impossibilidade da mudança. O governo respondeu ao seu ofício, pedindo que efetuasse os exames finais e iniciasse as férias, também propôs que uma das casas da localidade, que tivesse uma boa sala, abrigasse a escola, como já ocorria com a escola feminina. A solução foi encontrada no mês de dezembro, quando o professor comunica:

que acabam de realizar-se os exames geraes na eschola a meu cargo sob a presidencia do inspector escholar. (...) fiz remover os moveis e mais objectos escholares, constantes do Livro de Inventario que fica em meu poder, para uma dependencia da casa do cidadão Jacob Dalcin, a cuja guarda foram entregues até que seja convenientemente installada a eschola no proximo anno lectivo.⁸

Estes móveis e objetos escolares anotados pelo professor, eram formados por um conjunto de dez carteiras inteiriças de madeira e um quadro-negro, conforme o mapa apresentado pelo inspetor escolar. Os materiais permaneceram na casa da família Dalcin, antigos moradores de São Caetano, até conseguir um local para a instalação definitiva da

⁷ Número de ordem 5098. Relatório do professor Joaquim F. Alambert ao Inspetor Geral da Instrução Pública. 1/ novembro/1883. (AESP)

⁸ Número de ordem 5001. Comunicado do professor Manoel dos Reys ao Inspetor Geral do Ensino Publico. 2/dezembro/1899. (AESP)

escola. Esta acabou sendo transferida para as proximidades da estação de trem da São Paulo Railway Company, ocupando uma das salas de uma casa de Casemiro Alonso, funcionário da estrada de ferro. A escola, que depois foi chamada de "1ª escola masculina", permaneceria nesta casa por muitos anos.

1.2 Professoras e professores

Os lugares ou as chamadas cadeiras de primeiras letras, foram escolhidas pela professora da escola feminina em abril de 1883 e pelo professor da escola masculina em agosto do mesmo ano.

Alguns dos professores das escolas de São Caetano ainda não haviam cursado a Escola Normal. A legislação aceitava professores não-titulados, mas que tivessem feito um concurso para serem nomeados. Este é o caso das professoras Felicidade Perpétua de Macedo, Elisa Angélica de Brito Alambert e do professor Joaquim Ferreira Alambert, sendo que os professores Joaquim e Felicidade cursaram a Escola Normal depois de terem as aulas atribuídas. A professora Elisa só frequentou o primeiro ano do curso. Os demais professores da localidade seriam todos normalistas ou diplomados no curso preliminar e, a partir de 1894, poderiam usar um *anel distintivo* valorizando a sua formação acadêmica.

1.2.1 Escola feminina

A primeira professora da colônia foi Felicidade Perpétua de Macedo. Trabalhou na escola de meados de abril até maio do ano de 1883, quando foi removida. Em um documento assinado por ela, datado de 14 de abril, pede ao Inspetor Geral da Instrução Pública que "se digne a mandar prover a dita escola dos moveis e utensilios necessarios"⁹. Os moradores acabavam cedendo bancos e outros objetos que pudessem ser necessários ao seu funcionamento - quando não cediam as próprias casas, como ocorreu nesta colônia.

Os colonos em abaixo-assinado ao presidente da província datado do mês seguinte ao da remoção da professora, escrevem:

⁹ Número de ordem 5039. Relatório da professora Felicidade P. de Macedo ao Inspector Geral da Instrução Pública. 14/abril/1883. (AESP)

Para mais realçar o merecimento de tão digna Professora convem que V.Ex^a. saiba que apesar de removida para uma cadeira desta cidade, tem ella ido até hoje dar aulas as suas ex-discipulas, apoz haver terminado o cumprimento de seu dever na cadeira do 1º Districto, e isto por simples dedicação e sem interesse ou retribuição alguma. (...) os abaixo assignados ao mesmo tempo que agradecem a acertada nomeação que V.Ex^a. fez a tão distincta Professora para a mencionada cadeira da Colonia, manifestam seu pezar pelo facto de por tão pouco tempo ter sido ella ali conservada e não quizerem perder o ensejo de fazer realçar os muitos merecimentos da mesma Professora.¹⁰

A professora é elogiada, pois apesar de ter deixado as aulas continuou a freqüentar a colônia durante o mês seguinte. Para a professora, que ainda era normalista, talvez tivesse sido interessante assumir uma cadeira recém-criada em local próximo da Capital. Com sua remoção teria maiores possibilidades de concluir seu curso na Escola Normal.

No segundo semestre deste ano, a professora Felicidade deixou de ir definitivamente à colônia, para assumir a escola do primeiro distrito da capital, chamado Sul da Sé. Anos depois já tendo concluído o curso Normal foi contratada para ministrar as aulas de Desenho e Caligrafia na Escola Normal de São Paulo.

No relatório da professora Maria Adelaide, encontra-se um elogio à boa vontade das alunas em aprender. Ela era a segunda professora e, antes dela, talvez as suas mães, tias ou avós exercessem esta função, quando capacitadas para tal, ou, ainda, esta poderia ser a primeira vez que estas crianças vivenciassem este acontecimento. A novidade em deslocar-se para ir à escola, o recreio e as atividades diferentes das de casa, a professora que chegava de trem eram formas de incentivar as crianças a comparecerem. Lembra Dona Joana F. Zanini em seu depoimento:

Quando comecei a ir a escola e tinha uma professora só. Ela vinha com o trem das nove, nós saíamos as três e meia. (...) eu era pequena, fui com sete anos na escola. Eu tinha uma companheirinha que vinha comigo, porque eu vinha sozinha (...) A escola era perto da igreja grande, lá embaixo, nós iam na escola tudo descalças (...) na escola pulava corda,

10 Número de ordem 1257. Abaixo assinado com 41 assinaturas, dos colonos ao Presidente da Província. 14/junho/1883. (AESP)

11 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995

brincava de pegador, de tudo essas coisas assim. Porque tinha o recreio quando a gente saia comer o lanche.¹¹

O programa das escolas de ensino primário para meninas compreendia leitura, aritmética, gramática, princípios da moral cristã, doutrina da religião do Estado e prendas domésticas. Estes conteúdos seriam todos cumpridos à medida que as alunas aprendessem a expressar-se na língua portuguesa.

No mês de março de 1884 a escola feminina tem outra professora, Elisa Angélica de Brito Alambert, provavelmente parente, do professor da escola masculina. Maria Adelaide do Carmo Machado havia pedido remoção para o bairro da Água-Branca na Capital. A nova professora, até chegar em São Caetano, pediu várias remoções neste ano. Em janeiro para Santos, no mês seguinte para Lorena, para então mudar-se para a colônia. Nestas outras escolas não chegou a assumir as aulas, pediu remoção na tentativa de encontrar um lugar que lhe fosse mais conveniente. A escola feminina teve a professora Elisa na cadeira até junho de 1887.

A professora Elisa será substituída por Josephina Invernizzi, que havia concluído o curso da Escola Normal. Sempre muito educada nos seus relatórios, ela agradece a todos os melhoramentos que possam ser realizados na escola no futuro. Esta professora receberia elogios do governo pelo uso correto do método intuitivo.

No ano de 1894 a nova professora será Joanna de Almeida Motta, que substituiu a professora Josephina após seis anos de trabalho e muitas licenças. A professora Joanna era formada há quatro anos pela Escola Normal, veio removida da cidade de Mogi Mirim e iria passar os próximos 17 anos na escola. Por este motivo, ela é a professora que mais ficou presente nos depoimentos dos antigos moradores.

A escola feminina na época da professora Joanna estava melhor provida de móveis. Em 1894 tinha dez carteiras, um quadro-negro, três bancas, três bancos e uma mesa. Mesmo assim a professora, como a sua antecessora, pedia ao Diretor Geral em quase todos os relatórios a renovação dos "móveis e utensis".

No ano da mudança da escola feminina para a casa dos De Nardi, 1896, a professora foi nomeada como interina na Escola-Modelo Maria José, que havia sido criada no ano anterior.¹² Os documentos não trazem outras informações sobre o período de permanência de Joanna de Almeida Motta na Escola-Modelo, mas na relação do pessoal das escolas-

¹² Esta escola teve o terreno doado e seu prédio construído por um morador abastado da Capital, Fernando de Albuquerque. Ela estava localizada no bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo, na rua Manoel Dutra

modelo anexado ao relatório do inspetor geral com data de 1899, a professora aparece como habilitada para aulas no curso preliminar e exercendo a função de adjunta. É certo que nestes anos do final do século a professora tenha trabalhado nas duas escolas, sendo possível permanecer mais tempo na Capital. Pode-se presumir que como nesta época apareceram casos de febre amarela na cidade, levando as alunas a faltarem, foi o momento para a professora Joanna pedir o apressamento de sua nomeação para trabalhar na escola-modelo.

Quadro 1.1		
Professoras da escola feminina de 1883 a 1900		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1883	Felicidade Perpetua de Macedo	abril a maio 1883
1883	Maria Adelaide do Carmo Machado.	julho a dezembro 1883
1884/1887	Elisa Angelica de Brito Alambert	março 1884 a julho 1887
1887/1893	Josephina Invernizzi	agosto 1887 a dezembro 1893
1894/1900	Joanna de Almeida Motta	fevereiro 1894 a dez. 1911

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

O quadro 1.1 mostra a sucessão das professoras na cadeira da escola feminina.

1.2.2 Escola masculina

A cadeira da escola masculina foi escolhida pelo professor Joaquim Ferreira Alambert em julho de 1883. Ele veio removido da cadeira do bairro Guapira em São Paulo que ocupava nos últimos três meses, desde sua nomeação em abril. Pensei, a princípio, por esta nomeação, que ele fosse um professor iniciante ou substituto, mas com outros documentos em mãos verifiquei que Joaquim Ferreira Alambert havia pedido exoneração em 1882 da cadeira na cidade de Limeira.

Ele permaneceu na escola de São Caetano nove anos. Este tempo não foi contínuo: trabalhou um ano e meio para depois pedir afastamento por dois anos a fim de concluir o curso da Escola Normal. Havia feito somente o primeiro ano em 1876 na companhia de Elisa Angélica de Brito Alambert, a professora da escola feminina. No período de seu afastamento foi substituído pelo professor Antonio José da Silva Lisboa. Retornou para sua cadeira em fevereiro de 1887, lecionando na colônia durante os próximos sete anos e quatro meses.

No período em que Joaquim F. Alambert esteve na Escola Normal, para cursar o segundo e o terceiro ano, ele foi substituído pelo professor Antonio. Este professor exercia a função de substituto em outras

escolas da região e ficou em São Caetano quase dois anos. Nos relatórios enviados ao inspetor geral o professor é extremamente sucinto, não ultrapassando dez linhas de texto. Em todos os documentos comenta sobre a falta de móveis e de livros e sobre a necessidade de pedir emprestado os bancos da escola feminina para acomodar todos os seus alunos. Com o retorno do professor Joaquim, o conteúdo dos relatórios tornou-se mais extenso.

A volta do professor à sala de aula com a nova titulação quase não foi possível, devido ao seu desempenho na Escola Normal. O professor havia sido reprovado no segundo ano do curso, por faltarem alguns décimos para a média. Sua reprovação foi levada ao conselho para discussão, conseguiu assim a média mínima e concluiu o curso no ano seguinte. Quando reassumiu as aulas, os seus relatórios voltam a ter informações detalhadas sobre os alunos e a escola. Algumas sugestões ao diretor da Instrução Pública também são anotadas.

Em 1887 ele comenta sobre a falta de materiais para o trabalho e as dificuldades dos alunos no entendimento da língua portuguesa. Observa, no entanto, que os alunos

já escrevem, leem, fazem as tres operações fundamentaes da Arithmetica e sabem doutrina christan, conhecendo algumas noções de Geografia Geral e de desenho linear etc. Como já dice, sendo quasi todos italianos, encontram, como é natural, muita difficuldade na aquisição de conhecimentos das materias constitutivas do programma de ensino nas escolas publicas. Creio, porem, que esta difficuldade em breve desaparecerá com a frequencia e conhecimento da lingua portugueza, que forem adquirindo.¹³

No ano de 1893, após a epidemia de varíola que assolou a região e obrigou as escolas a fecharem, o professor Joaquim pede permuta¹⁴ para a terceira cadeira de Sorocaba, para meses depois pedir sua remoção. O professor Manoel dos Reys, que ocupava a cadeira da terceira escola da cidade de Sorocaba substituiu-o.

O professor Manoel, formado pela Escola Normal da Capital há quase 20 anos, permanecerá na cidade nos próximos seis anos, até seu pedido de aposentadoria em 1900. Nos anos em que trabalhou na localidade o professor Manoel pediu uma licença de três meses para tratar de sua saúde. Quando retornou, em dezembro de 1895, encontrou um de

¹³ Número de ordem 5039. Relatório do professor Joaquim F. Alambert ao Director Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1887. (AESP)

¹⁴ A permuta de cadeiras entre professores públicos era autorizada somente entre cadeiras de igual categoria. Decreto nº 52 de 9/maio/1890.

seus alunos, o menino Adriano, que poderia ser filho do francês, dono da destilaria, expulso da escola pelo professor que o substituíra. Este caso de expulsão é o único anotado em todos os relatórios, tanto os da escola feminina como os da masculina. A expulsão seria considerada sem efeito:

Consultado a respeito o inspetor do distrito, este, depois de tudo examinado attentamente, foi de opinião que devia ser desprezada a escriptura feita em minha ausencia para somente vigorar de agora em diante a que foi por mim deixada, quando entrei no goso da licença. Assim, sou forçado a abandonar a presente folha, para continuar a escripta regular na folha seguinte. Quanto a expulsão, em 9 de outubro, do alumno Adriano Goulain, por insubordinação, declaro-a de nenhum effeito, por não haver precedido à eliminação a necessaria auctorisação do inspetor litterario.¹⁵

Em setembro de 1896 o professor Manoel vislumbra a possibilidade de mudar de cargo, candidatando-se a vaga de inspetor escolar do 3º distrito.¹⁶ A área do distrito abrangia a cidade de São Bernardo e

Quadro 1.2		
Professores da escola masculina de 1883 a 1900.		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1883/1885	Joaquim Ferreira Alambert	agosto 1883 a fevereiro 1885
1885/1886	Antonio José da Silva Lisboa	março 1885 a janeiro 1887
1887/1894	Joaquim Ferreira Alambert	fevereiro 1887 a junho 1894
1894/1900	Manoel dos Reys	julho 1894 a dezembro 1900

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

seus bairros, entre eles São Caetano. Foi nomeado para a vaga José Monteiro Boanova, colega do professor dos tempos da Escola Normal da Capital.

O quadro seguinte relaciona os professores da escola masculina:

1.3 Condições precárias das escolas isoladas

As escolas primárias, conhecidas como de "primeiras letras", passam a ser chamadas de "escolas preliminares" após a proclamação

¹⁵ Número de ordem 4931. Relatório do professor Manoel dos Reys enviado ao Director Geral da Instrução Publica. 1/junho/1896. (AESP)

¹⁶ O Estado de São Paulo era dividido em distritos escolares. Cada distrito - com uma média de 15 cidades - tinha um inspetor.

da República. No ano de 1894, quando foram criados os primeiros grupos escolares, elas passam a ser conhecidas como "isoladas", para o seu curso não ser confundido com o ministrado nos grupos. Uma nova legislação do ano de 1904 renomeia as escolas situadas em distritos de paz como "isoladas", que, em 1917, passariam a ser conhecidas como distritais.¹⁷

No período estudado as escolas são, na maior parte do tempo, denominadas de isoladas, e desta forma são mencionadas nos relatórios dos inspetores e diretores da Instrução Pública. Na maioria dos relatórios, as escolas isoladas não preenchiam as condições mínimas para o ensino: as salas de aula não eram apropriadas, os materiais didáticos eram escassos, nem sempre estas escolas tinham professores ou casas anexas para a moradia deles. Esta situação perdurou durante toda a sua existência. No relatório do diretor geral da Instrução Pública, João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, encontram-se algumas observações:

As escolas isoladas - Não respondem geralmente ao intuito com que foram criadas e providas; havendo muitas causas perturbadoras de seu regular funcionamento. Aparenta-se como obstáculo a elevação do ensino nas escolas isoladas urbanas ou rurais:

Os minguados vencimentos (...) quando todos reconhecem ter o professor das escolas singulares bem mais alta somma de dificuldade a vencer, bem maiores responsabilidades do que os adjunctos de grupos escolares que, entretanto, percebem maiores vencimentos.

A segunda causa perturbadora da escola é a falta de casa propria para o seu funcionamento.

Não cogitam as leis de ensino na questão do domicilio (...) Nestas condições, levando uma vida agitada, num vaivem constante, mesmo assim de principio vence todas dificuldades que lhe antolham, mas ao tragar uma primeira desilusão, o seu entusiasmo se arrefece, passa as horas de aula preocupado com o mau tempo que ameaça impedir o torna-viagem ou com a locomotiva que o reconduzirá á sua moradia.

As constantes remoções, as repetidas licenças são outras causas perturbadoras do ensino.¹⁸

17 Heládio C. G. Antunha. A instrução pública no Estado de São Paulo. A reforma de 1920. São Paulo: Feusp, 1976. pp. 63-68.

18 Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. A. Siqueira & C. 1911-1912, p. 31.

O amplo programa de ensino também agravava as condições da aprendizagem. O excesso de conteúdos e a falta de livros e de outros materiais didáticos tornavam o ensino nas escolas isoladas reduzido a alguns itens, considerados relevantes pelo professor. O inspetor escolar José Monteiro Boanova afirma em seu relatório:

Pela defficiencia peccam muitissimas escolas isoladas, cujos professores, a bel prazer, fazem selecção das materias do programma, formando o de seu uso que é fixado á parede da escola ás vezes.

Não é porque o numero de escolas onde se omitta o ensino de Geographia, da Historia e até o da Arithmetica elementar. (...) Vem a proposito citar-vos aqui um facto vulgarissimo nas nossas escolas: refiro-me ao uso de livros antiquados, caducos, adoptados para o estudo da Geographia. Deparam-se-me constantemente exemplares de Geographia de antigas edições, de 12, 15 e 20 annos! Estes que conhecimentos transmittem ás creanças! Referindo-se ao nosso Brazil, por exemplo, na sua parte da Geographia Politica, descrevem-n'o sob o regimen do governo monarchico de então, com a sua complicada engrenagem administrativa aristocratica; frisam que a religião do Estado é a catholica apostolica romana; dão á nossa e ás capitaes das provincias as descrições da epocha, com a população reduzissima e referem-se á escravidão etc, etc.¹⁹

Algumas considerações sobre o calendário e os horários de funcionamento das escolas devem ser indicados neste momento. A Instrução Pública no Império estabelecia horários e os dias feriados para as escolas existentes; depois da proclamação da República e da criação dos grupos escolares, a divisão do tempo nas escolas modificou-se. De 1883, quando as escolas de São Caetano foram criadas, até a Reforma da Instrução Pública em 1892, o horário de funcionamento das escolas era das oito horas da manhã até uma hora da tarde. O calendário escolar e os dias considerados feriados nas escolas públicas, durante o Império eram:

1º A quinta feira de cada semana, quando nella não houver dia santo ou feriado.

19 Número de ordem 6698. Relatório do Inspector Geral do Ensino Mario Bulcão. 1899. (AESP)

- 2° Os domingos e dias santificados.
- 3° Os dias de grande gala, ou de festa nacional.
- 4° O dia 26 de fevereiro.
- 5° Os de entrudo e quarta feira de cinza.
- 6° Os que decorrem do domingo de Ramos ao da Paschoa.
- 7° O de finados.
- 8° Os que decorrem de 8 de dezembro a 6 de janeiro.²⁰

Com a proclamação da República os dias de suspensão das aulas, de acordo com o Regimento interno das escolas públicas do Estado de São Paulo aprovado em 1894 passaram a ser: os domingos, o dia 24 de fevereiro, o dia 21 de abril, o dia 3 de maio, o dia 13 de maio, os dias que decorrerem de 20 a 30 de junho, o dia 14 de julho, o dia 7 de setembro, o dia 12 de outubro, o dia 2 de novembro, o dia 15 de novembro, os dias de carnaval, a quinta, sexta e sábado da Semana Santa, e um mês a partir do dia em que terminarem os exames finais. Ou melhor, as aulas deveriam ter início um mês depois do dia dos exames finais.

Com a Reforma da Instrução Pública, o horário de funcionamento das escolas passou a ser, no inverno, das dez da manhã às três da tarde e, no verão, das nove da manhã às duas da tarde. O horário acabou sendo adaptado pelos professores que, durante anos, seguiram um horário intermediário das onze da manhã às quatro da tarde - o que no final da primeira década do século acabaria sendo legalmente instituído. Esses horários sempre obedeceram as cinco horas diárias de duração das aulas.

1.4 A importância da frequência às aulas

A maior parte das informações sobre os professores no período estudado foram colhidas em relatórios semestrais enviados por eles ao Diretor Geral da Instrução Pública, como previa o Regimento Interno das escolas públicas. Esses relatórios eram enviados ao governo e arquivados até os últimos anos do século passado; depois desta época nenhum deles foi encontrado. Continham informações sobre as condições físicas da escola, o adiantamento dos alunos e um mapa com os dados estatísticos, isto é, número de alunos matriculados, número de alunos frequentes, número de faltas dos alunos e de alunos desistentes. O fornecimento dessas informações era obrigatório, não só para fins estatísticos, mas para que o professor recebesse o seu salário em dia. Muitas

²⁰ Regulamento da Instrução Publica da Provincia de S. Paulo. São Paulo: Typ. Americana. 1869.

destas informações como o número de alunos freqüentes poderia ser inverídica, pois se não existisse um número mínimo de alunos freqüentes a escola seria fechada e o professor ficaria sem emprego. Esta situação perdurou até o ano de 1891; no ano seguinte, com a reforma da legislação educacional, este será um dos itens revogados.

As condições para o trabalho com os alunos era difícil. Os pedidos de material e de livros são constantes, porque os pais dos alunos não tinham condições financeiras para adquiri-los sendo "homens do trabalho, e por conseguinte pobres".²¹ A comunicação entre professores e alunos e, conseqüentemente, o aprendizado eram prejudicados por serem "quasi todos italianos" e apresentarem problemas na compreensão da língua portuguesa. O fluxo e as transferências de imigrantes entre as colônias continuava, e estas movimentações foram notadas nos relatórios dos professores, que eliminavam os alunos da lista com a observação: "mudou-se com a família". Também o trabalho efetuado pelas crianças, como as meninas que ajudavam na lavagem das roupas e os meninos que ajudavam na lavoura e nas olarias, contribuía para o número menor de alunos freqüentes em relação ao de matriculados.

Em relatório de novembro de 1885 a professora Elisa comenta:

As classes operarias, como V.^a. bem o sabe, pouco zelosas da educação dos filhos, sem avaliar devidamente o mal que dessa incuria lhes advém, obrigam geralmente os filhos aos trabalhos domesticos em prejuizo da sua frequencia nas eschololas publicas. Eis porque algumas vezes acontece uma alumna conservar-se dous e tres annos matriculada sem apresentar um sensivel aproveitamento.²²

A professora considerava que os pais obrigavam os filhos a ajudá-los, sem levar em conta as dificuldades para sobreviver que estes imigrantes, pobres e esforçados tinham no seu dia-a-dia. O trabalho infantil era impossível de ser desprezado, pelos adultos; estes, ao mesmo tempo em que consideravam importante a escola e de um mínimo de aprendizado, precisavam da ajuda dos filhos.

A professora Joanna também escreve sobre a freqüência das alunas, que continuava irregular, mas ela entende a necessidade do trabalho das crianças em casa, porque seus "pais que sendo pobres não dis-

²¹ Número de ordem 5039. Relatório da professora Elisa A. de B. Alambert ao Inspector Geral da Instrução Publica. 1/junho/1886. (AESP)

²² Número de ordem 5039. Relatório da professora Elisa A. de B. Alambert ao Inspector Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1885. (AESP)

²³ Número de ordem 4927. Relatório da professora Joanna de A. Motta ao Director Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1894. (AESP)

pensam o pouco serviço que as mesmas lhes prestam"²³. Ela comunica em relatório de novembro de 1895 que outro fato, episódico, também interferiu na assiduidade das alunas:

No mez de Agosto foi esta escola victima dos gatunos que levaram alem de poucos livros fornecidos pelo governo, levaram todos os trabalhos importantes das alumnas e até mesmo algum de valor; dando isso lugar a grande paralyzação do ensino, pois com o prejuizo havido, as alumnas muito sentiram e esmureceram não só no trabalho manual como no de leitura. Não tendo meios sufficientes para estimula-las com a efficacia é forçoso dizer que a retirada das alumnas da escola proveio mais do roubo do que na mesma ce deu.²⁴

Não só o roubo contribuiu para a desistência das alunas, como também a nova fábrica de chapéus, que de acordo com a professora foi inaugurada nestes dias e, provavelmente precisava de funcionárias. O assalto pode ter ocorrido pelos trabalhos manuais feitos pelas alunas. O conteúdo desenvolvido na escola com as alunas na disciplina de trabalhos manuais envolvia o aprendizado de bordado e costura. Faziam trabalhos úteis para a casa: toalhas de crochê e bordados diversos. A própria localização da escola, uma casa de família com boas condições financeiras, pode ter contribuído para este ato.

A Tabela 1.1 organiza os dados coletados nos relatórios das pro-

Número de alunas matriculadas e freqüentes da escola feminina		
Anos	Matriculadas	Freqüentes
1883	26	24
1885	29/33	22/20
1886	34	22/18
1888	30	25 a 30
1894	25	25
1895	30	18
1896	18/22	16/15
1897	22/21	19/18
1899	29	-

Fonte: Relatórios das professoras da escola feminina de São Caetano. Arquivo do Estado.
Obs.: os números separados por barras referem-se ao primeiro e ao segundo semestre.

²⁴ Número de ordem 4927. Relatório da professora Joanna de A. Motta ao Director Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1895. (AESP)

fessoras, relacionando os números de alunas matriculadas e de freqüentes na escola feminina, entre os anos de 1883 e 1900. Em alguns anos mesmo com a existência dos documentos e a obrigatoriedade do envio dos dados, as informações não aparecem. Mas, é possível ter-se uma idéia do número médio de alunas freqüentes durante estes anos.

Na escola masculina a freqüência era irregular como na feminina. O professor Joaquim, nos seus relatórios, escreve sobre o número de crianças que não freqüentam a escola e discorda dos itens do Regulamento da Instrução Pública que tratam da freqüência livre e do número mínimo necessário de alunos para formar uma escola - o seu salário depende desse número mínimo. Acredita que a freqüência obrigatória fará com que os alunos aprendam com mais rapidez e não prejudiquem o professor no seu salário. Aponta a omissão do Regulamento com relação aos alunos.

Como vereis matricularam-se este anno 31 alumnos, numero alias pequeno para a grande quantidade de creanças que residem nesta colonia.

As razões improcedentes que os paes apresentam como justificativa à falta que commetem em privar os filhos do pão do espirito - a instrucção - falam bem alto da necessidade irrefutavel do ensino obrigatorio, sem querer comparar a justa disposição do regulamento que estatue numero determinado para o funcionamento legal d'uma escola, direi apenas que essa disposição torna-se injusta ante a parte omissa do regulamento quanto ao alumno.

Como de todo se desprehende, o alumno tem ampla liberdade de frequentar ou não a aula, entretanto a escola que não tiver o numero de alumnos determinado por lei, privará o seu professor do ordenado.

É obvio, pois, que a obrigatoriedade do ensino devia ser uma parte integrante do artigo que determina numero legal dos alumnos para o exercicio d'uma escola. Assim, eu juntando este pedido do esclarecido critério com que presidio os vossos actos a adopção desta medida.

É devido à falta dessa lei ainda a frequência dos alunos não corresponde à matricula, muitos d'elles interrompem o estudo, ora allegando trabalhos na lavoura, ora encommodos de saude, etc, o que, tenho certeza, isto não se daria tão facilmente se os paes que não mandam seus filhos à escola por nenhuma com-

25 Número de ordem 5040. Relatório do professor Joaquim F. Alambert ao Director Geral da Instrução Publica. 1º de junho de 1890. (AESP)

preensão deste dever, mandassem-nos por obediência à lei. Os que são frequentes apresentam bastante progresso em seus estudos a despeito de serem estrangeiros, e por isso, além das dificuldades materiaes, terem de vencer a da propria lingua.²⁵

Para o professor Joaquim a obrigatoriedade seria a saída para muitos problemas: o aprendizado tornaria-se mais rápido, as faltas dos alunos controladas, o número de alunos matriculados o mesmo que o de alunos frequentes e, principalmente, o ordenado dos professores não sairia prejudicado. Também as escolas teriam mais alunos. Todas estas críticas à legislação surgem nos relatórios do professor depois que ele concluiu o curso da Escola Normal e acabam por levá-lo a participar dos debates sobre a reforma da instrução pública, em 1892.²⁶

Nos relatórios do ano de 1894 do professor Manoel, os comentários tratam da falta de livros, porque os pais dos alunos não podiam comprá-los devido à sua pobreza, e "pelo facto de não estar ainda em execução no districto o ensino obrigatorio",²⁷ que havia sido aprovado no Regimento de 27 de novembro de 1893. Permanece elevado o número de crianças que se matriculam, mas que frequentam a escola esporadicamente. Isto obrigava o professor a eliminá-las da lista de chamada e aceitar alunos menores de sete anos. O professor Manoel assim justifica os motivos do pouco adiantamento de seus alunos:

- a- a falta de frequencia regular, como demonstra o elevado numero de faltas,
- b- a ausencia de livros reconhecidamente bons para certas materias do programma escholar,
- c- o facto de serem todos os alumnos italianos ou hespanhoes, não sabendo senão poucas palavras do portuguez, lingua de que nunca fazem uso em toda a colonia, dando isto em resultado conseguir-se na eschola uma algaravia que não é italiano nem hespanhol e muito menos portuguez.²⁸

A obrigatoriedade instituída em alguns distritos continua a ser o centro dos debates, assim como a falta de material e as confusões dos alunos para entender e falar português. Eles misturavam português com italiano, pela semelhança entre os idiomas na escrita, pronúncia e no

26 O nome do professor consta na lista de presença das reuniões, que antecederam a reforma da instrução pública.

27 Número de ordem 4927. Relatório do professor Manoel dos Reis enviado ao Director Geral da Instrução Publica. 1/junho/1894. (AESP)

28 Número de ordem 5041. Relatório do professor Manoel dos Reis enviado ao Director Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1894. (AESP)

Tabela 1.2		
Número de alunos matriculados e freqüentes da escola masculina.		
Anos	Matriculadas	Freqüentes
1883	30	20
1885	31	22
1886	31	24
1887	-	28
1888	42	22 a 26
1890	31	-
1894	32/37	30/28
1896	29/37	21/32
1897	29	19
1899	28	

Fonte: Relatórios dos professores da escola masculina de São Caetano. Arquivo do Estado.
Obs.: os números separados por barras referem-se ao primeiro e ao segundo semestre.

sentido. Mas, apesar da referência do professor à língua espanhola, nesta época não se tem notícias de moradores espanhóis ou latino-americanos na localidade.

A Tabela 1.2 relaciona os dados sobre os alunos matriculados e os freqüentes da escola masculina, entre 1883 e 1899.

1.5 Disseminação das epidemias

Nas primeiras décadas em que a escola funcionou na comunidade, vários são os motivos para a suspensão das aulas, entre eles as epidemias. Em 1887, tem início a epidemia de varíola em algumas regiões de São Bernardo e, em 1888, nos arredores de São Caetano, em locais distantes do que seria considerado como o centro da colônia, onde estavam os lotes urbanos. No ano seguinte, as aulas são interrompidas em São Bernardo por vários meses, pois a doença é contagiosa, obrigando os professores a irem para São Paulo para abrigar-se em casas de amigos. Neste ano a professora Elisa, da escola feminina de São Caetano, foi removida e em seu lugar assumiu a professora Josephina Invernizzi. A epidemia começou a atingir o centro da localidade em 1890.

O professor Joaquim, da escola masculina, comunica neste ano ao Diretor Geral que muitos de seus alunos estão adoentados. A professora Josephina requer uma licença, por motivos de saúde. A professora, como a maioria das pessoas, poderia estar com varíola. Para o ano de 1891 não

29 Número de ordem 5041. Comunicado da Inspectoria de Higiene do Estado de São Paulo ao Director Geral da Instrução Publica. 8/abril/1892. (AESP)

disponho de notícias do funcionamento das escolas públicas, provavelmente pela intensidade da epidemia. No início de 1892, as escolas são reabertas para no mês de abril serem fechadas temporariamente pela Inspetoria de Higiene do Estado de São Paulo, porque "estão aparecendo e tem aparecido alguns casos de febres de mau carácter, querendo tomar a forma epidêmica".²⁹ A epidemia ainda não havia sido controlada.

1.6 Métodos de ensino

O método adotado pela professora Elisa da escola feminina, era o de João de Deus³⁰ que, segundo ela, necessitava de livros para a prática da leitura. O professor Joaquim escreve sobre a necessidade do trabalho dos alunos na lavoura, e que mesmo assim conseguem ser aplicados e ter poucas faltas. Em seguida explica como são suas aulas:

A principio encontrei alguma difficuldade para fazel-o pronunciar e comprehender as palavras portuguezas; mas felizmente, essas difficuldades vão pouco a pouco desaparecendo, e espero que em breve, elles poderão fazer com mais facilidade uso de nossa lingua.

Adoptei para o ensino de leitura o methodo de Lições por Hilario Ribeiro e tenho conseguido bons resultados, pelo que julgo é minha humilde opinião um dos melhores methodos e que mais vantagens offerecem para o ensinamento nas escôlas publicas, onde ainda não ha uniformidade na adopção de methodos.³¹

O programa para meninos nas escolas primárias era composto de leitura, aritmética, noções gerais de geometria prática, gramática, princípios da moral cristã e doutrina da religião do Estado. Mas, como cita o professor, os alunos ainda não dominavam a língua portuguesa dificultando a aprendizagem dos outros itens do programa.

A professora Elisa foi substituída pela professora Josephina. Esta solicitava na maioria de seus relatórios materiais para o trabalho em sala de aula e comentou sobre o método que usava para ensinar as crianças:

³⁰ O método de João de Deus era usado para ensinar leitura e escrita. Desenvolvia-se a partir das palavras comuns aos alunos na fala, para em seguida aplicá-las na ortografia. Silvia A.S. de Carvalho. O ensino da leitura e da escrita: o imaginário republicano (1890-1920). Dissertação de Mestrado. PUC-SP. 1998.

³¹ Número de ordem 5098. Relatório do professor Joaquim F. Alambert ao Director Geral da Instrução Publica. 1/novembro/1883. (AESP)

O ensino de lições de cousas, numa escola como esta, onde as crianças entretêm, em suas casa, uma lingua estranha à nossa, é empregado sempre intuitivamente; e é só assim que as alumnas começam a conhecer os termos da lingua portu-gueza. Educação cívica, gymnastico, geographia, canto cho-ral e metrologia não ensinei em aula, porquanto, como já disse à V.S.³², as alumnas desta escola são todas principian-tes. Em educação religiosa, limitei-me ao ensino do cathe-cismo e orações.³²

A professora achava o método acessível ao ensino destas crianças e que era considerado relevante nesta época. Era o método intuitivo, que tentava mudar a antiga prática baseada no ensino mútuo, pelo qual um aluno que aprendia melhor os conteúdos ensinava a outro. O intuitivo era baseado na aquisição de conhecimentos pela observação e pelos sentidos, devendo partir sempre do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. As lições de coisas contribuíam para esta aprendizagem: as crianças deveriam descobrir por elas mesmas, sem ter a necessidade de memorizar tudo o que fosse ensinado.

A consideração da natureza do desenvolvimento infantil como princípio básico para a educação e seus desdobramentos de orientação psicológica enraizou uma forma de conceber a aquisição do conhecimento, e, conseqüentemente, de orga-nizar o ensino. Por isso, é preciso ver nas lições de coisas mais que um simples método pedagógico, mas a condensa-ção de algumas mudanças culturais que se consolidam no século XIX: uma nova concepção de infância, a generaliza-ção da ciência como uma forma de "mentalidade" e o pro-cesso de racionalização do ensino.

A particularidade da infância implicou considerar o desenvol-vimento das faculdades da criança e os aspectos condizentes à natureza infantil: a curiosidade, a imaginação, a inquietude, a recreação. Dado que a aquisição do conhecimento ocorria pe-la observação, pela experiência, pelos sentidos.³³

Com o novo método, os professores tiveram a necessidade de modificar a sua forma de trabalho, devendo passar a usar um material

³² Número de ordem 4930. Relatório da professora Josephina Invernizzi ao Director Geral da In-strução Publica. 1/novembro/1887. (AESP)

³³ Rosa F. de Souza. Templos de civilização: a implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo. (1890-1910). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1997.

didático rico em imagens e composto por objetos que os alunos manipulassem. É neste momento que as Escolas-Modelo passam a difundir o novo método para seus alunos e para os professores que já estavam em sala de aula e continuavam a utilizar o ensino mútuo. Com as visitas periódicas a estas Escolas-Modelo, os professores foram de certa maneira direcionados a mudar suas práticas. Estas escolas foram criadas em 1890 para exercitar os alunos-mestres, que estavam no 3º ano do curso da Escola Normal. Tinham como função servir de modelo para as escolas públicas preliminares, funcionando como um mostruário para as novas práticas.

O ensino das lições, no método intuitivo, deveria ser curto e intercalado com outras atividades como os trabalhos manuais, o canto e a ginástica. É o que Josephina Invernizzi fazia: usava das observações das meninas para depois explorá-las oralmente em sala de aula, instigando a atenção e a curiosidade. Trabalhou com este método ensinando a língua e a religião, apesar da supressão do ensino religioso nas escolas públicas desde o decreto 34 de 20 de março de 1890.³⁴

Mesmo com as dificuldades para o ensino de todas as disciplinas, a professora e o professor de São Caetano foram elogiados no relatório anual³⁵ do Diretor Geral da Instrução Pública, Arthur Cesar Guimarães, por utilizarem corretamente o método intuitivo. Todos os professores das escolas públicas visitaram a Escola-Modelo da Capital para aprender a utilizá-lo. Segundo Primitivo Moacyr,

posso dizer que não fui iludido por falsas esperanças. As escolas públicas da Capital, cujos professores tiveram de visitar, quasi todos, A Escola-modelo, introduzindo o novo método de ensino, apresentaram um resultado admirável; ninguém, que houvesse assistido às provas deixaria de firmar qu muito progrediu o ensino nesse pequeno espaço de tempo. Poderia citar as escolas de São Caetano, (...) nem se fez mister enviar professores desta Escola-modelo para iniciá-los, pois os métodos são fáceis e os nossos patricios inteligentes; com as simples visitas àqueles estabelecimentos se habilitaram a estabelecer o sistema em suas escolas, o que fi-

34 Decretos e Resoluções do Governo Provisório do Estado de S. Paulo Typ. de Vanorden & Comp. volume I, (s.d.).

35 Os relatórios anuais da Diretoria Geral, enviados ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior, eram formulados a partir dos relatórios dos inspetores de distrito; estes, por sua vez, eram elaborados de acordo com as visitas dos inspetores às escolas e com os relatórios semestrais dos professores.

36 Primitivo Moacyr. A instrução pública no estado de São Paulo. Primeira década republicana. 1890-1900. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 1942, p. 19-21.

zeram com grande aproveitamento.³⁶

As reclamações dos professores são constantes, pois com o novo método era necessário um material específico para cada lição. No ensino da linguagem deveriam ser usados uma coleção de abecedários e de cartões parietais para leitura, cartas de alfabeto e cadernos de caligrafia; para o ensino de desenho, esquadros, modelos para desenho em gesso e coleção para desenho; em aritmética, o sistema métrico decimal; para ensinar história e geografia, o globo terrestre, tabuleiros de areia, quadros de história do Brasil e mapas; para a geometria, cartas de Parker, compassos, contadores mecânicos, tabuinhas, contadores manuais, caixa de formas geométricas e cadernos de aritmética; para o trabalho manual, caixa de tornos, pranchetas para modelagem e máquinas de costura; no ensino de ciências físicas e naturais, laboratórios, museus, estampas, esqueleto humano, bússola e microscópios.³⁷ Estes seriam os materiais didáticos recomendados para o ensino, mas, como os relatórios e requerimentos dos professores comprovam, uma parcela mínima destes materiais faziam parte das escolas isoladas.

1.7 Dois momentos do ensino privado

No início do ano de 1891 chegou a São Caetano a professora Ida Guarienti Leone. Esta professora veio até a localidade a pedido das pessoas que necessitavam de maiores conhecimentos da língua portuguesa. A fluência na língua iria, principalmente, facilitar os negócios, além de evitar incomodar o vice-cônsul, que por várias vezes assumia o papel de intérprete.

Quem teve a idéia de procurar alguém que pudesse ensinar português aos italianos de São Caetano foi o próprio vice-cônsul, os colonos aprovaram a idéia e passaram a divulgá-la no intuito de encontrar um professor. No consulado, a divulgação ocorria nas reuniões e nas conversas informais. Em uma destas reuniões, o vice-cônsul conheceu Dona Ida, esposa de um comerciante que estava há pouco tempo em São Paulo. A senhora dispôs-se a trabalhar com o ensino de português, pois havia feito um curso da língua antes de vir para o Brasil.

A professora Ida, como a maioria de seus alunos, era vêneta, o que facilitou o entrosamento dela com as classes. Trabalhou o ano todo,

³⁷ Rosa F. de Souza. *Templos de civilização...*, op. cit.

³⁸ A. Trebilcock. Século XIX: uma professorinha no distrito de São Caetano. Revista Raízes. PM-SCS, nº 7, jul. de 1992, p. 42-46.

e foi um sucesso. Sei que as aulas corriam duas vezes por semana, às quartas e sextas-feiras; sei que a escola era a varanda de uma das boas casas do distrito. Sei, também, que eram dois os períodos: pela manhã, estudavam os adultos, e, à tarde, as crianças. Sei mais: que a professora recebia generosos 100\$000 - cem mil réis - por mês, mais o transporte e o almoço à mesa da família.³⁸

Possivelmente a escola deveria ocupar a varanda da antiga casa-grande. As aulas eram ministradas para os adultos melhorarem o conhecimento da língua, e para as crianças, talvez aquelas que não freqüentavam a escola pública, pelos mais variados motivos, ou que tinham dificuldades de aprendizado por não entenderem claramente o que os professores falavam.

Segundo o depoimento do neto da professora, Arnaldo Trebilcock, o transporte da professora era feito de trem até a estação de São Caetano e, depois, de charrete até a escola. Este depoimento pode ser enriquecido com outras informações, como quanto ao horário das aulas, que possivelmente deveriam ocorrer, para os adultos, no horário do almoço, isto é, no momento em que Sol está mais forte - entre as dez horas da manhã e uma da tarde. E para as crianças, depois da uma hora da tarde, ou melhor após as aulas dos adultos, que tinham a prioridade.

O ano de 1891 foi o da expansão da epidemia de varíola, que durou quase dois anos. Neste período as escolas públicas funcionaram irregularmente, porque os seus professores e muitos de seus alunos estavam adoentados, aumentando talvez, o número de crianças e jovens nas aulas particulares.

Oito anos depois das aulas da professora Ida, em 1899 os documentos comprovam a existência de uma escola particular de propriedade de Ernesta Magnani Vivaldi. Esta professora era italiana e manteve até o ano de 1899 uma escola na Capital, para o sexo feminino, com o programa do ensino primário, secundário e doméstico. A escola de São Caetano era de categoria primária, de acordo com o "Mappa do ensino privado do município de São Bernardo", enviado para a Inspeção Geral do Ensino Público. Seguiu o programa do curso preliminar, como as escolas públicas, era mista e manteve um número elevado de alunos: 36 matriculados no primeiro semestre e 31 no segundo.

Dona Ernesta ensinava "orações, leitura-escrita, gramática-aritmética, nomenclatura-ginástica, canto, declamação".³⁹E não ensinava a língua portuguesa, como determinava lei 489 de 29 de dezembro de 1896, que "tornou obrigatório o ensino da língua nacional nos estabelecimentos

³⁹ "orazione, lettura-scrittura, grammatica-aritmetica, nomenclatura-ginnastica, canto, declamazione." (Mapa do ensino privado. Junho/1899. Arquivo do Estado. nº de ordem 4.917.)

⁴⁰ Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. 1896. Tomo VI. Typ. do Diário Official. 1896.

2. A PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

2.1 Crescimento comercial e industrial

Nos últimos anos do século XIX quatro trens diários dirigiam-se para São Paulo e quatro para São Caetano, intercalados. O número de fábricas aumentou e o de seus funcionários também. A festa anual de São Caetano continuava atraindo muitas pessoas e neste século a primeira agência do correio foi inaugurada. Os moradores, que em sua maioria fabricavam carvão, foram diversificando suas atividades.

No livro de lançamentos de impostos municipais da Procuradoria da Câmara Municipal de São Bernardo de 1904, constam as seguintes atividades:

Quadro 2.1	
Estabelecimentos que contribuíram com os impostos municipais no ano de 1904.	
Estabelecimentos	Número
Fábrica de Formicida de Virgílio de Rezende	-
Fábrica de Sabão de Pamplona, Sobrinho & Cia.	-
Fábrica de Pólvora de Perrella e Cia.	-
Fábrica de Vinho de Henrique Goulain.	-
Depósito de Chapéus de Carlos Galeazzi.	-
Secos e molhados	6
Olarias	3
Padarias	3
Barbeiros	2
Carpinteiro e ferreiro	1
Açougue	1
Sapateiro	1
Armarinho e alfaiate	1

Fonte: A. Médici. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec: PM-SCS, 1993, p. 47.

De acordo com estas informações é possível verificar que as vinhas davam espaço às fábricas. Nem todos tinham condições financeiras de manter uma criação de gado para corte, era necessário o açougue para efetuar este serviço. A fábrica de vinho, de propriedade do francês Goulain, progrediu, ele era dono de uma adega há cinco anos. A antiga fábrica de chapéus que empregou algumas alunas, em 1896, fazendo-as parar de estudar, tornou-se um depósito, motivo para as meninas voltarem para a escola como se pode verificar nas listas de chamada. A fábrica de sabão vai produzir velas, graxas e óleos lubrificantes, além de sabão. A sua produção aumentou e foi necessária a aquisição de novos terrenos nas redondezas.

Os depoimentos do Sr. Octavio Fiorotti de Luigi e de Dona Sere-

na Moretti Perrela descrevem as atividades dos moradores na época:

Aí que lá mais ou menos lá por 1900 já foram morar lá (...). E aí então o papai aí começou a transportar lenha, carvão. Então ele transportava lá pra São Paulo, aí começou a melhorar, depois começou a ganhar um pouquinho melhor né e devagarinho eles foram fazendo o que precisava, fizeram a cocheira primeiro, os animais, depois compraram mais animais, compraram vaca por causa do leite. (...) Tinha uma meia dúzia de vacas e outros animais também, tinham duas mulas, um burro, um cavalo e uma égua.¹

As famílias mantinham também alguns porcos para fazer salame, presunto e lingüiça, e cabritos, galinhas, patos e pombos - o suficiente para alimentar a família e quando possível vender o excedente ou trocar com os vizinhos. A pesca ainda era possível nos rios da cidade, destes rios também eram tirados latões de areia para construir as casas. Desde a chegada dos primeiros moradores até este momento, o rio Tamanduaté servia também para lavar as roupas, e deste trabalho participavam as mulheres e as meninas.

A caça já havia desaparecido. As pessoas continuavam plantando legumes e verduras em suas terras, a ponto de irem vender sacos grandes cheios de repolhos em Santos. O comércio de lenha e carvão continuava mas, com uma considerável redução na produção e no acesso ao corte da lenha. Alguns moradores compraram terrenos em Rio Grande da Serra só para terem a matéria-prima suficiente. As mulheres participavam desta atividade conduzindo as carroças para entregar carvão e lenha em São Paulo, nas casas de família e no mercado velho.

Nestes anos novas pessoas chegaram na localidade. Nos depoimentos encontramos referências sobre as famílias que vieram de outro núcleo colonial de italianos ou de uma fazenda de café no interior de São Paulo. Alguns por não conseguirem adaptar-se as condições de vida nestes lugares, outros porque queriam voltar para a Itália, São Caetano parecia-lhes o local ideal: entre a Capital e o porto de Santos, dois locais em que poderiam trabalhar e conseguir o dinheiro para voltar - e isto, caso não conseguissem emprego na cidade, que ainda tinha a maioria de sua população formada por italianos.

Estas famílias quando chegavam na cidade alugavam casas para morar. Outras foram morar do outro lado do rio, em São Paulo, para depois conseguirem um lote na cidade. Os antigos moradores adquiriram

¹ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

um ou dois lotes: no caso de dois, um era urbano e outro rural. A maioria tinha um só lote, que era urbano. As novas aquisições de lotes foram ocorrendo com a venda do vinho, do carvão, da lenha e dos tijolos, de modo que nesta época muitos tinham um sítio e uma casa perto da igreja, ou melhor no centro.

Existe o caso de uma das famílias que saiu da Itália e veio para o Brasil. Um de seus membros foi para os Estados Unidos, mas, como não conseguiu viver lá, veio morar na cidade junto da família. Este imigrante foi um dos únicos italianos de São Caetano a conseguir um emprego de chefia na estrada de ferro, por falar inglês.²

Em novembro de 1907, foi criada a Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano, meses depois denominada de Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Com os ideais de ajuda ao trabalhador e a sua família, esta sociedade aceitava todas as pessoas, independente de sua nacionalidade. Foi criada como contraponto à decisão da outra sociedade, a "Príncipe di Napoli", fundada em 1892, em aceitar como sócios apenas as pessoas de origem italiana. A União tentou várias vezes a unificação com a sociedade dos italianos, mas a idéia nunca foi aceita pelo conselho da "Príncipe". Muitos dos sócios da "Príncipe" também se filiaram na União.

A outra associação da cidade era a Irmandade de São Caetano, a primeira organização dos moradores para a ajuda mútua fundada em 1879. Era voltada somente para as obras de caridade. Todas as mulheres da localidade faziam parte da Irmandade, que ainda promovia rezas do terço todas os dias ao entardecer. Foi esta associação que conseguiu fundos para a construção da nova matriz, depois da demolição da antiga igreja.

Na festa de fundação da União Operária compareceu o presidente da Fábrica de Formicida, capitão Virgílio de Rezende. O capitão fez um pequeno discurso, recebeu o título de presidente honorário e entregou "um donativo de 50\$000" para o primeiro socorro que a sociedade precisasse assumir. No ano seguinte foi eleito presidente da União o gerente da Fábrica de Sabão Constantino Serafini. O gerente compareceu acompanhado do proprietário da fábrica. Este doou para os "cofres sociais" a quantia de 300\$000. As duas grandes fábricas que estavam na cidade nesta época tentavam manter uma boa posição dentro da sociedade. Anos depois passaram a interferir nos estatutos da sociedade para favorecer as suas empresas.³

No mês de setembro do ano de 1907, ocorreu uma explosão da Fábrica de Pólvora: foi o primeiro acidente grave, com um operário ferido.

² Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

³ José de S. Martins. Subúrbio..., op. cit., p. 198, e A. Médici. Migração e urbanização..., op. cit., p. 42-49.

do e outro morto. A fábrica ficava do outro lado do rio Tamanduateí, em São Paulo. Era de propriedade de moradores antigos da cidade e seus funcionários viviam em São Caetano. O acidente abalou a cidade e as três associações. A explosão e os detalhes do incidente foram noticiados no jornal *Correio Paulistano*. A Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli", de que participavam os operários e os donos da fábrica, suspendeu sua festa anual em sinal de luto pela morte de Luigi Simonini, seu associado.

2.2 Professores das escolas feminina e masculina

Os relatórios semestrais elaborados pelos professores deixaram de ser obrigatórios, e apenas alguns dos relatórios anuais dos inspetores escolares puderam ser encontrados. As informações sobre as escolas e seus professores passaram a ser coletadas em outros tipos de documentos enviados às autoridades e nos depoimentos de ex-alunos.

A cadeira da escola feminina era regida pela professora Joanna de Almeida Motta desde fevereiro de 1894. A escola continuava a ocupar uma das salas da casa de Celeste De Nardi, e foi novamente fechada, juntamente com a escola masculina, pela intensidade da nova epidemia de sarampo. As alunas nunca em número menor ao de 26 assistiam as aulas nesta sala. A tabela abaixo relaciona o número de alunas matriculadas na escola feminina, entre os anos de 1906 e 1911.

Tabela 2.1		
Número de alunas matriculadas na 1ª escola feminina		
Ano	Alunas Matriculadas	
	1º semestre	2º semestre
1906	32	37
1907	30	32
1908	26	33
1909	34	39
1910	29	27
1911	39	41

Fonte: Listas de chamada das professoras da 1ª escola feminina de São Caetano. Arquivo do Estado.

O número baixo de alunas matriculadas nos semestres do ano de 1910 são explicados pela saúde abalada da professora, que tirou várias licenças durante este ano e nem sempre foi substituída. Joanna de Almeida Motta chegou a ausentar-se da cidade por três anos, somando-se o seu afastamento e as suas licenças. Foi substituída pelas professoras Maria José dos Santos,

por seis meses, e por Avelina dos Santos, durante um ano e meio. Estas professoras substitutas não fazem parte das lembranças das antigas alunas.

No depoimento de Dona Joanna Fiorotti Zanini, que frequentou a escola feminina entre os anos de 1906 a 1908, só a professora Joanna é lembrada. O horário do recreio é descrito com alegria, quando todas brincavam de pular corda e de pegador. Era o momento em que podiam falar como quisessem misturando português e italiano, sem ter a professora para corrigir. Levava para o lanche lingüiça feita pela mãe, que era acompanhada de bananas compradas com algumas moedas em uma casa perto da escola. Esta ex-aluna morava na zona rural e vinha até a escola caminhando descalça.⁴ Nesta época o uso de uniformes e sapatos não era comum nestas localidades.

Muitas vezes o material dos alunos era composto de um livro, um caderno e algumas penas que eram comprados pela professora, com o dinheiro dado pelos pais. O horário da escola ocupava parte da manhã e da tarde, o recreio com maior tempo de duração era o da hora do almoço.⁵

Joanna de Almeida Motta ficou na cidade até pedir remoção para uma escola isolada da Capital em janeiro de 1911. A sua nova escola era mais próxima de sua casa na rua do Hospício, atual rua Vinte e Cinco de Março.

A Tabela 2.2, elaborada a partir das listas de chamada, permite visualizar o número de alunas matriculadas entre os anos de 1906 e 1911. Nota-se o número sempre reduzido de matrículas no mês de janeiro, quando as aulas começavam por volta do dia 20. As desistências são mínimas, muitas meninas saíam da escola por alguns meses e depois voltavam para terminar o curso de três anos.

Número de alunas matriculadas na 1ª escola feminina, nos meses de janeiro a dezembro de 1906 a 1911							
Mês	1906	1907	1908	1909	1910	1911	
Jan	-	26	21	20	29	30	
Fev	-	31	25	40	32	40	
Mar	30	32	27	44	32	40	
Abr	33	32	26	44	30	41	
Mai	33	32	30	44	30	41	
Jun	35	32	31	44	30	41	
Jul	37	32	29	44	29	40	
Ago	37	32	31	42	29	41	
Set	37	32	32	41	25	41	
Out	37	32	34	41	25	42	
Nov	37	32	36	34	25	42	
Dez	37	32	36	34	25	-	

Fonte: Listas de chamada das professoras de São Caetano. Arquivo do Estado.

4 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

5 Manoel C. Novaes. Nostalgia. São Paulo: Meca/PMSCS, 1991.

Como foi visto, alguns meses depois da mudança da escola masculina para a casa do funcionário da estrada de ferro, o professor Manoel dos Reis pediu a sua aposentadoria. Era o ano de 1900. O novo professor que ocupou a cadeira ficou na cidade nos dois anos seguintes, era José Roberto dos Santos Cardozo. Este professor, formado pela Escola Normal da Capital há mais de dez anos, mudou-se para São Caetano depois de os pais dos alunos de sua antiga escola elaborarem um abaixo-assinado pedindo a sua saída. O motivo era o excesso de faltas e licenças. Nestes dois anos em que esteve na cidade foi substituído por dois professores, José da Silva Bueno Brandão e Hermínio Marcos de Moura, que já havia substituído o professor Manoel.

Em setembro de 1902, assumiu a cadeira Antonio Mendes da Silva, que era formado pela Escola Normal da Capital há 16 anos e permaneceu em São Caetano por cinco anos. Ele seria removido da cadeira no início de 1908 e substituído pelo professor Alfredo Guedes Lopes, que era formado há seis anos pela Escola Complementar "Prudente de Moraes". Esta escola havia sido criada em 1897 e era anexa a Escola-Modelo de mesmo nome. As complementares formavam professores complementares, não-normalistas, que tivessem cursado uma das Escolas-Modelo ou um grupo escolar. Era uma forma de evitar o grande número de professores despreparados que ocupavam as cadeiras de escolas rurais e isoladas. Alfredo Guedes Lopes terminou o curso Normal em 1916, anos depois de deixar a escola de São Caetano. No meio do segundo semestre de 1911, o professor Alfredo pediu remoção para uma das escolas de São Bernardo. O seu lugar foi ocupado pelo professor Waldemar Freire nos primeiros dias de novembro.

O quadro seguinte mostra os nomes dos professores no período tratado e os meses em que trabalharam na cidade.

Quadro 2.2		
Professores da escola masculina entre os anos de 1900 a 1911		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1894/1900	Manoel dos Reis	julho 1894 a dezembro 1900
1901/1902	José Roberto dos Santos Cardozo	janeiro 1901 a julho 1902
1902/1908	Antonio Mendes da Silva	setembro 1902 a junho 1908
1908/1911	Alfredo Guedes Lopes	julho 1908 a outubro 1911
1911/1921	Waldemar Freire	novembro 1911 a dezembro 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

De acordo com as duas tabelas seguintes pode-se visualizar o número de alunos matriculados na escola masculina entre os anos de 1905 e 1912. Os números de alunos são mais baixos entre os anos de 1905 e 1907, aumentando depois nos outros anos. Estas diferenças podem ser explicadas pelas licenças do professor, no segundo semestre de

1905, Antonio Mendes da Silva foi substituído por Benedicto da Silveira Vasconcellos, professor complementar pela Escola "Prudente de Moraes". No primeiro semestre de 1906 o professor pediu licença novamente, e foi substituído por Luiz de Toledo Piza, recém-formado pela escola complementar e, como pude observar, desajeitado na escrita, em função do excesso de borrões de tinta nas anotações e desorganizado no preenchimento das presenças e faltas dos alunos nas listas de chamada.

O ano de 1908 não consta na documentação: é o ano da mudança de professor e da coqueluche que obrigou muitas crianças a ficarem em casa. Nos anos de 1910 a 1912, os números de alunos matriculados são elevados, em torno de 40, e os professores destes anos são mais jovens, como Alfredo, que tinha 27 anos de idade.

Número de alunos matriculados na 1ª escola masculina		
Ano	Alunos Matriculados	
	1º semestre	2º semestre
1905	35	31
1906	27	33
1907	29	28
1910	-	38
1911	49	37
1912	41	-

Fonte: Listas de chamada dos professores da escola masculina de São Caetano. Arquivo do Estado.

Número de alunos matriculados na 1ª escola masculina entre os anos de 1905 e 1912						
Mês	1905	1906	1907	1910	1911	1912
Jan	28	22	24	-	44	37
Fev	39	24	29	-	44	37
Mar	41	25	31	-	44	37
Abr	41	27	31	-	44	37
Mai	41	30	32	-	44	37
Jun	41	35	30	-	43	37
Jul	41	35	29	41	42	37
Ago	35	35	27	41	43	-
Set	35	35	28	40	41	-
Out	32	35	30	40	41	-
Nov	32	35	30	40	42	-
Dez	32	35	30	40	41	-

Fonte: Listas de chamada dos professores da 1ª escola masculina de São Caetano. Arquivo do Estado.

2.3 Materiais escolares

No ano de 1904 a legislação da Instrução Pública sofreu algumas mudanças. O programa das escolas seria revisto "de modo que na distribuição das materias se attenda ao desenvolvimento intellectual dos alumnos e se observem os principios do methodo intuitivo"⁶; os professores nomeados deverão obrigatoriamente permanecer um ano nas escolas isoladas, para depois pedirem remoção; será respeitado o tempo de serviço no magistério para a escolha de novas cadeiras, permutas e remoções.

Esta legislação tornou as escolas isoladas, de acordo com os relatórios dos inspetores, no desterro dos professores recém formados. Os professores estudavam na Capital e davam preferência às cadeiras vagas das proximidades, para não terem de se locomover de trem ou charrete até as escolas, ou até de serem obrigados a mudar de cidade, como ocorria freqüentemente, em função da distância. Desta forma, os professores permaneciam o tempo mínimo necessário nas localidades com escolas isoladas, os professores com maior tempo de serviço tinham prioridade na escolha de lugares, normalmente na Capital.⁷ Em São Caetano a maioria dos professores permaneceu mais tempo do que os 12 meses estabelecidos por lei, talvez pelas facilidades de locomoção com trens diários até a Capital.

No ano de 1904, a escola feminina enviou ao Secretário do Interior e Justiça pedidos de "objetos necessários" Esta secretaria tornara-se responsável pela Instrução Pública e o secretário, pelo cargo de Diretor Geral, desde a lei 430 de 1 de agosto de 1896.⁸ Os pedidos foram encaminhados pelo presidente da Câmara Municipal de São Bernardo. A professora Joanna solicitou os livros *Cartilhas das Mães*, de Arnaldo de Oliveira Barreto; 2º Livro (de leituras) de Kopke ou de Puiggari-Barreto; livros de gramática, aritmética e história; e pediu materiais como cadernos de desenho, de caligrafia, lousas pequenas (feitas com uma pedra de ardósia emoldurada para as crianças escreverem), mapas, giz, lápis de desenho, penas, tinta, papel e uma cadeira para a professora. Muitos itens da lista foram negados com um singular não, escrito ao lado dos itens com lápis da cor azul. Entre os recusados estão os lápis de desenho, os cadernos de caligrafia, os livros de *História do Brasil*, de Moreira Pinto, e os de leitura, que foram substituídos pelos de Thomaz Galhardo.⁹

6 Collecção das leis e Decretos do Estado de São Paulo. 1904. Typ. Diario Official. 1904.

7 Idem, ibidem.

8 Collecção das leis e Decretos do Estado de São Paulo. 1896. Tomo VI. Typ. Diario Official. 1896.

9 Número de ordem 6360. Requerimento do presidente da Câmara Municipal de São Bernardo ao Secretário do Interior e Justiça do Estado de São Paulo. 11/março/1904. (AESP)

Os livros pedidos pela professora e os enviados foram escritos por professores públicos do Estado de São Paulo, que estudaram na Escola Normal e ocupavam cargos de docentes ou de diretores nas escolas da Capital. Estes professores estavam envolvidos com o ensino que seguia os preceitos do método intuitivo. Passaram a publicar coleções de livros de leituras em série, para todos os anos escolares. Os livros enviados, provavelmente, deveriam ser os que estavam disponíveis no almoxarifado da Secretaria, não existindo um critério prévio para selecionar livros similares aos que foram pedidos.

É possível comentar o conteúdo do livro de Alfredo Moreira Pinto *Epítome da História do Brasil*, que foi escrito antes de 1892, pois esta é a data de sua terceira edição, e entendermos por que não era necessário renovar este material. Este manual de história já estava em circulação há mais de dez anos e tratava a história de modo cronológico, iniciando com o descobrimento da América, passando pelos povos indígenas que habitavam o Brasil na época do descobrimento, as capitanias hereditárias, o governo geral, o domínio de Espanha, a casa de Bragança, o Império e chega até a proclamação da República.

O livro de Romão Puiggari e de Arnaldo de Oliveira Barreto é composto de pequenas histórias com personagens variados - animais, florestas, famílias, estradas de ferro e suas locomotivas. Todas as histórias sempre explicam como agir de modo correto, ajudar ao próximo e finalizam com uma lição de moral. Em substituição a este livro, solicitado pela professora Joanna, foi enviado o de Thomas Galhardo. Este livro é semelhante em sua composição ao que fora pedido: compõe-se de histórias breves que contribuam com a formação do cidadão brasileiro, valorizando o que existe no seu país, como explica o próprio autor:

Como eu disse, (...) as historietas que os compõem vão-se desenvolvendo gradualmente, de modo a aguçar a curiosidade dos alumnos, prender-lhes a irrequieta atenção e habitual-os a ligar idéas.

Um dos juízos da imprensa sobre o meu Segundo livro foi que elle constituia uma feliz tentativa para nacionalizar o ensino. Essa apreciação muito me lisongeou, pois estou certo de que devemos dar ao ensino um caracter nosso, todo nacional, um typo especial, que faça da creança um Brasileiro, não pelo acaso do nascimento, mas despertando-lhe o sentimento do amor a patria, o interesse pelo que é nosso e a necessidade que tem de honrar a terra que o viu nascer e cooperar pelo seu engrandecimento.

Aos meus collegas do professorado publico e ás mães de fa-

milia entrego o cujo favor peço-lhes a mesma aceitação e benevolencia com que dignificaram os meus anteriores trabalhos.¹⁰

Na época o conselho da Instrução Pública elaborava uma relação de livros por ele aprovados. Desta relação constam tanto os livros que foram pedidos e os que foram enviados, independentemente do método por eles proposto. A esse respeito, a legislação da época era ambígua: o decreto de 1894 sugere a utilização de partes de cada método, adequando-os entre si; já o decreto de 1904 deixa o professor optar pelo método que considerar mais conveniente.¹¹

Na falta do material, alguns livros acabavam sendo emprestados pela professora aos alunos, pois um ou dois exemplares não eram suficientes para ensinar toda uma sala. Na lista de materiais constam cadernos de desenho e de caligrafia, penas, tinta e lousas pequenas de pedra - o que indica que esses materiais faziam parte do dia-a-dia da escola.¹²

Com o quadro a seguir pode-se ter uma idéia dos materiais da escola:

Quadro 2.3				
Inventário do material existente na 1ª escola feminina				
N.	Designação	estado	Procedência	Data do fornecimento
3	Bancos comp ^a . Antigas	Regular	Almoxarifado	não consta.
3	Mesas	Regular	Almoxarifado	não consta.
1	Quadro negro	Regular	Almoxarifado	9 Maio 1897
10	Carteiras "Brazil"	Bom	Almoxarifado	9 Maio 1897
1	Mapa de S. Paulo	Bom	Almoxarifado	10 Maio 1904
1	Mapa do Brasil	Bom	Almoxarifado	10 Maio 1904
1	Mesa	Estragada	Almoxarifado	10 Maio 1904
1	Cadeira simples	Bom	Almoxarifado	25 Abril 1904

Fonte: Livro da Câmara Municipal de São Bernardo. Museu de Santo André.

Por este quadro, vê-se os três bancos compridos e as três mesas são as mesmas desde a criação das escolas. São classificadas como antigas, mas em estado regular. O quadro-negro e as dez novas carteiras da marca *Brazil*, fornecidas pelo governo em 1897 são consideradas boas. Os mapas e a cadeira da professora são novos, enviados após o último pedido, mas a mesa está estragada, por ser tão antiga como os bancos dos alunos.

Também o professor da escola masculina Antonio M. da Silva enviou um ofício, que foi encaminhado pelo presidente da Câmara Mu-

¹⁰ Thomas Galhardo. 3º Livro de leitura para a infância. Aprovado em 1901. Rio de Janeiro: F. Alves & Cia. [s.d.].

¹¹ Sílvia A. S. de Carvalho. O ensino da leitura e da escrita..., op. cit., 1998.

¹² Rosa F. de Souza. Templos de civilização: a implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo. (1890-1910). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1997.

nicipal de São Bernardo ao Secretário do Interior e Justiça. Neste ofício estão anexados os pedidos de material para a escola masculina, acompanhados de uma carta do professor. Esta carta justifica os pedidos.

Com o numero bem elevado de alumnos - 41, sou forçado a collocar'os em 10 bancos antigos e estragados.

Em visita feita a esta escola pelo digno inspector (...) verificou o quanto esta cadeira está desprovida de material escolar. Participei-lhe então que já havia solicitado do Exm^o Governo, providencias nesse sentido e que somente me enviaram alguns cadernos e livros.

Hoje, porem, que o numero de alumnos tende a elevar-se, pois ja tenho recusado diversos por falta de carteiras.¹³

O material da escola masculina, no ano de 1899, era composto por dez carteiras e um quadro-negro, provavelmente os mesmos desde a sua criação. A escola era pequena, a sala de aula era a sala de uma casa simples, construída para o uso dos funcionários da estrada de ferro, e mesmo com este espaço reduzido 41 alunos foram matriculados.

O professor comenta o recebimento de cadernos e livros, quando fez outros tipos de pedidos. Segundo os depoimentos dos antigos alunos,¹⁴ os cadernos e os livros eram comprados, quando possível, por seus pais para serem utilizados por todas as crianças da casa, sendo atitude como esta, de envio de material básico, considerada rara. A escola feminina recebeu carteiras e outros materiais nesta mesma época. A febre amarela e as licenças do antigo professor Manoel, seguidas por seu pedido de aposentadoria, prejudicaram a remessa de materiais para esta escola. Mas o professor Antonio iria conseguir suprir algumas defasagens.

Na lista de materiais que segue anexa à carta, o professor pede bancos-carteiras para os alunos, uma mesa e uma cadeira para o professor. Seguem-se cartilhas, 2^o Livro (de leituras) de Kopke ou Puiggari, 4^o Livro de F. Carvalho, *História do Brasil* de Moreira Pinto, livros de geografia, gramática, aritmética, mapas do Estado e do país, além de tinta, penas, papel, cadernos de caligrafia, lápis de desenho, lousas, cadernos de desenho, giz branco e colorido e outros itens, como timplano, contador mecânico e uma caixa de lápis de pedra. Dos mais de 20 itens que compõe a lista, sete foram negados e três substituídos. Entre os livros substituídos estão os de gramática, de geografia e de leitura de Felisber-

¹³ Número de ordem 6360. Carta do professor Antonio M. da Silva anexada ao ofício endereçado ao Secretário do Interior e Justiça. 10/março/1904. (AESP)

¹⁴ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

to de Carvalho. No documento não estão indicados quais livros substituíram os que foram pedidos. Os volumes pedidos faziam parte da listagem de obras recomendáveis aos alunos, elaborada pelo inspetor geral do ensino, Mario Bulcão, no ano de 1900.

No inventário do material existente na escola masculina, estão relacionadas as carteiras antigas, oito novas carteiras da marca Brazil, a mesa e a cadeira do professor, o velho quadro-negro, o contador mecânico e os mapas do Brasil, de São Paulo e de Minas Gerais. Para uma escola composta só por algumas carteiras e uma lousa, até que os móveis melhoraram. Consta neste inventário duas carteiras que estão desarmadas, que podem vir a ser utilizadas caso haja necessidade, em função do crescente número de alunos.

Em 1908 o governo publica uma lista com os materiais e os livros de leituras recomendados para o trabalho nas escolas isoladas (Quadros 2.4 e 2.5).

Alguns destes materiais e livros que eram recomendados às esco-

Quadro 2.4		
Lista dos materiais escolares		
Móveis para o aluno	Utensílios	Objetos de ensino
carteiras singulares e duplas	lousas	livros de leitura, compendios, manuaes, cadernos
quadro negro	lapis	mappas
escovas	esponjas	contadores mecanicos
ponteiros	canetas	taboleiros de areia
armarios		quadros de Parker
Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. Siqueira & Cia.1907-1908, p. 51.		

Quadro 2.5	
Livros de leituras que podem ser adotados pelos professores	
1º ano	Primeiro livro de leituras, D. Maria Guilhermina Cartilha das Mães, A. Barreto Cartilha Moderna, Ramon Roca Primeiro livro de leitura de J. Kopke Primeiras Leituras, A. Barreto Segundo livro de leituras, T. Galhardo
2º ano	Primeiro livro de leitura, (série Puiggari-Barreto) Leituras infantis (primeiro livro), Francisco Vianna Segundo livro de leituras, J. Kopke Leituras escolares brasileiras, Adolpho Coelho
3º ano	Leituras Moraes, A. Barreto Leituras infantis (segundo livro) F. Vianna Coisas Brasileiras, Puiggari Terceiro livro de leitura, J.Kopke
Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. Siqueira & Cia.1907-1908, p. 51.	

las isoladas permaneceram nas listas de indicações do governo durante décadas.

2.4 O tempo dividido entre a escola e o trabalho

Este item foi elaborado a partir das listas de chamada das três escolas de São Caetano. Somam um total de 116 listas, são das duas escolas masculinas, a 1ª e a 2ª, e de uma escola feminina, a 1ª: 25 são da 1ª escola masculina, do período entre janeiro de 1905 até julho de 1912; as da 2ª escola masculina são 24, abrangendo o mês de abril de 1912 até abril de 1914; e as listas da 1ª escola feminina são 67, do período de março de 1906 a novembro de 1911.

Segundo as observações dos professores nessas listas, os alunos "são eliminados" ou mediante a autorização dos pais ou quando ultrapassam o número permitido de faltas consecutivas. Na maioria das vezes estes alunos são novamente matriculados no ano seguinte, salvo aqueles que "mudaram-se com a família".¹⁵ O regulamento da Instrução Pública já previa:

Serão eliminados da matrícula:

§ 1º Os alumnos que se despedirem com a devida autorização.

§ 2º Os que sem causa participada faltarem á escola por tres mezes consecutivos, precedendo comunicação ao pai, tutor ou pessoa que os tenha em seu poder.

§ 3º Os que tiverem completado sua instrução e educação, verificada por exame.

§ 4º Os que fallecerem.

§ 5º Os expulsos por ineptos ou incorrigíveis.¹⁶

Dos alunos que fazem parte das listas, a maior parte de seus sobrenomes é de origem italiana. Com o passar dos anos, estes sobrenomes vão se diversificando, mas a predominância é sempre dos italianos. Analisando os sobrenomes é possível ter uma idéia de quem freqüentava a escola, além dos filhos dos colonos.

Os netos de Celeste De Nardi - que foi o primeiro morador a ceder uma sala de sua casa para a escola - freqüentaram a escola por todo o período legal, possivelmente por morarem na mesma casa em

¹⁵ Listas de chamadas das escolas de São Caetano. 1905-1914. (AESP)

¹⁶ Regulamento da Instrução Publica. Typ. Americana, 1869.

que funcionava uma das escolas da localidade. Fiori De Nardi foi matriculado na 1ª escola masculina em fevereiro de 1905, quando estava com oito anos de idade. Frequentou a escola até dezembro de 1907, cumprindo assim os três anos da escola primária. Fioreta De Nardi foi matriculada na 1ª escola feminina em janeiro de 1907, quando tinha oito anos de idade, e até junho de 1911 frequentou as aulas, indo além do período de três anos: esteve quatro anos e meio na escola.

Além dos netos de Celeste De Nardi, poucos outros nomes podem ser encontrados nas listas durante tanto tempo, principalmente nas listas das escolas masculinas, pois os meninos começavam a ajudar a família no trabalho mais cedo que as meninas. João Fiorotti, como os netos do De Nardi, é uma das exceções: ele cursou os três anos na 1ª escola masculina; fora matriculado com sete anos de idade, que era a idade legal para começar a frequentar uma escola.

Nas listas das escolas masculinas é possível verificar que os alunos ingressavam na escola e meses depois os seus nomes deixavam de constar das listas.¹⁷ Existem algumas meninas que também frequentam a escola por alguns meses apenas, principalmente nos anos anteriores a 1910. Depois desta época, o número de escolas e consequentemente de vagas aumenta. Diz Dona Esperança Martorelli Cairo, em seu depoimento:

eles sempre exigiram, todos os filhos dos imigrantes, ninguém ficou analfabeto, todos aprenderam a ler e a escrever, vinha um professor que ia dar aula para os meninos, e depois vinha uma professora para as meninas. Ninguém dos filhos e netos dos imigrantes ficou analfabeto, porque eles exigiram a escola.¹⁸

A leitura e a escrita em português tornaram-se cada vez mais necessárias. Talvez a fluência na língua portuguesa contribuísse para que estas crianças, no futuro, conseguissem melhores colocações nas novas fábricas inauguradas na localidade. Estas fábricas atraíam muitos trabalhadores de fora, que possivelmente substituíram parte das crianças. E possibilitaram o aumento no número de alunos nas escolas.

Foi possível relacionar as profissões de alguns dos familiares das crianças, os avós e os pais, e o tempo que estas permaneceram na escola.

Os filhos do funcionário da estrada de ferro, Casemiro Alonso, que cedeu uma sala de sua casa para a primeira escola masculina, fre-

¹⁷ As listas eram manuscritas e a cada mês reescritas, porque na maioria delas os nomes dos alunos estava em ordem alfabética. Assim, para cada desistência ocorria uma nova ordenação.

¹⁸ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

Quadro 2.6			
Profissão dos familiares e tempo de permanência das crianças na escola.			
Nome da criança	Nome do avô ou do pai	Profissão	Anos na escola
Angelina Fiorotti	Filha de Giacomo Fiorotti	Dono de um armazém de secos e molhados	mar de 1906 a dez de 1907
João Fiorotti	Filho de Giacomo Fiorotti	Dono de um armazém de secos e molhados	fev de 1905 a dez de 1907
Antonio Fiorotti	Filho de Giacomo Fiorotti	Dono de um armazém de secos e molhados	fev de 1905 a dez de 1907
Maria Fiorotti	Filha de Luigi Fiorotti	Fabricante de carvão	mar de 1906 a dez de 1906
Francisco Garbelotti	Neto de Antonio Garbelotti	Dono de olarias	fev de 1905 maio de 1907
Santa Ferrari	Neta de Giuseppe Ferrari	Dono de olaria	ago de 1907 a dez de 1910
Luiz Primo Baraldi Neto	Neto de Primo Baraldi	Dono de um armazém de secos e molhados	jul de 1910 a abr de 1914
Felice D'Agostini	Neto de Luigi	Fabricante de carvão	jan 1913 a

Fonte: Listas de chamada. Arquivo do Estado e Médici. Migração e Urbanização..., op. cit. p.43-56.

qüentaram a escola pública: Herminia Alonso, na escola até 1906; Maria Alonso, que algumas vezes aparece nas listas como Maria Casemiro, ingressou provavelmente com seis anos e estudou quatro anos até 1909; Antenor Alonso, na escola entre os anos 1910 e 1912; e Casemiro Alonso Júnior que frequentou alguns meses a recém-criada 2ª escola masculina, do outro lado da estação.

Era habitual as estações de trem manterem um funcionário residente em casas construídas pela empresa, para controlar os embarques e desembarques de mercadorias e passageiros, além de cuidar das instalações. Em 1896, o nome de Alonso consta da lista de impostos como proprietário de um armazém de secos e molhados. Ele também criava porcos e vacas, pois, de acordo com os dados do recolhimento de impostos de 1910, pagou por possuir dez vacas, enquanto a maioria dos moradores tinha até cinco vacas.¹⁹ Os porcos eram muitos a ponto de os vizinhos reclamarem e enviarem um pedido ao presidente da Câmara Municipal de São Bernardo em 1915, queixando-se do mau cheiro e da

¹⁹ Médici. Migração e urbanização..., op. cit., p. 43-56.

falta de higiene,²⁰ que poderiam contribuir para as epidemias, que volta e meia estavam na cidade. As criações de animais estavam proibidas no perímetro urbano, ainda mais ao lado da estação de trem, que era o local de entrada e saída das pessoas na cidade. Após resolver o incidente com a criação de porcos, Casemiro Alonso abriu ao lado da estação uma casa de pensão no ano de 1918, o que é mais um sinal do crescimento da cidade e da necessidade de uma pensão para acomodar as pessoas que chegavam e não tinham lugar certo para ficar.

Dois meninos com o sobrenome Silva freqüentaram a escola masculina durante alguns meses do ano de 1905. Segundo a lista de coleta dos impostos de 1891, João José da Silva possui um pasto; em 1896 tem um pasto de aluguel. Ele provavelmente trabalhava em uma das fábricas ou olarias da cidade e alugou o seu pasto para ter mais rendimentos.

Outros alunos como Francisco Marinho e Manoel Marinho Júnior também vão a escola, o primeiro até 1910 e o segundo de 1910 a 1912. São filhos de Manoel Marinho, proprietário de duas vacas, segundo os dados do ano de 1910. O filho de Joaquim Hilário, Joaquim Hilário Junior, foi à escola somente no ano de 1912; neste ano seu pai aparece como proprietário de quatro vacas.

A aluna Aurora Lopes freqüentou a escola entre os anos de 1906 e 1907. Ela faz parte do depoimento de Dona Joana Fiorotti Zanini:

em casa a gente falava italiano, na escola, no recreio a gente falava tudo italiano, porque era tudo filho de italiano, tinha só uma pretinha chamada Aurora. De modo que na escola o resto, era tudo filho de italiano.²¹

Possivelmente o nome desta menina tenha sido lembrado por ela ter sido uma das únicas alunas da sala que não falava italiano; havia também as filhas de Casemiro Alonso, mas elas já deviam conseguir se comunicar com as colegas pois moravam na localidade desde pequenas. Aurora deve ter sido lembrada também por ser negra - ela podia fazer parte de uma das três famílias que permaneceram nas terras depois da saída dos beneditinos, ou era filha de algum trabalhador que se mudou para a cidade, ou ainda poderia morar do outro lado do rio, em São Paulo, e vir até a escola mais próxima.

Os professores muitas vezes alteravam os sobrenomes dos alunos concordando com seus prenomes. Por exemplo, o aluno João Fioroto, que tem seu nome na lista do ano de 1905, era primo de Joanna Fiorotta,

²⁰ Em uma intimação, datada de 29/janeiro/1917, encontra-se estipulado o prazo de três dias para o senhor Casemiro Alonso retirar os porcos de sua propriedadee, destruir e desinfetar os chiqueiros. Livro S17L2. Biblioteca do Museu de Santo André.

²¹ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

que estava na lista da escola feminina em 1905. Esta aluna deu um depoimento em 1995 e seu nome é Joanna Fiorotti. Estes e outros sobrenomes mudavam de acordo com o professor que preenchia as listas, dependendo do modo como entendiam a pronúncia das pessoas no momento da matrícula. Muitas vezes, as alunos apareciam sem sobrenome: simplesmente o seu nome era seguido do nome de seu pai. Pode-se explicar esta atitude pelo hábito dos italianos, nesta época, em assinarem os documentos com a ordem dos nomes trocada. Sempre começavam pelo sobrenome e depois escreviam o nome.

O Quadro 2.7 contém duas listas escolhidas aleatoriamente da 1ª escola masculina e da 1ª escola feminina.

Quadro 2.7	
Relação nominal dos alunos das escolas de São Caetano, no mês de agosto de 1907	
Escola Masculina	Escola Feminina
1. Antonio Fioroto	1. Joanna Fiorotto
2. João Fioroto	2. Roza Scarazzatto
3. Antonio Gestades	3. Maria Scarazzatto
4. Angelo Bochi	4. Aurora Scarazzatto
5. Cardenio Galleazzi	5. Maria Alonço
6. Pedro Montini	6. Assumpta Silverio
7. Duilio Tizo	7. Olga de Rezende
8. Paulo Dellantonio	8. Rosalina dos Prazeres
9. Francisco Ferrari	9. Concheta Perrella
10. Paulo Oliana	10. Clarice Spinelli
11. Thomaz Thomé	11. Angelina Cavassani
12. João Romualdini	12. Joanna Botana
13. Humberto Romualdini	13. Deolinda Bento
14. Luiz Romualdini	14. Augusta Furlan
15. Izidoro Braido	15. America Perrella
16. Luiz Braido	16. Luiza Braido
17. Fioro Dinardi	17. Avelina Gallo
18. Feliciano Capuan	18. Julia Tosetti
19. João Peixoto	19. Ana Tosetti
20. Humbero Spinello	20. Emilia Tosetti
21. Silverio Mamillo	21. Luiza Baoff
22. Menotti Tozetti	22. Fioreta Dinardi
23. Angelino Veronesi	23. Maria Martorelli
24. Antonio Moretti	24. Alzira Souza
25. João Baptista Guan	25. Regina Thomé
26. Angelo Perin	26. Leonilda Varoneza
27. Affonso Sacol	27. Furtunata Marine
	28. Maria Moretti
	29. Virginia de Rezende
	30. Clementina Fioretti
	31. Assumpta Jacomin
	32. Santa Ferreri

3. O PROGRESSO NOS ANAOS DE 1911 A

No ano de 1911 as missas passaram a ser rezadas aos domingos na igreja matriz, com doações da população adquiriu-se o terreno para a construção e inauguração do cemitério, e nestes anos, o cinematógrafo foi inaugurado. A Delegacia de Polícia foi criada para garantir a segurança dos moradores, que ainda tinham o inspetor de quarteirão, Carmine Barile, como o único representante da lei. O inspetor era o mesmo dos últimos 20 anos, nomeado na época do conflito na porta da igreja entre brasileiros e italianos.¹

As olarias estavam cada vez mais ocupando as áreas próximas aos rios, usavam o barro das margens para fazer os tijolos. Isto acarretava outras conseqüências como a formação de grandes valas, aumentando a largura dos rios, que na época das enchentes provocavam um alagamento maior. Uma das únicas vantagens, segundo um dos depoimentos,² era a de que depois das enchentes os peixes ficavam aprisionados nas valas facilitando a pescaria, principalmente para as crianças.

Os impostos no ano de 1914 foram cobrados pelo número de fornos que cada olaria possuía. Na listagem das 23 olarias apenas seis não eram de proprietários italianos,³ e é possível verificar que os sobrenomes dos italianos ainda são os mesmos dos primeiros moradores da localidade. Neste ano também foi inaugurada a farmácia, o clube recreativo São Caetano Sport Club, a loja de aluguel de bicicletas, o primeiro ponto de taxi com um automóvel italiano e muitas outras inovações, como o projeto para a iluminação a petróleo das ruas próximas a igreja, com 14 bicos de luz. A iluminação foi inaugurada em 1915.

O primeiro jornal da cidade entrou em circulação em 13 de junho de 1915, chamava-se *O Progresso*. Em suas páginas estavam os comentários sobre a luz elétrica e sobre dois homens de negócios que compraram os sítios na divisa com São Bernardo para loteá-los. Uma propaganda no jornal anunciava:

Terrenos em S.Caetano.

Bem localizados e nas proximidades da estrada de ferro.

Vendem-se a prestações mensaes de 20\$000.

Destes terrenos descortina-se todo o panorama de São Paulo, São Bernardo e de todas as povoações circumvisinhas.

1 José de S. Martins. Subúrbio.... op. cit., p.139.

2 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

3 A. Médici. Migração e urbanização..., op.cit., 1993, p.50-56.

Para mais informações com o sr. Francisco Canger.
Rua José Bonifácio, 30 - S. Paulo.⁴

O local destes sítios eram os lotes rurais, que haviam sido estabelecidos na divisão inicial das terras. Os proprietários daquela época, já falecidos, haviam passado por testamento as terras para os filhos, que as venderam para os negociantes. Neste momento, não era mais necessário viver apenas das plantações de legumes e verduras ou do corte da lenha para a fabricação do carvão em grande quantidade. As olarias estavam no auge. Os terrenos mais valorizados eram os localizados no centro, perto da igreja e dos rios com a matéria-prima para as olarias. Em alguns depoimentos dos filhos dos donos das olarias,⁵ percebe-se o orgulho em fazer tijolos e de trabalhar com o pai, apesar da pouca idade. Todos ajudavam, inclusive as meninas, que trabalhavam junto com os meninos pequenos. Como já foi dito, muitos deixavam de ir à escola em alguns meses do ano para ajudar neste serviço.

Em 16 de setembro de 1916, foi aprovada a lei de incentivos fiscais pela Câmara Municipal de São Bernardo. A lei beneficiava as indústrias com mais de 50 empregados, isentando-as do pagamento dos impostos durante alguns anos. Aproveitaram a isenção os proprietários da Fábrica de Sabão, que organizaram uma empresa com o fim de sanear e urbanizar a cidade, a que seria chamada de Companhia Melhoramentos de São Caetano. Esta Companhia iria calçar as ruas, fazer os encanamentos de água e esgotos e colocar os postes para a iluminação elétrica.

Com todo o desenvolvimento da cidade as atitudes com relação à limpeza pública e à higiene de um modo geral continuaram precárias. Em ofício ao fiscal municipal de São Caetano, a prefeitura de São Bernardo pediu providências com relação aos animais de criação soltos pelas ruas. Indicava as criações como um dos motivos da propagação de epidemias, como os casos de tifo registrados em junho de 1915. Algumas pessoas que eram proprietárias das fábricas localizadas na cidade, os seus gerentes, vereadores e juizes de paz elaboraram um abaixo-assinado para pedir providências à prefeitura. O saneamento da localidade era necessário para o progresso e o aumento da arrecadação, como dizia o texto:

Nestes ultimos annos a população deste districto se tem desenvolvido a olhos vistos. As industrias se tem multiplicado

4 Idem, *ibidem*. p.53.

5 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

e assim os estabelecimentos fabris trouxeram numerosos habitantes novos.

Os edificios disseminaram-se por toda a parte. A par deste progresso tambem tem progredido o numero de victimas de molestias infecciosas principalmente typho.

Dada a topographia do logar e outras circumstancias, as habitações não tem os confortos necessarios com agua potavel canalizada e os serviços de exgottos.

Se estes serviços fossem realizados, o progresso de São Caetano seria assombroso, pois a sua proximidade da Capital faria com que muitas industrias viessem instalar-se neste municipio e com ellas viria o seu pessoal; novos edificios se construiriam; novas casa de commercio se abririam e novos e vultuosos contribuintes de impostos municipaes seriam collectados.

É de notar que o desenvolvimento local, se bem auspicioso tem sido em parte tolhido pelo receio das molestias que grassam neste districto obrigando numerosos operarios e empregados de fabricas a residir na Capital.⁶

Semanas depois deste abaixo-assinado o prefeito municipal pediria o apressamento das obras, que estavam sendo realizadas pela Companhia Melhoramentos de São Caetano.

Em 1915 aconteceram as primeiras manifestações pela limpeza urbana, que prosseguiram nos anos seguintes. Os pedidos para a eliminação de cães raivosos das ruas e a proibição de criação de animais na cidade datam deste ano.⁷

A Fábrica de Sabão, de propriedade dos Pamplona, foi arrendada em 1912 pelas Indústrias Reunidas F. Matarazzo, que transformou as instalações da fábrica na seção de serraria e caixotaria de suas indústrias. Nos quatro anos seguintes permaneceu o arrendamento e o imóvel só seria adquirido em 1916. Deste momento em diante, a Matarazzo estabeleceu-se na cidade por todas as próximas décadas do século 20, efetuando compras de imóveis até o ano de 1974.

A localização da Matarazzo era entre os rios Tamanduaté e Meninos e a ferrovia. A igreja, outras fábricas, casas e olarias que existiam nas antigas ruas também limitavam o seu crescimento, mas poderiam ser compradas, como ocorreu. A expansão da empresa chegou a tal ponto de, segundo depoimentos, os gerentes tentarem convencer os mora-

6 Abaixo-assinado endereçado ao presidente, prefeito e demais membros da Câmara Municipal de São Bernardo. Biblioteca do Museu de Santo André.

7 Livro S17L2. Biblioteca do Museu de Santo André.

dores a demolirem a igreja matriz para vender o terreno e assim contribuir com a ampliação das Indústrias que oferecia tantos empregos. As ruas que existiam nesta parte da cidade foram incorporadas ao patrimônio da Matarazzo, como todos os outros terrenos comprados nestes limites. As Indústrias permaneceram em funcionamento até o pedido de falência e conseqüente fechamento de suas portas nos anos 90.⁸

No ano de 1918 a localidade era servida por uma linha telefônica. Os trens circulavam em maior número, também em função do maior fluxo de passageiros. A zona urbana atingiu os antigos lotes rurais na divisa com outras cidades, novos estabelecimentos comerciais surgiram e o número de escolas foi ampliado. O crescimento da população pode ser visto também na relação de casamentos, nascimentos e óbitos.

Dados do registro civil no distrito de São Caetano			
Ano	Casamentos	Nascimentos	Óbitos
1917	14	127	37
1918	23	150	82
1919	22	168	61
1920	40	198	91

Fonte: Anuario Demographico Sanitario. Typ. Diario Oficial, 1920.

De acordo com esta tabela, é possível verificar o aumento no número de óbitos no ano de 1918, em função da epidemia de gripe espanhola.⁹ As escolas foram fechadas para evitar a propagação da epidemia, mas as fábricas continuaram a funcionar. Um dos agravantes da epidemia pode ter sido a proximidade entre a Hospedaria dos Imigrantes e São Caetano. A estrada de ferro, como já foi dito, mantinha uma parada de trem na entrada lateral da Hospedaria, que abrigou um grande número de gripados e tornou-se um hospital provisório durante alguns meses, chegando a possuir mil leitos para os enfermos.

3.1 Metodologias de ensino

No relatório do diretor geral do ensino, Oscar Thompson¹⁰, para o

⁸ A. Médici e S. J. Buso. Era uma rua chamada Rui Barbosa. Revista Raízes, São Caetano do Sul: PMSCS, nº 5, jul. 1991, p. 54-57.

⁹ Esta epidemia recebeu este nome por se tratar de um vírus da gripe trazido por imigrantes espanhóis, que desembarcaram no porto da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ Oscar Thompson ocupou o cargo de diretor geral da Instrução Pública nos anos de 1910 e 1911. Foi substituído por João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior que esteve no cargo entre 1911 e 1916, quando foi novamente de Thompson, entre 1917 e 1919.

biênio 1909-1910, encontram-se os seguintes comentários :

Ler, escrever e contar, sómente não traduz o espirito da escola moderna. Sem duvida a leitura, a escripta e as contas são disciplinas instrumentaes, servem para se adquirirem outros conhecimentos; mas o que a escola se propõe a crear, a desenvolver principalmente é o espirito de iniciativa, de perseverança, de energia, de bondade e de dignidade. É formar homens fortes, bons e dignos, cheios de confiança em si mesmos e conscientes de sua responsabilidade. Em summa, a boa escola é aquella que se torna para a sociedade um viueiro de homens de bom character. (...)

Julgamos, por isso, que a feição das escolas publicas paulistas, sem quebra de seu espirito moderno, deve ser essencialmente agricola. (...) É preciso, porem, que, ao lado do ensino intuitivo da botanica, da zoologia e das noções de sciencias physicas e naturaes, seja feita diariamente nas escolas a descripção da vida do campo quer pelo lado hygienico, quer pela face economica e pela belleza natural como um meio de propaganda suggestiva a favor dos trabalhos agricolas, tornando-os assim mais attrahentes aos olhos da infancia.¹¹

O ensino intuitivo continuava necessário ao ensino, os objetos da realidade ainda eram adequados ao aprendizado. Mas a defesa do ensino agrícola estava deslocado neste contexto: a urbanização das cidades fazia com que as pessoas aprendessem a ler e a escrever para conseguirem trabalhar nas novas fábricas, inauguradas ao lado das linhas das estradas de ferro. Ao mesmo tempo em que o inspetor defendia melhores formas para o ensino agrícola, as escolas noturnas para adultos apresentavam um programa voltado para as artes industriais.

A metodologia proposta para os professores das escolas isoladas diurnas, independentemente das condições de sua escola, era:

- a) Todos os dias, antes da entrada dos alumnos, o professor escreverá no quadro negro os exercicios destinados ás diferentes classes, de modo que, quando esteja a trabalhar com uma, todas as outras executem simultaneamente as suas tarefas.
- b) Durante os intervalos de "descanço", será permittida aos alumnos plena liberdade de comunicação.
- c) Nos exercicios collectivos de linguagem escripta (ás 2ª,

¹¹ Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. Typ. A . Siqueira & C., 1909-1910.

4ª, e 6ª), o professor deve associar-se directamente ao trabalho das classes, percorrendo as filas dos alumnos para ajudal-os, encaminhal-os e corrigir os senões que fôr encontrando.

d) O professor trabalhará, quanto possível, de pé: será este pequeno sacrificio largamente compensado. Tornar-se-a mais effectiva a fiscalização que lhe cabe exercer sobre o trabalho da classe e sua communicação com os alumnos será mais directa e pessoal.

e) Os alumnos não devem ser distribuidos pelas carteiras por ordem de altura, mas por ordem de classe, de modo que as primeiras fileiras sejam occupadas pelos mais atzados.

f) Nas escolas do sexo feminino, os trabalhos de agulha e crochet serão executados ás 3ª, 5ª, e sabb., de 2.55 ás 3, 15.

g) As aulas sobre animaes, plantas e lições geraes serão collectivas.

h) Aos sabbados, no tempo consagrado á gymnastica, as classes farão evoluções militares no pateo de recreio.¹²

No ano de 1911 um novo horário-modelo para as escolas isoladas foi publicado, acompanhado do programa com todas as disciplinas discriminadas por anos, os conteúdos especificados e, ainda, com notas e observações no final do texto, indicando quais as metodologias mais adequadas para a execução de cada atividade proposta. Comparando-se com a proposta do biênio 1909-1910, as diferenças são mínimas, as mudanças são na ordem de apresentação dos conteúdos.

Na década de dez, os relatórios anuais do diretor da instrução pública e dos inspetores escolares tratam da metodologia dos professores, discutem como o ensino estava sendo ministrado e como deveria ser, comentam sobre o uso, muitas vezes incorreto, do método intuitivo e das formas de avaliar, além dos hábitos dos alunos em sala de aula. Sobre estes assuntos, alguns comentários dos anos de 1913, 1914, 1915 e 1917 foram selecionados.

O inspetor escolar¹³ Domingos de Paula e Silva defende, em 1913, a didática e a arte do bem ensinar, enfatiza a necessidade dos professores usarem os princípios da psicologia, da fisiologia e da sociologia para desenvolver melhor o trabalho na sala de aula. Lamenta a desvinculação entre a teoria dos cursos normais e a prática nas escolas. No relatório de 1914, o diretor geral da Instrução Pública, João Chrysosto-

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ As inspetorias de ensino e as divisões das escolas por zonas, foram criadas com o decreto nº 1883, de 06/junho/1910.

mo Bueno dos Reis Junior, comenta as dificuldades das escolas isoladas, pelo número de alunos em idades e adiantamentos diferentes, todos na mesma sala, pela falta de materiais, de móveis e de casa para a moradia do professor. Pode-se verificar que a situação precária das escolas isoladas perpetua-se - estes comentários são constantes na maioria dos documentos que tratam destas escolas.

Nos relatórios de três inspetores do ano de 1915, nota-se a preocupação com a forma de ensinar utilizando-se do método intuitivo. O inspetor Benedicto Maria Tolosa explica como o professor deveria partir do vocabulário das crianças para ensiná-las a ler e escrever, utilizando de objetos das casas dos alunos, quando os materiais fossem escasos:

Deverá ser o objecto estudado nas suas formas exteriores; nas acções de que forem susceptíveis; nos seus característicos principaes, usos e utilidades immediatas.

Nesse primeiro passo, será já o numero de nomes, coisas, qualidades, acções e relações, que enriquecerão o vocabulario com que entraram os alumnos para a escola. Cada facto observado, cada estudo effectuado, cada observação feita corresponderá a um estudo mental da criança, e que ella procurará traduzir com os recursos do seu cabedal de linguagem.(...) Auxiliados taes exercicios com a reprodução do trecho lido, em prosa ou verso, no livro de leitura, com a narração dos contos quaesquer, com as observações praticadas nas aulas de geographia, historia, estudo da natureza, numeros, formas geometricas, trabalhos manuaes, gymnastica, em tudo, emfim, é facil inferir-se quão grande será, com este processo, o aproveitamento dos alumnos na aquisição da lingua materna.¹⁴

Sobre o ensino da história, o inspetor escolar Mauricio de Camargo tece críticas ao tempo gasto com os ensinamentos sobre o descobrimento do Brasil e o período colonial, tratando de modo sucinto dos acontecimentos atuais. Os culpados neste caso, segundo o inspetor, são, além dos professores, os autores dos livros adotados nas escolas públicas:

Quase todos os compendios, por onde se guiam os professo-

14 Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. Typ. A. Siqueira & C., 1915. p. XXIX.

res, dão um desenvolvimento exagerado á historia do periodo colonial, consagrando meia duzia apenas de capitulos ao estudo do periodo autonomo.(...) É indispensavel, pois, escreverem-se compendios de historia sob nova orientação, que será a de tratar-se daquelles factos que mais emocionem o espirito da infancia, servindo-lhes, ao mesmo tempo, de exemplos civicos.¹⁵

O inspetor Leopoldo Sant'Anna escreve sobre o ensino da leitura, avisando os professores do perigo das leituras decoradas pelos alunos. Nem sempre a boa leitura é acompanhada da apreensão dos conteúdos das palavras que o texto traz:

o professor manda lêr, a um alumno, cinco ou seis linhas da lição, e em seguida, contar o que leu, depois manda outro, e outro, e outro, nas mesmas condições, até que se esgote o tempo consignado no horario. Acontece, porém, que os alumnos, porque ignorem a significação de innumerables palavras contidas nos trechos lidos, não conseguem reproduzi-los, ou, si o fazem, é repetindo ipsis verbis o que leram.¹⁶

Segundo o inspetor, os professores deveriam agir de uma forma mais complacente com o aprendizado dos alunos, ouvindo o aluno falar, para provocar o seu raciocínio. O ensino deve adaptar-se aos alunos e aos novos métodos:

Os exames e as sabbatinas devem deixar de constituir doenças, para se transformar em exercicios suaves, por meio dos quaes verifique o professor os defeitos do seu ensino, as falhas das suas lições, e como proceder para que toda a classe, sem excepção de ninguem, aproveite do seu saber e da sua experiencia.¹⁷

3.2 Escolas isoladas: a nova ordem

Nas escolas isoladas o horário era repleto de tarefas, com dias da

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

Quadro 3.1						
			1ª Secção		2ª Secção	
Horas	Minutos	Dias/sem	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D
11-11,10	10	Diariamente	Chamada	Chamada	Chamada	Chamada
11,10-11,30	20	Diariamente	Numeros	Numeros	Copia de Parker	Copia de Parker
11,30-11,50	20	Diariamente	Tornos	Tornos	Numeros	Problemas
11,50-11,55	5	Diariamente	Descanço	Descanço	Descanço	Descanço
11,55-12,15	20	Diariamente	Copia de Parker	Copia de Parker	Tornos	Numeros
12,15-12,25	10	Diariamente	Gymnastica	Marcha ou canto	Marcha ou canto	Marcha ou canto
12,25-12,40	15	Diariamente	Leitura e linguagem oral	Varetas	Linguagem escripta na lousa	Linguagem escripta na lousa
12,40-12,55	15	Diariamente	Varetas	Leitura e linguagem oral	Linguagem escripta na lousa	Linguagem escripta na lousa
12,55-1	5	Diariamente	Descanço	Descanço	Descanço	Descanço
1-1,20	20	Diariamente	Linguagem escripta na lousa	Linguagem escripta na lousa	Leitura e linguagem oral	Leitura silenciosa
1,20-1,40	20	Diariamente	Linguagem escripta na lousa	Linguagem escripta na lousa	Leitura silenciosa	Leitura
1,40-1,45	5	Diariamente	Preparo para o recreio	Preparo para o recreio	Preparo para o recreio	Preparo para o recreio
1,45-2,15	30	Diariamente	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
2,15-2,20	5	Diariamente	Chamada	Chamada	Chamada	Chamada
2,20-2,35	15	2ª, 4ª e 6ª 3ª, 5ª e sab.	Historia	Historia	Cartographia	Cartographia
2,35-2,55	20	2ª, 4ª e 6ª 3ª, 5ª e sab.	Geographia	Geographia	Cartographia	Cartographia
2,55-3,15	20	2ª, 4ª e 6ª 3ª, 5ª e sab.	Desenhos com tornos	Desenhos com tornos	Historia	Historia
3,15-3,30	15	2ª e 5ª/4ª e sab./3ª e 6ª	Desenhos com tornos	Desenhos com tornos	Geographia	Geographia
3,30-3,50	20	2ª, 4ª e 6ª 3ª, 5ª e sab.	Linguagem escripta, trabalho manual, plantas, animaes, lições geraes, calligraphia	Linguagem escripta, trabalho manual, plantas, animaes, lições geraes, calligraphia	Linguagem escripta, trabalho manual, plantas, animaes, lições geraes, calligraphia	Linguagem escripta, trabalho manual, plantas, animaes, lições geraes, calligraphia
3,50-3,55	5	Desenho	Desenho	Desenho	Desenho	Desenho
3,55-4	5	Sahida				

Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. A. Siqueira & C., 1909-1910.

semana preestabelecidos para determinados tipos de atividades, além da rigidez nos horários, como se vê no Quadro 3.1.

De acordo com as recomendações que acompanham este horário, quando não fosse possível, pelas condições do prédio ou pela carência de material didático, alguns itens poderiam ser adaptados.

A denominação "escola isolada" foi, no ano de 1917, alterada para "distrital", em função do crescimento das localidades que se tornam distritos das cidades grandes. A nova divisão separava as escolas urbanas, localizadas na sede das cidades, escolas distritais, nos bairros, e escolas rurais.¹⁸ Em 1918 foi publicado o programa para o ensino nas escolas distritais, contendo os passos a serem seguidos pelo professor nos primeiros dias de aulas e todas as disciplinas de todos os anos, explicadas por itens e sub-itens.

3.3 Os afazeres dos inspetores escolares

No ano de 1917, o diretor geral da Instrução Pública, Oscar Thompson, enfatiza as mudanças necessárias no ensino. Estabelece as funções dos inspetores escolares e de como deveriam ser tratados os professores que não cumprissem as regras. Também determina a racionalidade no uso dos materiais escolares pelos alunos, as formas que os professores deveriam corrigir as avaliações e como deveriam ser as novas relações entre professores e alunos. Os inspetores, além de verificar os horários de funcionamento das escolas, o número de alunos, a frequência dos professores e os livros de anotações, deveriam também examinar, "nas escolas isoladas, os cadernos de exercícios gráficos e determinar que fiquem eles sob a guarda dos professores e não em poder dos alumnos em suas casas"¹⁹.

As atividades e o comportamento dos alunos também foram normatizadas:

Cada alumno terá apenas tres cadernos: um para calligraphia; outro para linguagem, outro para desenho e cartographia. Exercícios de copia, dictados, reproducções, composições, etc. serão sempre dactados e feitos em um mesmo e único caderno, afim de que, á simples apreciação deste, conhecida se tornem a orientação do professor no ensino de

¹⁸ Collecção de leis e decretos do Estado de São Paulo. 1917. São Paulo: Typ. Diário Oficial. 1918. Lei 1.579 de 19/dezembro/1917.

¹⁹ Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. Typ. A. Siqueira & C., 1917.

língua e a observância do horário.(...) Recomendar que, á chegada de visitas, fiquem de pé os alumnos, sentando-se logo apos, e continuando o professor a aula que estava dando, fazer sentir aos professores que os alumnos podem frequentar as aulas descalços, não se derivando dahi inconveniente algum.²⁰

3.4 Ampliação do número de escolas

Em dezembro de 1911 foram criadas mais duas escolas, uma feminina e uma masculina na Estação de São Caetano, município de São Bernardo.²¹ As novas escolas foram denominadas de "segundas" e as existentes passam a ser chamadas "primeiras". Novas escolas eram criadas todas as vezes que o número de alunos matriculados numa escola fosse superior a 40.

Por uma ordenação dos conteúdos optou-se pela separação dos itens em escolas femininas e mistas regidas por professoras, e escolas masculinas e noturnas regidas por professores. Passaria a haver uma maior rotatividade de professores na localidade, mas a legislação era complacente com os pedidos de licenças, pois o ordenado só seria totalmente suspenso quando o afastamento excedesse a 12 meses.²²

3.4.1 Femininas e mistas

A 1ª escola feminina após a remoção da professora Joanna de Almeida Motta, ficou por um ano a cargo de Noemia Araujo Silva. Em janeiro de 1913 a professora enviou um ofício ao prefeito e inspetor municipal, para encaminhamento ao secretário de Estado dos Negócios do Interior, requisitando móveis novos para a escola por estar "verificando o estado de maõ em que se acha"²³. Estes móveis aos quais ela se refere são os da última remessa, feita no primeiro semes-

²⁰ Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. A. Siqueira & C., 1917.

²¹ Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. 1911. Typ. do Diario Official, 1912. Lei 1297 de 27/dezembro/1911. Crêa e converte diversas escolas preliminares.

²² Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. 1912. Typ. do Diario Official, 1913. Decreto 2225 de 16/abril/1912.

²³ Livro S17L3. Ofício da professora Noemia A. Silva ao prefeito e inspetor municipal. 31/janeiro/1913. Biblioteca do Museu de Santo André.

tre de 1904.

Quadro 3.2		
Professoras da 1ª escola feminina		
Anos	Nome	Meses de trabalho
1894/1911	Joanna de Almeida Motta	abril 1894 a dezembro 1911
1912/1914	Noemia Araujo Silva	janeiro 1912 a dezembro 1914
1915/1921	Bernardina Jardim Martins	janeiro 1915 a junho 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

Bernardina Jardim Martins, em janeiro de 1915, assumiu a cadeira de Noemia. Ela iria lecionar na cidade nos próximos 12 anos e integraria o corpo docente do grupo escolar. Todos estes anos a 1ª escola esteve localizada na sala da casa da família De Nardi.

O quadro abaixo relaciona as professoras desta escola.

A 2ª escola feminina foi criada em dezembro de 1911 e só foi provida dos materiais necessários para o seu funcionamento em setembro do ano seguinte, depois que a professora Antonieta de Oliveira enviou um requerimento pedindo esses materiais ao diretor do almoxarifado da Secretaria do Interior. Antonieta de Oliveira suspendeu as aulas apenas uma vez durante os dois anos em que esteve na escola, para a realização de seu "enlace". Nesta época o curso preliminar,²⁴ que era de três anos, passou a ter a duração de quatro anos.

Em fevereiro de 1914, Maria Augusta Moreira Costa ocupou a cadeira que era da professora Antonieta. A professora Maria Augusta ficou dois anos na cidade, até ser substituída por Rosalina Fontes Macha-

Quadro 3.3		
Professoras da 2ª escola feminina		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1912/1914	Antonieta de Oliveira	setembro 1912 a janeiro 1914
1914/1916	Maria Augusta Moreira Costa	fevereiro 1914 a janeiro 1916
1916/1921	Rosalina Fontes Machado	fevereiro 1916 a janeiro 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

do. Esta escola esteve instalada em uma das salas do prédio da Companhia Melhoramentos. Os proprietários desta fábrica, alguns anos depois, doaram o terreno para a construção do grupo escolar. A professora Rosalina chegou a lecionar no grupo.

Segue o quadro com os nomes das professoras da 2ª escola.

Em maio de 1913, as professoras Noemia, da 1ª escola, e Maria

²⁴ Preliminar era o nome atribuído às três séries que formavam o curso com o mesmo nome; trabalhava as noções básicas dos conteúdos.

²⁵ Livro S17L3. Ofício das professoras ao prefeito municipal para encaminhamento ao Director Geral da Instrução Publica. 29/maio/1913. Biblioteca do Museu de Santo André.

Augusta, da 2ª escola, enviaram um ofício ao prefeito municipal de São Bernardo. Este documento pedia que o horário das aulas fosse mudado, "em vista de ter a Estrada de Ferro São Paulo Railway alterado o horário dos trens de suburbio".²⁵ O prefeito encaminhou o pedido ao diretor da Instrução Pública. Não se tem notícias do parecer do diretor ou da mudança dos horários. As escolas continuaram funcionando.

Em dezembro de 1912, foi criada a 1ª escola mista da localidade - sinal do aumento do número de crianças em idade escolar, ou das que não eram aceitas nas outras escolas, por causa do número preestabelecido de alunos matriculados por sala. Quando o número de alunos, meninos ou meninas, fosse inferior a 20 podia-se criar uma escola mista com 40 alunos. Olga Bourroul assumiu esta nova escola. De acordo com a legislação vigente somente professoras poderiam lecionar nas escolas mistas.²⁶ a professora Olga ficou três anos em São Caetano, quando Maria José Morato, a dona Zezé, ocupou o seu lugar. Os depoimentos²⁷ indicam que esta escola também funcionava na casa da família De Nardi,

Quadro 3.4		
Professoras da 1ª escola mista		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1913/1916	Olga Bourroul	julho 1913 a julho 1916
1916/1921	Maria José Morato	agosto 1916 a janeiro 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

na segunda sala cedida para a escola. Dona Zezé também foi trabalhar no grupo.

O quadro a seguir relaciona os nomes das professoras desta escola.

Como não era suficiente a quantidade de escolas para o número de crianças em idade escolar, em dezembro de 1913 foi criada a 2ª escola mista. Esta escola teve como professora Amélia Monteiro de Barros Marrey. A professora morou em São Caetano com seu marido, o médico José Franco de Carvalho. Uma sala da casa que alugaram foi cedida para abrigar a escola em que a professora Amélia lecionaria. Esta professora também foi trabalhar no grupo escolar quando ele foi criado. O irmão da professora Amélia ajudou os moradores na organização das reuniões, que visavam a solicitação da construção de um prédio para o grupo escolar.

Amélia Marrey era formada há dois anos pela Escola Normal Secundária da Capital e assumiu a escola em março de 1917. A sua antecessora, a qual não tenho informação, deve ter então lecionado no período

²⁶ Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. 1910. Typ. Diario Official, 1911

²⁷ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

do que vai de janeiro de 1914 a fevereiro de 1917.

No mês de outubro de 1914 foi criada a 3ª escola feminina, tendo como professora Mariana de Almeida Moura, filha de um diretor de escola em São Paulo. Era formada pela Escola Normal Secundária. Esta escola estava localizada em uma casa de um morador, próxima aos trilhos do trem.

A 4ª escola feminina localizada na rua Perrella tinha a professora Alice Ferreira Peake, que veio removida de São Bernardo, da colônia italiana do Capivari. Esta escola foi criada oficialmente em dezembro de 1919, mas a professora já estava na cidade antes desta época, trabalhando em uma escola particular perto da sede da "Príncipe de Napoli". Provavelmente deixou a escola quando se casou com um dos sobrinhos

Quadro 3.5		
Professoras da 4ª escola feminina.		
Anos	Nomes	Meses de trabalho
1917/1916	Alice Ferreira Peake	Abril 1917 a março 1920
1920/1921	Maria José Ribeiro	Abril 1920 a janeiro 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

de um vereador de São Bernardo e, teve como sua substituta a professora Maria José Ribeiro.

O quadro a seguir relaciona estas professoras.

Em dezembro de 1918 foi criada a 3ª escola mista, no bairro da Fábrica Cerâmica. No ano seguinte criaram-se a 4ª, a 5ª e a 6ª escolas femininas - uma nas proximidades da estação, outra no distrito de São Caetano e a última no bairro da Fábrica Companhia Mecânica, do outro lado da linha do trem.

O quadro a seguir (Quadro 3.6 pág..) contém todos os nomes das professoras das escolas femininas, de 1883 até a criação do grupo em 1921. As professoras substitutas aparecem na ordem em que ocuparam as cadeiras.

3.4.2 Masculinas e noturnas

Em novembro de 1911, a escola masculina que existia desde 1883, passou a se denominar "1ª escola masculina". O seu professor era Waldemar Freire. Este era formado pela Escola Complementar anexa à Escola Normal da Capital, havia três anos. Esteve nos 15 anos seguintes em São Caetano e foi para o grupo escolar junto com seus colegas. De acordo com as observações feitas pelo professor, no livro de chamada da 1ª escola masculina, as aulas só foram suspensas uma vez por três dias no mês de março de 1912, meses depois de assumir a escola, "por realizar-se o seu consorcio". A 1ª escola estava localizada na casa da es-

Quadro 3.6			
Professoras efetivas e substitutas das escolas femininas e mistas entre os anos 1883 e 1921			
Escolas	Professora da cadeira	Professora substituta	Período de trabalho das efetivas
1ª escola	Felicidade Perpétua de Macedo		abril a maio de 1883
	Maria Adelaide do Carmo Machado		julho a dezembro de 1883
	Elisa Angélica de Brito Alambert		março de 1884 a julho de 1887
	Josephina Invernizzi		agosto de 1887 a dezembro de 1893
	Joanna de A. Motta	Maria José dos Santos	fevereiro de 1894 a dezembro de 1911
		Avelina dos Santos	
	Noemia Araujo Silva		janeiro de 1912 a dezembro de 1914
	Bernardina Jardim Martins	Guiomar Soares	janeiro de 1915 a junho de 1927
2ª escola	Antonieta de Oliveira	Maria Augusta Moreira Costa	setembro de 1912 a janeiro de 1914
	Rosalina Fontes Machado	Regina Ferreira Peake	fevereiro de 1916 a janeiro de 1921
		Regina Ferreira Peake	
		Antonia Tegão	
		Dolores Barcellos Coimbra	
3ª escola	Marianna de Almeida Moura		janeiro de 1915 a junho de 1921
4ª escola	Alice Ferreira Peake		abril de 1917 a março de 1920
	Maria Jose Ribeiro		abril de 1920 a janeiro de 1921
1ª mista	Olga Bourroul		julho de 1913 a julho de 1916
	Maria José Morato		agosto de 1916 a janeiro de 1927
2ª mista	Amélia Monteiro de Barros Marrey	Sarah Arantes de Freitas	março de 1917 a janeiro de 1921
		Izaura Ferreira Peake	

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado e Museu de Santo André.

trada de ferro há mais de dez anos.

No ano de 1913 ocorreram eleições para vereadores municipais e juízes de paz e a escola masculina da rua Perrella ao lado da estação de trem serviu como seção eleitoral. Mesmo situada na sala da casa de Casemiro Alonso, já havia se tornado um ponto de referência e a Câmara Municipal de São Bernardo considerou a casa apropriada para a seção eleitoral.

As novas escolas criadas em dezembro de 1911, chamadas de 2ª feminina e 2ª masculina, foram providas com materiais somente depois da escolha das cadeiras. A 2ª escola masculina seria regida pelo profes-

sor Joaquim Bellucci. Este requisitou os materiais para a escola começar a funcionar em abril de 1912. A nova escola estava localizada em uma sala da sede da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Os sócios resolveram em uma das reuniões ceder a sala.²⁸ Joaquim Bellucci permaneceu na 2ª escola até a inauguração do grupo escolar, quando todas as escolas foram incorporadas. Este professor era recém-formado pela Escola Complementar anexa à Escola Normal e passou mais de 15 anos lecionando na cidade.

O número de alunos que procuraram esta escola era elevado.

Tabela 3.2			
Número de alunos matriculados na 2ª escola masculina nos anos de 1912 a 1914.			
Meses	1912	1913	1914
Jan	--	42	35
Fev	--	43	35
Mar	--	43	34
Abr	37	43	34
Mai	40	45	--
Jun	42	44	--
Jul	40	46	--
Ago	40	45	--
Set	41	43	--
Out	39	40	--
Nov	40	40	--
Dez	40	40	--

Fonte: Listas de chamada do professor da 2ª escola masculina de

Muitas das crianças que não conseguiram vagas na outra escola foram para esta. Nas listas de chamada vêem-se irmãos matriculados juntos, no mesmo ano.

Em maio de 1913, os professores Waldemar e Joaquim enviaram

²⁸ Ata da Sociedade Beneficente Internacional União Operária. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

²⁹ Livro S17L3. Ofício ao prefeito municipal para encaminhamento ao Director Geral da Instrução Publica. 29/maio/1913. Biblioteca do Museu de Santo André.

um ofício ao prefeito. Pediam a alteração do horário das aulas como fizeram as professoras, porque os trens da São Paulo Railway haviam alterado os seus horários impossibilitando-os de cumprirem o horário das aulas estabelecido por lei.²⁹ Este ofício não teve resposta.

Em dezembro de 1914 foi criada a 1ª escola noturna, que seria instalada nas proximidades da Companhia Melhoramentos. Para a instalação destas escolas, a legislação previa a sua localização em *centros operários* e que seus prédios, de preferência, fossem cedidos pelas municipalidades. Esta escola acabou sendo instalada no prédio da empresa.

Em 1909, a lei 1.184 determinou a criação de escolas preliminares noturnas para crianças operárias. Entre as fábricas que constam da listagem encontra-se a Companhia Cerâmica São Caetano. Das 50 escolas criadas por esta lei, apenas oito foram providas, pois apenas estas se adequavam as normas legais vigentes. A escola de São Caetano não foi provida.

As escolas noturnas somente seriam criadas quando existisse um número de 30 alunos interessados na sua instalação. Esta escola poderia ser freqüentada por homens maiores de 14 anos e funcionaria por duas horas e meia, das 18h30 às 21h, todas as noites. A freqüência média não poderia ser inferior a 25 alunos, com um total de 50 alunos matriculados por sala.³⁰ Somente professores do sexo masculino poderiam lecionar nestas escolas. Em São Caetano, Ubaldino Antunes de Oliveira foi o professor.

O programa das escolas noturnas abrangia leitura, escrita, linguagem, aritmética e lições gerais composta por noções de geometria, desenho, higiene, educação moral e cívica e aplicações das ciências físicas e naturais. Estes conteúdos seriam trabalhados todos os dias e eram voltados para a realidade dos alunos:

lições de coisas tratando-se das qualidades, emprego, uso e propriedades de corpos e objetos de uso nas artes e indústrias e lições que contribuam para a educação da vontade, onde sejam narrados os triunfos da perseverança e exaltadas as alegrias da vida ativa, fecunda e tranqüila do trabalhador honesto.³¹

Em um dos depoimentos³² as referências ao professor desta escola são sobre as dificuldades de locomoção. No término das aulas o pro-

30 Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. 1910. Typ. Diario Official, 1911.

31 Idem, ibidem.

32 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São

Quadro 3.7			
Professores das escolas masculinas			
Ano	Escola	Nome	Meses de trabalho
1911	1ª escola	Alfredo Guedes Lopes	julho 1908 a outubro 1911
1911/1921	1ª escola	Waldemar Freire	novembro 1911 a 1927
1912/1921	2ª escola	Joaquim Bellucci	abril 1912 a 1927
1916/1921	1ª noturna	Ubalдино Antunes de Oliveira	janeiro 1916 a janeiro 1921
1917/1921	2ª noturna	José Roberto Cardozo da Silva	janeiro 1917 a janeiro 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado.

O próximo quadro traz todos os professores efetivos e substitutos.

Quadro 3.8			
Professores efetivos e substitutos das escolas masculinas e noturnas entre os anos 1883 e 1921			
Escola	Professor da cadeira	Professor substituto	Período de trabalho
1ª escola	Joaquim Ferreira Alambert	Antonio Jose da Silva Lisboa	agosto de 1883 a junho de 1894
	Manoel dos Reys		julho de 1894 a dezembro de 1900
	Jose Roberto dos Santos Cardozo	Herminio Marcos de Moura	janeiro de 1901 a julho de 1902
		José da Silva Bueno Brandão	
	Antonio Mendes da Silva	Benedicto da Silveira Vasconcellos	setembro de 1902 a junho de 1908
		Aristides da Silveira Vasconcellos	
		Luiz de Toledo Piza	
		Alfredo Guedes Lopes	
	Waldemar Freire		novembro de 1911 a junho de 1927
2ª escola	Joaquim Bellucci		abril de 1912 a junho de 1927
1ª noturna	Ubalдино Antunes de Oliveira	Manoel de Freitas Garcia	janeiro de 1916 a janeiro de 1921
2ª noturna	Jose Pedro Cardozo da Silva		janeiro de 1917 a janeiro de 1921

Fonte: Documentos variados. Arquivo do Estado e Museu de Santo André.

4. ESCOLA MODERNA: 1918 E 1919

No mês de dezembro de 1918 o inspetor escolar municipal enviou o requerimento do professor José Alves ao secretário do interior. Solicitava autorização para o professor requerente reger as aulas da Escola Moderna na Estação de São Caetano, de acordo com as disciplinas do curso primário.¹

A Escola Moderna havia sido idealizada pelo espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), que no ano de 1901 começou a publicar uma revista de educação na cidade de Barcelona, na Espanha, com o nome de *Escuela Moderna*. Esta publicação deu início a outras e contribuiu para efetivar a construção de tais escolas. Na reunião da Liga Internacional pela Educação Racional, criada por Ferrer, estabeleceram-se as diretrizes para as escolas:

1º A educação infantil deve sustentar-se em uma base científica e racional, em consequência, deve despojar-se de toda noção mística e sobrenatural.

2º A instrução não é só uma parte desta educação, ela também compreenderá o lado da formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, a cultura da vontade, a preparação de um ser moral e físico bem equilibrado com faculdades que sejam harmoniosamente associadas e conduzidas a sua maior potencialidade.

3º A educação moral, mais prática que teórica, deve ser resultante de exemplos e estar apoiada na grande lei natural da solidariedade.

4º É necessário, sobretudo na educação da primeira infância, que os programas e os métodos sejam adaptados na medida do possível a psicologia da criança, o que atualmente não se faz nem na educação pública nem na educação privada.²

1 As escolas particulares de ensino primário deviam solicitar licença para a instalação e funcionamento de tais cursos, instruindo suas petições com títulos comprobatórios de capacidade moral e técnica dos respectivos diretores e professores e com relatório do inspetor médico sobre as condições higiênicas e pedagógicas do prédio escolar. Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. Typ. A. Siqueira & C., 1918.

2 "1º La educación dada a la infancia debe sostenerse en una base científica y racional; en consecuencia, debe alejarse de toda noción mística o sobrenatural.

2º La instrucción no es sino una parte de esa educación, la que también comprenderá al lado de la formación de la inteligencia, el desarrollo del carácter, la cultura de la voluntad, la preparación de un ser moral y físico bien equilibrado donde las facultades sean armoniosamente asociadas y conducidas a su mayor potencialidad.

3º La educación moral, menos teórica que práctica, debe ser el resultado del ejemplo y estar apoyada en la gran ley natural de la solidaridad.

4º Es necesario, sobre todo en la enseñanza de la primera infancia, que los programas y los métodos sean adaptados en cuanto sea posible a la psicología del niño, lo que actualmente no se hace ni en la enseñanza pública ni en la enseñanza privada." (Carlos M. Assad. En el país de autonomía: la escuela moderna. México: El caballito: Secretaría Educación Pública, 1985, p.10. Apud L'Ecole Renouée: revue d'elaboration d'un plan d'education moderne. Bruxelles, 1908.)

Grupos defensores do ensino leigo de tendências ideológicas variadas e os anarquistas apoiaram as bases desta escola. Os anarquistas idealizavam a escola laica há tempos, defendiam a autonomia individual, a abolição do Estado, da Igreja e dos partidos políticos. A escola de Ferrer pretendia conscientizar a criança sobre as injustiças sociais, partindo de exemplos do cotidiano e formando um cidadão livre.³

A difusão da ideologia libertária e, certamente, um número maior de crianças do que de escolas e de vagas no ensino primário público foram os fatores que possibilitaram o surgimento das escolas modernas. Estas organizavam cursos diurnos para crianças e noturnos para adultos. Uma taxa em dinheiro era cobrada dos alunos mensalmente para pagar o salário dos professores e comprar materiais escolares.⁴

Em São Paulo foi criada a primeira Escola Moderna em 1912, no bairro do Belenzinho,⁵ com donativos dos trabalhadores e simpatizantes do movimento, prática cotidiana entre os membros dos grupos anarquistas. A segunda Escola Moderna, conhecida como número 2, foi reaberta em São Paulo no ano de 1918⁶ e a Escola Moderna número 3 foi inaugurada em São Caetano no mês de dezembro de 1918. As escolas tiveram como diretores e professores - os cargos eram acumulados - João de Camargo Penteado, na número 1; Adelino Tavares de Pinho, na número 2; e José Alves, na número 3.

As três escolas seguiam o modelo criado por Ferrer. Consideravam importante a publicação de livros escolares, boletins informativos, jornais escolares para divulgação da produção dos alunos e outros materiais impressos que fundamentassem e divulgassem o ensino racional, além de preocuparem-se com a formação de seus professores. A metodologia utilizada na sala de aula seguia os preceitos da solidariedade, uns deviam ajudar os outros, a autoridade do professor era mínima, as provas foram abolidas para evitar a competição. Todos os alunos eram valorizados e tinham os seus trabalhos publicados no jornal da escola, participavam de passeios comunitários, como a ida ao "Jardim da Luz" para analisarem e perceberem criticamente os problemas sociais, iam às festas promovidas pela escola para recitar poesias e cantar.⁷ A participação dos alunos era intensa em todo tipo de atividade.

3 Carlos M. Assad, *En el país de autonomía*, op. cit., e Flávio V. Luizetto. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional. 1900-1920*. Tese de Doutorado. USP, 1984.

4 Boletim da Escola Moderna. Fac símile, co-edição Centro de Memória Sindical & Arquivo do Estado, n.º 1, 2 e 3.

5 A Escola Moderna número 1 funcionou na rua Saldanha Marinho, nº 66 no bairro do Belenzinho, na cidade de São Paulo, do ano de 1912 até o de 1915. Mudou-se para a Avenida Celso Garcia, nº 262, no bairro do Brás, em 1915 e lá ficou até ser fechada em 1919.

6 A Escola Moderna Número 2 foi reaberta na rua Maria Joaquina, nº 13 no bairro do Brás, distante apenas algumas quadras da escola número 1.

7 Regina C. M. Jomini. *Uma educação para à solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. São Paulo: Pontes, 1990.

A liberdade para os anarquistas tinha o bem-estar da comunidade como referência. O homem era livre, na medida em que procurava se solidarizar e conciliar seus interesses com os dos outros. (...) A ação solidária pode ainda ser notada na colaboração efetiva existente entre professores. Tal colaboração visava, sobretudo, manter a marcha do trabalho educativo e coaduná-la à necessidade de propaganda. (...) Esse clima de solidariedade, existente entre professores, buscava irradiar-se no meio escolar através de atividades realizadas em conjunto pelas escolas. Festas e passeios comunitários serviram como temas de redações, posteriormente publicadas no jornal dos alunos. (...) os professores, em vez de apresentarem o conhecimento pronto e solidificado a seus alunos, deveriam induzi-los a descobrirem, por si mesmos, as leis que regem os fenômenos da natureza e a perceberem, criticamente, os problemas sociais.⁸

Os sindicatos normalmente contribuíam com donativos mensais para a manutenção da Escola Moderna número 1, a mais antiga. O Sindicato dos Laminadores de São Caetano, segundo o *Boletim da Escola Moderna*,⁹ auxiliava com donativos mensais e, em agosto de 1918, divulgou a pretensão de

criar uma escola racionalista para a instrução e educação dos filhos dos companheiros daquela organização e da infância proletária da localidade. Tão bello procedimento é o dos obreiros do Sindicato dos Laminadores de S.Caetano que se torna digno de imitação por parte das outras associações operárias.¹⁰

A cada ano o governo criava, pela lei, novas escolas públicas que demoravam para ser providas com materiais e em alguns casos, com professores. A solução encontrada pelo sindicato foi a de criar a sua própria instituição escolar, para difundir a sua ideologia e alfabetizar os trabalhadores, adultos e crianças.

As contribuições do sindicato de São Caetano sempre foram altas e mencionadas em todos os *Boletins*. No ano da reabertura da Escola número dois, foi feito o pedido para a abertura da Escola número três

⁸ Idem, *ibidem*, p. 95-110.

⁹ O *Boletim da Escola Moderna* era editado pelo professor e diretor da escola número 1, João Penteado, teve três números publicados e seu objetivo era o de difundir as idéias anarquistas.

¹⁰ *Boletim da Escola Moderna*. Fac simile, co-edição Centro de Memória Sindical & Arquivo do

em São Caetano. Este pedido enviado ao Secretário do Interior foi aceito e a escola, aberta no mês de dezembro de 1918.

A Escola número 3 seguia o programa das outras duas escolas, que era o mesmo do curso primário da escola pública. De acordo com o *Boletim*, as matérias do programa eram compostas de português, aritmética, geografia, história, desenho, caligrafia e préstimos. As aulas eram diurnas em sala mista e noturnas para homens, como estabelecia a legislação, apesar dos ideais racionais defenderem a co-educação, por considerarem que as mulheres poderiam ter os mesmos direitos que os homens.¹¹

As aulas em São Caetano começaram no início do ano de 1919 e as primeiras impressões sobre a escola foram publicadas no *Boletim da Escola Moderna* pelo professor João Penteado:

instalação da mesma foi feita, provisoriamente, em predio um tanto acanhado e improprio, mas esse mal, segundo sabemos, vae ser remediado, em breve, com a sua mudança para um predio melhor, (...) o numero de alumnos nella matriculados é bastante regular. E uma coisa digna de nota é o interesse com que a directoria da respectiva associação procura garantir a manutenção da referida escola, que promete progredir.¹²

A escola foi instalada e funcionou, a princípio, em um local sobre o qual não tenho informações, mas mudou-se em seguida para as proximidades das escolas públicas e de algumas fábricas. Os seus móveis foram cedidos pela Escola Moderna número 1.¹³ O nome da rua onde estava a escola era Virgílio de Rezende, nome do antigo proprietário da Fábrica de Formicida, que havia sido homenageado pela Companhia Melhoramentos, a empresa responsável pela abertura das ruas.¹⁴

Apesar das esperanças de João Penteado, a escola de São Caetano funcionou apenas sete meses. Segundo o calendário escolar as aulas tinham início na segunda quinzena de janeiro, iam até a terceira semana de junho e retornavam em julho.¹⁵ Mas, no mês de outubro, a escola teve suas aulas suspensas, após o falecimento de seu diretor, e foi legalmente fechada em dezembro do mesmo ano.

O fechamento desta escola e das outras duas ocorreu porque o di-

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Idem, *ibidem*, n.º 3 e 4, p. 8.

¹³ Antônio J. Marques. Escola Libertária em São Caetano. Revista Raízes: PMSCS, n.º 7, p. 35-39, jul. de 1992.

¹⁴ A rua Virgílio de Rezende desapareceu quando, anos depois, ela e seus quarteirões foram comprados e incorporados às Indústrias Reunidas F. Matarazzo.

¹⁵ Boletim da Escola Moderna. Fac símile, co-edição Centro de Memória Sindical & Arquivo do Estado, n.º 2 e 3.

retor da escola de São Caetano, José Alves, juntamente com Belarmino Fernandes, Joaquim dos Santos Silva e José Prol, morreram em uma explosão no bairro do Brás. Prol era o proprietário da casa que explodiu. Ele guardava materiais bélicos em um dos quartos e abrigava os amigos quando necessário. Em uma entrevista na Itália, anos depois do incidente, Gigi Damiani, anarquista expulso do Brasil, contaria que naquele momento os companheiros preparavam uma ação armada e que com a explosão acidental todos os planos foram obrigatoriamente alterados, as escolas fechadas e as pessoas perseguidas.¹⁶

As escolas anarquistas foram fechadas pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson, no ano de 1919:

autorizou, finalmente esta Directoria a determinar o fechamento de qualquer escola particular desde que verifique ser esta prejudicial á moralidade publica, á saude dos alumnos, ou attentatoria da ordem, das leis e da organização social do Paiz. Graças a estas medidas, poude o Governo impedir que funcionassem nesta Capital e no interior, varias escolas particulares dirigidas por anarchistas fabricantes de explosivos, e que foram suspensas em virtude de requisição do Dr. Secretario da Justiça e Segurança Publica.¹⁷

As escolas que funcionavam em São Paulo, a número um e a número dois, foram proibidas de funcionar, embora os seus alunos e os seus professores tivessem feito vários abaixo-assinados pedindo a sua reabertura, todos sem resposta.¹⁸ O fechamento foi arbitrário, as escolas eram constituídas legalmente e seguiam todas as normas impostas pela Directoria da Instrução Pública. A curta duração de funcionamento da escola de São Caetano não possibilita maiores análises de seu cotidiano.

16 Ugo Fedeli. Gigi Damiani: note biografiche il suo posto nell'anarchismo. Apud John W. Dulles. Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

17 Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. Typ. A. Siqueira & C., 1919, p. 111.

18 Flávio V. Luizetto. Presença do anarquismo no Brasil..., op. cit.

5. O GRUPO ESCOLAR

O surgimento dos grupos escolares ocorreu para organizar e restaurar a instrução pública, instituindo novas formas de controle. O grupo tinha um diretor durante todo o tempo de funcionamento da escola, um horário para as aulas que todas as salas deveriam seguir, salas adequadas para as aulas e os intervalos, reunindo todos os requisitos em um mesmo espaço físico. Foi pensado para substituir as antigas escolas isoladas e escolas rurais com classes multi-seriadas. O grupo era a demonstração da modernidade e do progresso na instrução. As matérias no grupo escolar eram melhor trabalhadas em função do tempo ordenado das aulas e por não ser mais necessária a união de alunos com idades e níveis de conhecimentos diferentes. As classes eram divididas em séries. O horário de funcionamento do grupo também era diferente das antigas escolas isoladas, pois os alunos permaneciam na escola apenas por um período do dia.

Legalmente para formar um grupo escolar era necessária a reunião de dez escolas isoladas, cada escola era uma sala. As escolas isoladas ensinavam as matérias do curso preliminar para todos os alunos juntos, separados apenas por fileiras: cada fileira era um ano; ao todo eram três anos. Esta era a situação das escolas em São Caetano em 1919. Neste ano funcionavam três escolas femininas, duas noturnas, duas mistas e quatro masculinas (embora eu tenha notícias de apenas duas escolas masculinas em funcionamento até este ano). Elas totalizavam 11 escolas, o que possibilitava a criação do grupo.

Conta o senhor Verino Segundo Ferrari, em seu depoimento:

Quando eu nasci (1911), em São Caetano não tinha escola nada, eu não tenho diploma de curso primário. E acho que por isso, que eu queria escola, viu. Então o seguinte, em São Caetano tinha um lugar que ensinava alguma coisa. Então meu pai me mandava, eu e meus irmãos também. Então o seguinte, onde tinha alguém que ensinava alguma coisa a gente ia. Então eu aprendi um pouquinho aqui, um pouquinho ali, um pouquinho lá, um pouquinho em outro lugar entendeu.¹

Possivelmente o senhor Ferrari começaria a freqüentar a escola em 1918, com sete anos de idade, mas diz que elas não existiam. Neste ponto vemos a relação entre as escolas públicas instaladas nas casas dos

¹ Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

moradores e as lembranças do ex-aluno. As salas de aulas que ocupavam as casas eram consideradas pelas crianças como aulas particulares, de iniciativa dos moradores.

A população mobilizou-se para a necessidade de construção de um prédio para reunir as escolas. Convocou-se uma reunião na sede da Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli". Dona Esperança Martorelli Cairo conta como tudo começou:

Um dia chegou o irmão dela lá (o irmão da professora Amélia Marrey, da 2ª escola mista, José Adriano Marrey Junior, que era advogado em São Paulo), com a mãe dela, a dona Clarina, veio visitar a filha. Quando o irmão dela entrou na sala, assustou. Falou assim: Amélia, o que é isso, primeiro, segundo e terceiro ano, que negócio dentro de uma sala! Ela falou: Aqui é tudo assim. Ele falou: isso está tudo errado, não pode ser. Ele pegou e chamou o cunhado e falou pra ele: Franco, você como médico consente nesse estudo errado em São Caetano? Ele falou: O que vou fazer aqui em São Caetano é tudo assim. Daí ele falou: Como é? O pessoal de São Caetano está pagando imposto para Santo André e Santo André tem tudo bonitinho, porque é que São Caetano tem que ficar assim? São Caetano não está longe da capital para fazer isso aqui tudo errado. Ele pegou e falou assim chama o pai de alguma criança que eu vou começar a explicar isso daí.²

O pai de Dona Esperança foi chamado e convidou todos os sócios da "Principe di Napoli" para participar de uma reunião com o irmão da professora, e assim resolveram fazer uma mobilização pela construção do prédio. A segunda reunião também foi marcada na sede da "Principe": compareceram os sócios, o irmão da professora, o prefeito municipal de São Bernardo coronel Saladino Cardozo Franco e alguns proprietários de fábricas da cidade.

A comunidade de São Caetano contribuiu de todas as formas possíveis: fizeram várias quermesses organizadas pela Irmandade de São Caetano, jogos de futebol com venda de ingressos, os moradores donos de olarias cederam tijolos, as serrarias cederam as madeiras. As empresas doaram as telhas e o terreno para a construção do prédio, que era utilizado até aquele momento como campo de futebol.

No mês de dezembro de 1919 foi criada a *Comissão Executiva das Obras de Construção do Edifício Escolas Reunidas de São Caeta-*

2 Projeto História de Vida. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. 1995.

no, que contou com a ajuda financeira do Governo do Estado, da Câmara Municipal de São Bernardo, das Indústrias Reunidas F. Matarazzo, da Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo e de Armando Leal Pamplona e Mariano Paim Pamplona, proprietários da Companhia Melhoramentos de São Caetano,³ que doaram o terreno, localizado na rua Heloiza Pamplona, para a construção do edifício:

contribuindo sem duvida efficazmente para o grande aproveitamento da infancia educanda; que, finalmente contava para a realização do objetivo desta reunião que constitue um facto virgem na historia da instrucção publica no nosso Estado, corroborando o povo e os poderes publicos, unidos, para que se converta em realidade com o valioso concurso dos habitantes.⁴

Era praxe a participação da comunidade na construção de prédios públicos. A igreja foi demolida e reconstruída em 1900 com os donativos da população; o terreno do cemitério da cidade foi doado pelos moradores em 1911; e, neste momento, o terreno e o prédio para a construção do grupo.

Nesta reunião foram eleitos os membros da Comissão Permanente:

Procedendo-se a esse trabalho, depois de finda a votação, apurou-se o seguinte resultado:

Foram eleitos membros

- 1 Antonio Barile
- 2 Armando Leal Pamplona Dr.
- 3 Carmine Perella
- 4 Ettore Lantieri
- 5 Francisco Figueiredo
- 6 Decio P. de Mattos
- 7 Giacomo Garbelotto

³ "No Balancete da Comissão Executiva datado de 29 de fevereiro de 1920, constam: Imóveis/ terreno doado pelos srs. Mariano P. Pamplona e Dor. Armando Leal Pamplona.....9.800.000

Donativos importancia subscripta pelos seguintes:

Camara	Municipal	de	S.
Bernardo.....		5.000.000	
Governo do Estado de S. Paulo.....			5.000.000
Industrias Reunidas F. Matarazzo.....			5.000.000
Cia. Mechanica e Importadora de S. Paulo.....			5.000.000"

Prefeitura Municipal de São Bernardo. Diário. Biblioteca do Museu de Santo André.

⁴ Livro de Atas da Comissão Executiva, construção de edificios, escolas reunidas de S. Caetano.

- 8 João Domingos Perella
- 9 João Dall'Antonia
- 10 João Spinello
- 11 João Rella
- 12 José Mariano Garcia Junior
- 13 José Luiz Flaquer Dr.
- 14 Luiz Petroni
- 15 Paulo Ayres Dr.
- 16 Pedro Jorge
- 17 Silverio Perella
- 18 Seraphim Constantino
- 19 Saladino Cardozo Franco
- 20 Benedicto Firmo de Lima

Procedendo-se a elleição da Directoria verificou-se o seguinte resultado

Prezidente Honorario: Dr. José Luiz Flaquer
Prezidente: Dr. Armando Leal Pamplona
Vice-Prezidente: Seraphim Constantino
Thezoureiro: Cel. Saladino Cardozo Franco
1º Secretario: Benedicto Firmo de Lima
2º Secretario: Decio P. de Mattos
Conselho-fiscal: Antonio Barile, João Domingos Perella, João Rella, José Mariano Garcia Junior.⁵

O decreto de criação do grupo escolar data de 30 de abril de 1920. Nas férias do mês de julho quatro escolas transferiram-se para a casa da família De Nardi, que já abrigava duas. A casa tornou-se o grupo escolar provisório, ou melhor, formavam-se neste momento as escolas reunidas que lá permaneceram por quase dois anos, o tempo que durou a construção do novo prédio. As escolas reunidas eram formadas por várias escolas isoladas e funcionavam em um mesmo prédio, mas continuavam desvinculadas entre si. As salas de aula continuavam a ser multi-seriadas e, normalmente, com o passar dos tempos, as escolas reunidas tornavam-se grupos escolares.

O professor Waldemar Freire assumiu a função de diretor provisório das escolas masculinas, que funcionavam no período da manhã, e das noturnas e a professora Mariana de Almeida Moura tornou-se diretora provisória das escolas femininas e mistas, que funcionavam no pe-

5 Idem, *Ibidem*.

ríodo da tarde. Cada período de funcionamento das escolas era de duas horas e meia, com um intervalo de 15 minutos. Os professores que foram diretores provisórios exerceram esta função apenas durante a permanência das escolas na casa da família De Nardi. Quando mudaram para o prédio definitivo um diretor, Jorge Adalberto Perrenoud, foi nomeado para o cargo.

Em ata de 21 de outubro de 1921, a *Comissão Executiva das Obras de Construção do Edifício Escolas Reunidas de São Caetano* ficou encarregada de comunicar ao Governo do Estado sobre o término das obras, devendo angariar fundos com a população para liquidar as dívidas restantes.

se evidencia um defficit na importancia de seis contos trezentos e sessenta e sete mil oitocentos reis (Rs: 6:367/s 88s), pelo que propunha a nomeação de uma comissão encarregada de angariar, entre os industriais, negociantes e moradores do districto, donativos sufficientes para ocorrer aos pagamentos restantes, na importancia acima.

Approvada a proposta foi, pelo Senhor Prezidente convocada uma comissão. Em seguida o senhor João Domingos Perella, fazendo uso da palavra declarou que applaudia com entusiasmo a proposta apresentada pelo Senhor Coronel Saladino Cardozo Franco e que, com prazer, declarava que subscrevia a quantia de um conto de reis, pois, entendia que todos os industriaes, negociantes e mesmo os moradores do districto, na medida de suas posses, deviam concorrer para o pagamento das contas, collaborando assim com o Governo do Estado e Camara Municipal de São Bernardo, na construcção de um edificio proprio para o funcionamento das escolas reunidas de São Caetano, o que, por certo, muito contribuiu para o desenvolvimento da instrucção e grande aproveitamento da infancia educanda, alem de concorrer, tambem, para o progresso e embellezamento local.⁶

O decreto do mês de abril de 1920 foi efetivado somente quando as escolas masculinas, femininas, mistas e noturnas foram reunidas e transferidas para o grupo. O prédio do grupo seguia as especificações

⁶ Livro de Atas da Comissão Executiva, construção de edifícios, escolas reunidas de S. Caetano. 21/outubro/1921. Biblioteca do Museu de Santo André

legais, estabelecidas pelo Código Sanitário do ano de 1894, quando os primeiros grupos foram criados:

Artigo 184. Os edificios para escolas devem ser cuidadosamente construidos em local, cujo solo esteja perfeita e completamente saneado, de accôrdo com o que fica estabelecido em relação ás habitações em geral.

Artigo 189. Sempre que fôr possivel, as escolas deverão ter um só pavimento.

Artigo 190. As salas de classe deverão estar collocadas acima do solo, 1 a 2 metros, no maximo.

Artigo 191. As escadas deverão ser largas, rectas ou quebradas em angulos rectos com patamares e os degraus não deverão ter mais de 15 a 16 centimetros de altura.

Artigo 196. A ventilação da sala deverá ser feita de modo mais completo e continuo e as correntes de ar deverão ser taes, que não prejudiquem a saúde das creanças.

Artigo 197. A iluminação da sala deve ser unilateral esquerda, sendo tolerada a bilateral, contanto que não proceda de faces parallelas.

Artigo 200. As janellas das salas de classe deverão ser abertas na altura de 1,20 sobre o soalho e se approximarão do tecto, tanto quanto fôr possivel.

Artigo 201. Os vãos entre as janellas deverão ter a menor largura possivel.

Artigo 203. A mobilia escolar deve ser cuidadosa e escrupulosamente escolhida e as suas dimensões variarão com o tamanho dos alumnos. Tambem deverá ser cautelosamente escolhido o material de ensino.

O prédio foi construído para abrigar 12 classes, mas formou apenas dez pelo número de alunos existentes. No ano de 1919 haviam sido criadas mais três escolas femininas e uma mista; somadas às 11 criadas anteriormente eram 15 escolas ao todo. Estas últimas escolas foram instaladas em bairros mais distantes da estação de trem e suas proximidades, por existirem reclamações dos moradores da concentração de escolas nas proximidades da ferrovia.

Todos os professores das escolas isoladas de São Caetano foram para o novo e primeiro prédio construído para este fim, desde a criação das escolas há quase 40 anos. Na inauguração do grupo ele foi denominado de 2º Grupo Escolar de São Bernardo, porque São Caetano ainda fazia parte do município de São Bernardo.

Segue um quadro com os anos de criação das escolas e os respectivos números das leis e decretos:

Quadro 5.1			
Legislação de criação das escolas			
Ano	Decreto/Lei	Tipo de Escola	
1883	Decreto de 30 de março	duas cadeiras de primeiras letras	1ª Masc. e 1ª Fem.
1911	Lei nº1297 de 27 dez.	duas preliminares: uma feminina e uma masculina	2ª Masc. e 2ª Fem.
1912	Lei nº 1367 de 28 dez.	uma mista no bairro de S.Caetano	1ª Mista
1913	Lei nº 1399 de 22 dez.	uma mista	2ª Mista
1914	Lei nº 1424 de 28 out.	uma preliminar feminina	3ª Feminina
	Lei nº 1432 de 11 dez.	uma noturna	1ª Noturna
1915	Lei nº 1479 de 24 nov.	uma masculina	3ª Masculina
1916	Lei nº 1540 de 30 dez.	uma masculina	4ª Masculina
		uma masculina noturna	2ª Noturna
1918	Lei nº 1642 de 31 dez.	uma mista no bairro da cerâmica	3ª Mista
1919	Lei nº 1724 de 30 dez.	uma feminina na estação	4ª Feminina
		uma feminina no distrito de S.Caetano	5ª Feminina
		uma feminina no bairro da Mechanica	6ª Feminina
1920	Decreto de 30 abr.	Grupo escolar	dez escolas

Fonte: Collecção das leis e decretos do Estado de São Paulo. Typ. Diário Oficial.

Os grupos escolares deveriam manter quatro anos de estudos em funcionamento, dois de curso primário e dois de curso médio. No de São Caetano apenas três anos funcionaram, porque não existiam alunos suficientes para abrir uma sala de quarto ano ou de segundo ano do curso médio. Durante alguns anos, depois da criação e instalação do grupo, este hábito persistiu. Nos Anuários do Ensino dos anos de 1920/1921 e 1922 as informações sobre o grupo escolar confirmam as dificuldades em manter os alunos na escola até a segunda série do curso médio.

O horário de trabalho nos grupos escolares foi sugerido pelo governo, com os minutos estipulados para cada atividade e o número de dias da semana que deveriam ser utilizados para o ensino de cada conteúdo. Percebe-se uma certa flexibilidade em comparação aos horários de dez anos atrás: não são mais estabelecidos os dias fixos da semana para cada tipo de conteúdo e o tempo de permanência dos alunos dentro da escola diminuiu.

Quadro 5.2	
Bases para o horário do 2º ano primário dos grupos escolares	
5 minutos	Canto - revista de aseo - chamada.
25 minutos	Leitura 6 dias
25 minutos	Arithmetica 4 dias e geometria 2 dias
20 minutos	Geographia 2 dias / Historia 2 dias/ Instrucção moral e civica 2 dias.
25 minutos	Linguagem escripta 6 dias
20 minutos	Sciencias physicas e naturaes: hygiene 6 dias
25 minutos	Recreio
20 minutos	Linguagem oral 2 dias/ desenho 2 dias/ grammatica 2 dias
25 minutos	Problemas oraes e escriptos, e calculo mental diariamente
20 minutos	Leitura suplementar 2 dias/ calligraphia 4 dias
30 minutos	Trabalhos manuaes 2 dias/ Gymnastica 2 dias/ Musica 2 dias

Em um documento do ano de 1927, encontramos ainda as mesmas dificuldades com a sala de segunda série. Também reencontramos alguns professores que trabalham na cidade há mais de 15 anos, como o professor Waldemar e o professor Joaquim, ou as professoras Maria José e Bernardina que estão lecionando na localidade há mais de dez anos.

Quadro 5.3			
Professores do Grupo Escolar			
	Professores	Classe	Número de alunos
Secção Masculina	Maria José Morato	1ªA	45
	Maria P. Gomes da Silva	1ªB	45
	Isayd Paula de Campos	2ªA	45
	Bernardina Jardim	2ªB	45
	Joaquim Bellucci	3ªA	26
	Waldemar Freire	3ªB	27
Secção Feminina	Herminia Alves da Rocha	1ªA	45
	Laura Augusta do Amaral	1ªB	45
	Anna Fragoso	1ªC	45
	Maria Benedicta de Castro	2ªA	45
	Judith Miranda	2ªB	45
	Esther Elvira Pereira	3ª	43

Fonte: Roberto Capri. O 50º aniversário da fundação de S. Caetano. 28 de julho de 1877-1927. São Paulo: [s.n.].

Por este quadro podemos perceber a divisão em dois turnos do grupo escolar: da mesma forma como funcionava quando estava instalado na casa da família De Nardi, os meninos continuam estudando de manhã e as meninas à tarde. Os professores mais antigos trabalham no período da manhã, com classes de terceiro ano e contam com um número menor de alunos.

Neste ano de 1927, após o falecimento de um político da região, o grupo escolar passou a chamar-se, em sua homenagem, Senador Fláquer. No início, quando os grupos escolares eram criados, eles recebiam

números como sua denominação; com o passar do tempo os números foram substituídos por nomes. A legislação previa esta mudança quando a pessoa homenageada houvesse contribuído com a construção do prédio, sendo um integrante da comunidade ou alguém considerado importante na história do país.

Os que são frequentes apresentam bastante progresso em seus estudos a despeito de serem estrangeiros, e por isso, além das dificuldades materias, terem de vencer a da propria lingua.

A minha escola acha-se completamente desprovida de livros e outros accessorios indispensaveis ao ensino. Os meus alumnos são todos mais ou menos intelligentes e obedientes; o estado sanitario é bom. Eis todo o que tenho a vos informar.

Saúde e fraternidade

Colonia de São Caetano, 1 de junho de 1890.

Ao cidadão Dr. Arthur Cesar Guimarães, Digno. Director da Instrucção Publica deste Estado de São Paulo.

O professor Joaquim Ferreira Alambert.

Eschola Publica do sexo masculino na colonia de São Caetano, 1 de Novembro de 1894

Cidadão

Tenho a honra de remetter-vos o incluso mappa demonstrando o numero de alumnos matriculados na eschola publica do sexo masculino na colonia de S.Caetano, municipio de S.Bernardo.

Ao primeiro semestre do presente anno lectivo, o competente livro registrou trinta e dous alumnos que compareceram á matricula até o encerramento do mappa enviado, tendo havido duas eliminações pelos motivos que alli foram exarados.

O segundo semestre encerra-se com vinte e oito alumnos matriculados, deduzidoas nove eliminações, conforme tudo consta da relação inclusa.

Houve, pois, durante o actual anno lectivo o seguinte movimento registrado no livro de matriculas: - primeiro semestre - trinta e dous alumnos, dos quaes foram eliminados dous; no segundo semestre - matriculados trinta e sete, eliminações - nove, o que quer dizer que compareceram á eschola trinta e nove alumnos até a presente data, conservando-se deste numero sómente os vinte e oito alumnos demonstrados pelo mappa.

Registraram-se nos cinco mezes decorridos mil trezentos oitenta e oito faltas, mil nove centos trinta e nove comparecimentos em cento e vinte e um dias lectivos, e, dividido por estes o numero de comparecimentos, verifica-se a frequencia media de quinze alumnos, apenas metade e mais um dos que actualmente se conservam matriculados.

O mappa fornece todas as informações a respeito dos alumnos,

epochas das inscrições, etc., etc., e nos gráus de adiantamento vae exactamente o estado actual de cada alumno.

Tres causas têm concorrido grandemente para que não seja maior o adiantamento nos alumnos desta eschola:

- a) a falta de frequencia regular, como demonstra o elevado numero de faltas;
- b) a ausencia de livros reconhecidamente bons para certas materias do programma escholar;
- c) o facto de serem todos os alumnos italianos ou hespanhoes, não sabendo senão poucas palavras de portuguez, lingua de que nunca fazem uso em toda a colonia, dando isto em resultado conseguir-se na eschola uma algaravia que não é italiano nem hespanhol e muito menos portuguez.

É o que se me offerece para dizer-vos na presente occasião sobre a eschola a meu cargo, e, si por ventura forem as minhas informações julgadas insufficientes, outras darei immediatamente, como me cumpre, para o vosso completo esclarecimento.

Saude e fraternidade.

Cidadão Doutor Arthur Cesar Guimarães, digno director
geral da instrucção publica de S.Paulo.

O professor publico
Manoel dos Reys.

Eschola publica do sexo masculino na colonia de São Caetano, municipio de S. Bernardo, 1 de junho de 1896.

Cidadão

Cumpro mais uma vez perante vós a obrigação que me é imposta pelo art. 135 parag.14 do Reg. de 23 de novembro de 1893.

O mappa que tenho a honra de remetter incluso demonstra a matricula de 37 alumnos durante o primeiro semestre do presente anno lectivo e, dos que compareceram á eschola desde 1 de Fevereiro até hontem, 5 alumnos já foram eliminados pelos motivos consignados no logar respectivo, constando, portanto, a matricula de 32 alumnos no momento em que traço as presentes linhas.

Durante os quatro mezes que acabamos de percorrer, registram-se na eschola a meu cargo 90 dias letivos, 998 faltas e 1616 comparecimentos, numero este que representa a frequencia média de 17 alumnos.

É muito elevado o numero de meninos em idade escholar na colonia de S.Caetano, calculando-se approximadamente, embora custe crer pela matricula actual, em 70 ou 80 a respectiva população; entre-

tanto muitos poucos são, relativamente, os que procuram a escola, sendo ainda para notar (o que aliás parece commum nas escolas de bairros) que compareçam à matricula muitos menores de 7 annos, ficando em casa, occupados ou não em serviços de lavoura, dezenas daquelles que possuem a idade legal.

Os professores têm de attender as solicitações que insistentemente se lhes fazem, admittindo à matricula meninos muitas vezes sem o necessario desenvolvimento physico e intellectual, desejosos, como sempre estiveram e estão, de manter em suas escolas regular frequencia, uma vez que aquelles que se acham abaixo da idade escolar frequentam as aulas com rasoavel aproveitamento; e é o que tenho sido obrigado a praticar, apresentando ainda agora matriculados, como se vê do mappa, diversos alumnos de 5 e 6 annos de idade.

É verdade que alguns destes, como já tenho observado em annos anteriores, amiude supplantam os de maior idade, e isto justifica de certo modo a sua presença na escola e faz que outros continuem a ser acceitos sem que hajam attingido o desenvolvimento determinado por lei. Alimento a esperanza de que as presentes informações, porventura ampliadas pelas que já tiver dado e ainda haja de dar o inspector litterario do districto, serão sufficientes que se julguem completos os esclarecimentos relativamente à cadeira do sexo masculino na colonia de S. Caetano, e para cubrir quaesquer faltas em que, involuntariamente, eu tenha incorrido, não gastarei senão o tempo strictamente necessario na satisfação daquillo que me foi exigido.

Saúde e Fraternidade.

Manoel dos Reys.

Relatorio apresentado ao Snr. Dr. José Pereira de Queiroz.
Secretario de Estado dos Negocios do Interior pelo Inspector General do Ensino
Mario Bulcão. 1899.

OBRAS ESPECIALMENTE RECOMMENDEAVES:

Para os alumnos

De Arnaldo Barreto - Cartilha das Mães e Leituras Moraes.

De Pinto e Silva - Historietas.

De Puiggari - Coisas Brasileiras.

De T. Galhardo - Cartilha da Infancia e 2º Livro.
De J. Kopke - 1º, 2º e 5º Livros de Leitura, Leituras Praticas e Fabelas.
De Felisberto de Carvalho - 2º, 3º e 4º Livros de Leitura.
De Maria Guilhermina de Andrade - 1º, 2º Livros.
De Hilario Ribeiro - 2º, 3º e 4º Livros de Leitura da série Lições no lar e o 2º da serie instructiva.
De C. Jort e Humbert - Leituras Practicas (tradução editada por B. L. Garnier)
De A. Trajano - Arithmetica elementar illustrada e progressiva.
De Ramon Roca - Arithmetica escolar.
Da Eschola Americana - Cadernos de Arithmetica.
De O. Freire - Geometria Practica.
De A. M. Pinto - Epitome da Historia do Brasil.
De T. do Amaral - Historia de S. Paulo e Geografia Geral (2ª edição).
De Abilio C. Borges - Grammatica de infancia e canticos escolares.
De Menezes Vieira - Canticos infantis.
De Molendarius - Contos escolares.
De Zalina Rolim - Livro das Creanças.
De Julia Lopes - Contos Infantis.
De Simões Lopes - Selecta manuscripta.
De J. Borges Carneiro - Catecismo constitucional do Estado de São Paulo e dos Estados Unidos do Brasil.

PARA OS PROFESSORES:

De Calkins - Lições de cousas.
De Moreira Pinto - Geographia geral.
De Saffray - Lições de cousas.
De c. Martel - Sciencias physicas e naturaes.
De Brasilicus - Guia pedagogica de calculo mental.
De M. Caldas e E. de Carvalho - Manual de gymnastica escolar.
De Saavedra - Physica, chimica e zoologia.
De Garrigues - Breves leituras sobre sciencias.
De Barragiola - Gymnastica.
De Hooker - Botanica.
De Lacerda - Geographia illustrada.
De Justiniano J. da Rocha - Fabelas.
De João Macé - Historia de um bocado de pão e os servidores

do estomago.

De Olavo Bilac - Linguagem.

PEDIDOS DE MATERIAL ESCOLAR

Camara Municipal de S.Bernardo

em 11 de Março de 1904

Cidadão

Tenho a honra de encaminhar a V.^a Ex^a os officios, e listas de pedidos, para suprimentos das escolas de S.Caetano, regidas pelos professores Antonio Mendes da Silva e D. Joanna de Almeida Motta.

Saude e fraternidade

Ao Illustre Dr. Bento Pereira Bueno
D.D. Secretario do Interior e Justiça
O Presidente

João Baptista de Almeida Lima.

Illm^o e Exm^o Snr.

Tenho a honra de communicar a V.Ex^a que na escola a meu cargo, faltam objectos de imprescendivel necessidade, como sejam os da relação inclusa.

Assim, pois, rogo a V.Ex^a que se digne providenciar para que esses objectos sejam remettidos a Escola do sexo feminino da Estação de São Caetano, a meu cargo.

Deus Guarde a V.Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Dr. Bento Bueno
M.D. Secretario do Interior e da Justiça

São Caetano, 10 de março de 1904

A professora
Joanna de Almeida Motta

Lista dos objectos para a Escola do sexo feminino da Estação de S.Caetano

10 - Cartilhas das Mães	
10 - 2º Livro de Kopke (ou Piuggani Barreto)	Galhardo
6 - 3º " " Felisberto de Carvalho	Galhardo
6- 5 4º " " " "	Kopke
100 - Cadernos de Calligraphia de 1a a 5	não
6 - Collecções cad.º desenho. Carlos Reis.	
6 Grammaticas da Puericia	não
4 Arithmetica Trajano	
6 Historia do B. - Moreira Pinto	não
20 Lousas pequenas	
1 Mappa do Brasil	
1 " de S.Paulo	
1 Caixa de giz branco	
1 " " " pennas	
1 Boião de tinta	
½ Resma de papel	
Lapis de desenho	não
1 Caixa de lapis de pedra	
1ª Cadeira para a professora	

Illmº e Exmº Snr.

Respeitosamente venho communicar a V.Exª, que a escola a meu cargo (Estação de S.Caetano) continua desprovida de tudo quanto é indispensavel a uma escola preliminar.

Com o numero bem elevado de alumnos (41), sou forçado a collocal'os em 10 bancos antigos e estragados.

Em visita feita a esta escola pelo digno inspector Snr. José Monteiro Boa Nova a 2 de Abril do anno passado, teve o mesmo Snr. inspector occasião de verificar o quanto esta cadeira está desprovida de material escolar. Participei-lhe então que já havia solicitado do Exmº Governo, providencias nesse sentido e que somente me enviaram alguns cadernos e livros.

Hoje, porem, que o numero de alumnos tende a elevar-se, pois ja tenho recusado diversos por falta de carteiras, tomo a liberdade de vir

solicitar de V.Ex^a a remessa de objectos constantes da lista junta.

Deus G. a V.Ex^a
Illm^o e Exm^o Snr. Dr. Bento Bueno
D.D. Secretario d'Estado dos Negocios do Interior e da Justiça.

São Caetano 10 de Março de 1904.

O professor

Antonio Mendes da Silva.

Lista dos objectos para a escola do sexo masculino da Estação de São Caetano

10 - Bancos carteiras	
10 - Cartilhas	
10 - 2º Livro de Kopke (ou Puiggany)	
5 - 4º " de Felisberto de Carvalho	Kopck
10 - Geographia	5 Thiré
100 - Cadernos de Calligraphia de 1 a 5	não
1 - Boião de Tinta	1 litro
1 - Caixa de giz branco	
1 - " " de côr	não
1 - " de pennas	
½ - Resma de papel	
12 - Lapis de desenho	não
1 - Caixa lapis de pedra	
1 - Contador mecanico	
1 - Mappa do Brazil	
1 - " Estado de S.Paulo	não
1 - Tympano	não
6 - Collecções cad.º desenho. Carlos Reis.	
6 - Grammatica da Puericia	não Freire
6 - Arithmetica Trajano	não
6 - Hist. ^a do Brazil - Moreira Pinto	não
20 - Louzas	
1 - Meza para o professor	
1 - Cadeira " "	

LISTAS DE CHAMADA:

a) 1ª escola masculina. Janeiro de 1905. Professor Antonio Mendes da Silva.

1. Americo Scartozzi
2. Antonio Gallo
3. Antonio Cavassani
4. Antonio Gestades
5. Manoel da Silva
6. Lourenço da Silva
7. Primo Daré
8. João Bortolin
9. José Gallo
10. Thomaz Thomé
11. João Perrella
12. Giacomo Perrella
13. Angelo Braidó
14. Izidoro Braidó
15. João Romualdini
16. Humberto Romualdini
17. Luiz Romualdini
18. Pedro Montini
19. Cardenio Galleazzi
20. Francisco Capuan
21. Paulo Dellantonio
22. Francisco Garbilotti
23. Duilio Tizo
24. Pedro Spinello
25. Humberto Spinello
26. Orlando Biagi
27. Rogerio Biagi
28. João Fioroto

b) 1ª escola masculina. Junho de 1906. Professor Antonio Mendes da Silva.

1. Americo Scartozzi
2. Antonio Gestades
3. Antonio Cavassani
4. Angelo Braidó
5. Antonio Firoto
6. Angelo Bochi
7. Cardenio Galleazzi

8. Duilio Tizo
9. Francisco Capuan
10. Feliciano Capuan
11. Francisco Garbilotti
12. Fiori Dinardi
13. Francisco Ferrari
14. Izidoro Braido
15. José Gallo
16. João Romualdini
17. Humberto Romualdini
18. Humberto Spinello
19. Pedro Spinello
20. João Fioroto
21. Pedro Montini
22. Paulo Oliana
23. Paulo Dellantonio
24. Antonio Fernandes Rodrigues
25. Hilario Bettamin
26. Luiz Romualdini
27. João Rossi - aluno eliminado.
28. Luiz Braido
29. Primo Daré
30. Orlando Biagi
31. Luiz Scarparo
32. Luiz de Agostini
33. Antonio dos Santos
34. João Moretti
35. Rogerio Biagi

c) 1ª escola masculina. Maio de 1907. Professor Antonio Mendes da Silva.

1. Antonio Firoto
2. João Fioroto
3. Antonio Gestades
4. Angelo Bochi
5. Armando Nardon
6. Antonio Cavassani - aluno eliminado.
7. Cardenio Galleazzi
8. Pedro Montini
9. Duilio Tizo
10. Paulo Dellantonio
11. Francisco Ferrari

12. Primo Daré
13. Paulo Oliana
14. Jacomo Perrella - aluno eliminado.
15. Thomaz Thomé
16. João Romualdini
17. Humberto Romualdini
18. Luiz Romualdini
19. Izidoro Braido
20. Luiz Braido
21. Fiori Dinardi
22. Feliciano Capuan
23. Orlando Biagi
24. João Peixoto
25. Humberto Spinello
26. Silverio Mamillo
27. Menotti Tozetti
28. Angelino Veronese
29. Joaquim de Freitas - aluno eliminado.
30. Antonio Moretti
31. Francisco Garbilotti - aluno eliminado.
32. João Baptista Guan

d) 1ª escola masculina. Fevereiro de 1911. Professor Alfredo Guedes Lopes.

1. Antonio Fioroto
2. Angelo Perrini
3. Adriano Galleazzi
4. Augusto da Silva
5. Antonio Perrella
6. Antonio Peruch
7. Antonio Benedicto
8. Antonio Cavana
9. Antonio Rodrigues
10. Avelino Poli
11. Arthemio Lorenzini
12. Arthur Tizo
13. Americo Poli
14. Antenor Alonso
15. Benedicto Branco de Araujo
16. Bruno Massetti
17. Bruno Tosetti
18. Bruno Gallo

19. Cardenio Galleazzi
20. Cezar Cavana
21. Demetrio Bento
22. Domingos Pessotti
23. Francisco Martinho
24. Fortunato Previato
25. Giacomo Ferreri
26. Guilherme Matiello
27. Henrique Lorenzini
28. João Cavana
29. João Braido
30. João Benedicto
31. José Rodrigues Chagas
32. José Perrini
33. José Perruch
34. Jandy B. de Araujo
35. Luiz Romualdini
36. Luiz Fioroto
37. Luiz Previato
38. Luiz Baraldi
39. Lucindo da Silva
40. Mario Tizo
41. Menotti Tozetti
42. Manoel Martinho
43. Nazareth Romaldini
44. Nicolino Perrella

e) 2^a escola masculina. Setembro de 1913. Professor Joaquim Bellucci.

1. Angelo Dassie
2. Angelo Jose Capuan
3. Antonio Thomé
4. Arthur Garbelotto
5. Carlos Perrella
6. Ettore Boggiani
7. Giacomo Lorenzini
8. João Biaggi
9. João Cavassani
10. João Tomasella
11. Luiz Baraldi
12. Nicola Perrella
13. Pedro Uliano

14. Salvador Felice Perrella
15. José Cavassani
16. Angelo Ferreri
17. João Ferrari
18. Manoel de Mattos
19. Antonio Previato
20. Américo Magliani - aluno eliminado.
21. Manoel Prado
22. Natalino Magliani - aluno eliminado.
23. Francisco Bortolini
24. Fortunato Previato
25. Manoel Martinho Junior
26. Paschoal Mantovani
27. Victorio Mantovani
28. Antonio Dallanegra
29. Guilherme De Cieri - aluno eliminado.
30. Angelo Scarparo
31. Onofre Rodrigo
32. Zelino Valentini
33. Caetano Antonio Capuan
34. João Mitiello
35. Felice de Agostinho
36. Francisco De Martini
37. Umberto Puccinelli
38. Théophilo Curi
39. Antonio De Martini
40. Domingos Parenti
41. Nicola De Cieri - aluno eliminado.
42. Luiz Thomé
43. Onofre Rodrigo

f) 1ª escola masculina. Julho de 1912. Professor Waldemar Freire.

1. Adriano Galleazzi
2. Antonio Pereira
3. Augusto da Silva
4. Americo Poli
5. Angelo Fioroto
6. Avelino Poli
7. Antonio Cavana
8. Antonio Rodrigues Chagas
9. Antonio Benedicto

10. Arthur Tizo
11. Antonio Perrella
12. Antenor Alonso
13. Abrahão Cavassani
14. Bruno Moretti
15. Benedicto B. de Araujo
16. Cardenio Galleazzi
17. Cezar Cavana
18. Francisco Martinho
19. Francisco Perrini
20. Giacomo Ferreri
21. Henrique Lorenzini
22. Henrique Perrella
23. Jandy B. de Araujo
24. José Rodrigues Chagas
25. João Benedicto
26. José Perrini
27. José Peruch
28. Luiz Baraldi
29. Manoel Martinho
30. Nicolino Perrella
31. Nazareth Romaldini
32. Bruno Tosetti
33. Francisco Garcia - aluno eliminado.
34. João Cavana
35. Vitalino B. de Araujo
36. João Braido - aluno eliminado.
37. Waldomiro Costa - aluno eliminado.

g) 2ª escola masculina. Abril de 1912. Professor Joaquim Belucci.

1. Alexandre Boldore
2. Angelo Dassie
3. Angelo Jose Capuan
4. Antonio Thomé
5. Arthur Garbelotto
6. Carlos Perrella
7. Caetano Antonio Capuan
8. Ettore Boggiani
9. Fernando Garcia
10. Giacomo Lorenzini
11. João Biaggi

12. João Cavassani
13. João Tomasella
14. Joaquim Hilario Junior
15. Luiz Baraldi
16. Lionello Boggiani
17. Nicola Perrella
18. Pedro Uliano
19. Vitalino Branco de Araujo
20. Salvador Felice Perrella
21. Casimiro Alonso Junior
22. José Cavassani
23. Angelo Ferreri
24. João Ferrari
25. Berto Stefanin
26. Duilio Ferretti
27. Manoel de Mattos
28. Antonio Previato
29. Américo Magliani
30. Luiz Previato
31. Manoel Prado
32. Natalino Magliani
33. Adelino Manoel de Toledo
34. Caserio Veronesi
35. Francisco Bortolini
36. Fortunato Previato
37. Paulo Tomasella

h) 2^a escola masculina. Abril de 1914. Professor Joaquim Bel-
lucci.

1. Angelo Dassie
2. Angelo Jose Capuan
3. Nicola Perrella
4. Carlos Perrella
5. Antonio Milan
6. Felice de Agostinho
7. José Cavassani
8. Antonio Dallanegra
9. Caserio Veronesi
10. João Biaggi
11. Francisco De Martini
12. Zelino Valentini
13. João Mitiello

14. Umberto Puccinelli
15. Paschoal Mantovani
16. Arthur Garbelotti
17. Fortunato Previato
18. Angelo Ferreri
19. João Ferrari
20. Salvador Felice Perrella
21. Pedro Uliano
22. Luiz Baraldi
23. Theóphilo Curi
24. Manoel de Mattos
25. Domingos Parenti
26. Caetano Antonio Capuan
27. Giacomo Lorenzini
28. João Cavassani
29. Francisco Bortolini
30. Antonio Thomé
31. Manoel Martinho Junior - aluno eliminado.
32. Antonio De Martini
33. Manoel Prado
34. João Giroto

i) 1ª escola feminina. Março de 1906. Professora Joanna de Almeida Motta.

1. Maria Fiorotto
2. Roza Romaldini
3. Angelina Fiorotto
4. Furtunata Marime
5. Joanna Fiorotto
6. Magadalena Perrella
7. Herene Bertullini
8. Anna Jacomin
9. Celestina Denardi
10. Concheta Perrella
11. Assumpta Perrella
12. Maria Casimiro
13. Olga de Rezende
14. Luiza Ravolli
15. Deolinda Bento
16. Joanna Botana
17. Thereza Gallo
18. Clarice Spinelli

19. Regina Thomé
20. Maria Garbelotto
21. Emilia Tosetti
22. Luiza Baoff
23. Angelina Primo
24. Rosalina dos Prazeres
25. Elisa Vicentini
26. Augusta Furlan
27. Carolina Denardi
28. Helena Tomazelli
29. Angelina Cavassani
30. Herminia Alonço

j) 1ª escola feminina. Maio de 1908. Professora substituta Avelina dos Santos.

1. Joanna Fiorotto
2. Assumpta Perrella
3. Julia Tosetti
4. Regina Thomé
5. Joanna Botana
6. Clementina Fioreti
7. Luiza Cavassani
8. Assumpta Jacomin
9. Santa Ferrare
10. Luiza Braido
11. Anna Tosetti
12. Avelina Gallo
13. Fioreta Denardi
14. Leonilda Veroneza
15. Maria Moretti
16. Judith Galliaci
17. Julia Sacqueiro - aluna eliminada.
18. Rosa das Neves
19. Maria Martorelli
20. America Perrella
21. Regina Benedecte
22. Rosalina dos Prazeres
23. Augusta Furlan
24. Genoveva Polle
25. Maria Alonço
26. Luiza Capuan
27. Herminia Pacco

6. APÊNDICE

TABELAS

Tabela 1						
Nascimentos da cidade de São Bernardo correspondente aos anos de 1900 a 1916.						
Anos	Sexo masculino	Sexo feminino	Filhos legítimos	Filhos ilegítimos	Filhos de pais brasileiros	Filhos pais estrangeiros
1900	249	208	432	25	160	297
1901	199	156	327	28	228	127
1902	259	255	474	40	176	338
1903	289	302	549	42	223	38
1904	319	298	561	56	254	363
1905	295	309	536	68	251	353
1906	340	285	561	64	368	357
1907	300	316	558	58	265	351
1908	331	310	573	68	293	352
1909	352	348	645	55	306	394
1910	331	331	602	60	286	376
1911	368	326	643	51	306	388
1912	366	381	686	61	312	435
1913	451	397	789	59	333	515
1914	429	414	791	52	342	501
1915	386	409	748	47	327	468
1916	497	411	860	48	424	484

Fonte: Estatística demographo-sanitaria. Anuario Demographico Sanitario. Republica dos Estados Unidos do Brazil. Estado de São Paulo. Directoria do Serviço Sanitario. Anuario Estatistico da Secção de Demographia. Anno de 1900-1916. São Paulo. Typographia do Diario Official.. 1901-1917.

Tabela 2

Causas das Mortes ocorridas na cidade de São Bernardo, entre os anos de 1900-1916.

	1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916
Febre amarela	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tuberculose	8	11	3	6	-	7	-	-	6	8	5	13	8	10	6	9	19
Febre typhoide	9	-	4	8	2	4	-	-	-	3	6	4	5	-	-	5	-
Malária	5	1	2	-	7	-	6	4	-	-	-	6	-	-	-	-	-
Variola	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Infancia/ictérica	5	-	6	7	3	-	5	15	8	7	10	15	20	17	-	10	-
Molestias do systema nervoso e dos organs dos sentidos	9	5	6	12	12	9	-	8	14	10	14	15	17	15	-	18	17
Molestias do aparelho circulatorio	-	7	5	5	11	8	-	11	12	10	11	27	25	20	15	21	22
Molestias do aparelho digestivo	17	28	25	25	13	32	21	30	31	36	52	50	68	62	74	59	58
Afeições produzidas por causas exteriores*	13	8	9	7	11	10	-	3	4	10	7	9	19	19	14	15	8
Grippe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-
Coqueluche	-	-	3	-	-	9	4	-	4	11	-	-	15	5	-	-	11
Sarampo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	9	6	-	-	-	5
Molestias do aparelho respiratorio	14	-	10	17	19	21	16	16	21	21	30	25	44	47	30	30	44

Fonte: Estatística demographo-sanitaria do Interior do Estado de São Paulo, Anuario Demographico Sanitario.Republica dos Estados Unidos do Brazil. Estado de São Paulo, Directoria do Serviço Sanitario. Anuario Estatístico da Secção de Demographia. Anno de 1900-1916. São Paulo. Typographia do Diari Official. 1901-1917.
 * suicídio, queimaduras, submersão accidental, envenenamento, violência.

REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Regulamento da Instrucção Publica da Provincia de São Paulo
Confeccionado pelo Exm. Sr. Presidente Barão de Itaúna.
S. Paulo. 1869.

Parte primeira: do ensino publico

Titulo único

Das Escolas

Capitulo I

Artigo 7. Serão supprimidas:

§ 1º As escolas actuaes que não contarem vinte alumnos frequentes.

Capitulo II

Do provimento das cadeiras

Secção I

Dos concursos

Artigo 11. As cadeiras vagas serão postas a concurso como o governo o determinar.

Recebida essa ordem pelo inspector geral, publicará na imprensa quaes as cadeiras vagas e a concurso, por editaes que deverá affixar nos lugares das escolas por meio dos inspectores de districto, marcando o prazo de sesenta dias para a inscripção dos candidatos.

Artigo 14. Para a admissão a concurso, os candidatos vão provar, idade maior de dezoito annos, e bom procedimento nos ultimos tres annos decorridos.

Artigo 18. Não serão admittidos a concurso, além dos que reunirem os precisos requisitos, os seguintes:

§ 1º Os que já uma vez tiverem sido reprovados em concurso, salvo se houverem decorrido mais de seis mezes da primeira reprovação, ou mais de dous annos depois da segunda.

§ 2º Os que tiverem sido reprovados por tres vezes consecutivas.

Artigo 19. Findo o prazo do concurso, será publicada pela imprensa, por ordem do inspector geral, a relação dos inscriptos, e officiará o inspector ao governo solicitando a designação de dia, e hora dos exames para a prova da capacidade profissional.

Secção II

Dos exames de concurso

Artigo 20. Designado pelo governo o dia e hora dos exames de

concurso, será pelo inspector geral publicada na folha official a designação, com a precedencia de pelo menos vinte quatro horas.

Artigo 21. Os exames se effectuarão em uma das salas do palacio do governo sob a presidencia do presidente da provincia, com assistencia do inspector geal, e por uma commissão de tres membros.

Artigo 22. Nos exames de oppositoras á cadeira para o sexo feminino, além da commissão de que trata o artigo 21, haverá uma examinadora de prendas domesticas nomeada na fôrma do artigo precedente.

Artigo 24. No dia, hora e local designado, presentes o presidente da provincia, o inspector geral, examinadores e candidatos, depois de tomar assento no topo da mesa o presidente, assentar-se-hão a seu lado o inspector geral, na ala direita em frente á mesa os examinadores indistinctamente, da mesma fôrma na ala esquerda as examinandas, e em seguida, em frente ao topo da mesa, os examinandos, comparecendo tanto estes como aquellas á proporção que fôrem sendo chamados.

Artigo 25. A chamada será feita pelo inspector geral por uma lista que anteriormente haja sido presente ao presidente da provincia.

Artigo 33. Nos exames para o provimento das escolas do sexo feminino, a examinadora de prendas domesticas sujeitará as concurrentes a alguns trabalhos de agulha, antes de começar ou de findar o exame das demais materias, segundo deliberar o presidente. Estes trabalhos durarão tanto tempo quanto baste para habilitar a examinadora a conhecer da idoneidade das examinandas.

Secção III

Das nomeações, remoções e posse dos professores

Artigo 54. Para ser o concurrente provido na cadeira que pretende, além das provas dos requisitos, de que trata o artigo 14, e da de capacidade profissional, produzida por cópia ou certidão do respectivo exame, se requer:

§ 1º Que seja cidadão brasileiro.

§ 2º Que não tenha sido condemnado á pena de galés, ou por crime de furto, roubo, estelionato, banca-rotta, bigamia, incesto, adulterio.

§ 3º Que não padeça enfermidades ou defeitos que o inhabitem para o magisterio.

§ 4º Que não tenha sido punido com a pena de demissão do cargo de professor publico, ou obrigado a fechar a escola particular que tenha tido, á vista de máo procedimento seu, salvo prova de rehabilitação.

Artigo 57. Podem ser nomeados, independente de exame:

§ 1º Os graduados em letras ou sciencias pelas escolas do Imperio.

§ 2º Os clérigos de ordens sacras.

§ 3º Os que houverem exercido o cargo de professores publicos por mais de tres annos, sem nota que os desabone.

Artigo 77. Os professores devem tomar posse da cadeira dentro do prazo de um mez, contado do dia da nomeação; se o não fizerem, considera-se renunciado o emprego, que poderá ser preenchido por outra pessoa.

Capitulo IV

Da matricula de alunos

Artigo 90. Os professores admittirão á matricula, em suas escolas, durante o anno lectivo, os individuos que se propuzerem á inscripção, e que não estiverem comprehendidos nas proibições deste regulamento.

Artigo 91. A matricula é gratuita.

Artigo 92. Não serão admittidos á matricula:

§ 1º As meninas nas escolas de sexo masculino, e os meninos nas do sexo feminino.

§ 2º Os menores de cinco annos de idade.

§ 3º Os que padecerem molestia contagiosa.

§ 4º Os escravos.

§ 5º Os que houverem sido expulsos por incorrigiveis.

Artigo 93. Da não admissão á matricula há recurso para o inspector do districto.

Artigo 94. A matricula sera feita pelo respectivo professor em livro proprio, aberto, numerado, rubricado e encerrado pelo inspector do districto, e segundo o modelo annexo com as seguintes declarações:

§ 1º Do nome do alumno.

§ 2º Da sua filiação, sendo conhecida.

§ 3º Do tutor, ou da pessoa que o tiver em seu poder.

§ 4º Da sua naturalidade e nacionalidade.

§ 5º Da sua idade, segundo a declaração ou certidão que apresentar.

§ 6º Do dia, mez e anno em que se matricular.

Artigo 95. O livro de matricula será fornecido a expensas do professor.

Artigo 96. Na matricula de cada anno, a que se procederá do dia 7 de janeiro em diante, se mencionarão os nomes de todos os alumnos da escola, mesmo dos que se tiverem matriculado em anno anterior, com declaração do tempo de aprendizagem de cada alumno:

§ 1º Será remetido ao inspector geral da instrucção publica, além dos mappas e relatorios de que trata o artigo 110 § 11, o proprio livro de matricula, depois de escripturado em todas as suas paginas, mas de sorte que não se comece em um livro a matricula de um anno para ser acabada em outro, ainda que se inutilisem as paginas em branco que restarem.

§ 2º Cada livro de matricula não conterà mais de cincoenta folhas.

Artigo 97. Serão eliminados da matricula:

§ 1º Os alumnos que se despedirem com a devida autorisação.

§ 2º Os que sem causa participada faltarem á escola por tres mezes consecutivos, precedendo communicação ao pai, tutor ou pessoa que os tenha em seu poder.

§ 3º Os que tiverem completado sua instrucção e educação, verificada por exame.

§ 4º Os que fallecerem.

§ 5º Os expulsos por ineptos ou incorrigiveis.

Artigo 98. Logo que seja eliminado um alumno, o professor fará assentamento, adiante do seu nome, a data da eliminação, com declaração do motivo desta.

Artigo 99. Da indevida admissão ou inadmissão á matricula, eliminação, e questões que a respeito se suscitem, há recurso para o inspector do districto, e deste para o inspector geral, que decidirá definitivamente, ouvindo o professor, inspector do districto, e presidente da camara municipal.

Capitulo V

Do tempo do exercicio das escolas

Artigo 102. O exercicio das escolas será das oito horas da manhã á uma hora da tarde.

Artigo 103. Se razões de conveniencia publica exigirem a alteração do tempo do exercicio diario das aulas, o inspector geral a poderá autorisar, submettendo o acto á approvação do governo.

Secção I

Dos dias feriados

Artigo 105. São feriados nas escolas publicas:

§ 1º A Quinta feira de cada semana, quando nella não houver dia santo ou feriado.

§ 2º Os domingos e dias santificados.

§ 3º Os dias de grande gala, ou de festa nacional.

§ 4º O dia 26 de fevereiro.

§ 5º Os de entrudo e Quarta feira de cinza.

§ 6º Os que decorrem do Domingo de Ramos ao da Paschoa.

§ 7º O de finados.

§ 8º Os que decorrem de 8 de dezembro a 6 de janeiro.

Capitulo VII

Das obrigações dos professores

Artigo 110. Aos professores, além das demais obrigações impostas neste regulamento, incumbe:

§ 1º Trajar decentemente tanto na escola como fôra della.

§ 2º Proceder á matricula dos alumnos.

§ 3º Dar aula nos dias uteis, e durante o tempo devido, sendo assiduo no cumprimento de seus deveres.

§ 4º Participar ao inspector do districto quando deixar de dar aula, expondo-lhe o motivo da falta.

§ 5º Instruir e educar os seus alumnos.

§ 6º Manter na escola a devida disciplina.

§ 7º Dar por palavras e obras exemplo de polidez e moralidade.

§ 8º Ter os livros necessarios para a matricula e inventario dos moveis e utensis, e escriptural-os.

§ 11º Enviar ao inspector geral em 1º de junho e de novembro um relatorio sobre o estado de sua escola, e adiantamento de seus discipulos, acompanhado de um mappa conforme o modelo que lhe fôr dado pelo mesmo inspector geral.

Artigo 111. Além das proibições individuais neste regulamento, é vedado aos professores:

§ 1º Ausentarem-se do districto sem a competente licença.

§ 2º Occuparem qualquer cargo publico, ou exercerem qualquer profissão ou industria, incompativeis com o exercicio do magisterio.

§ 3º Usarem de compendios, e livros não autorisados por ordem superior.

Capitulo VIII

Das penas

Secção I

Artigo 115. A pena de multa se imporá nos casos seguintes:

§ 1º Quando os professores usarem de livros e exemplares para o

ensino não autorizados competentemente, serão multados em quinze mil réis.

§ 2º Quando deixarem de enviar ao inspector geral, no devido tempo, os livros, relatorios e mappas, de que trata os artigos 96 § 1º e 110 § 11, serão multados em trinta mil réis.

RELATÓRIOS

Ill.mº e Ex.mº Snrº

Os abaixo assignados, colonos da Colonia de S.Caetano veem perante V.Ex.^a manifestar o pezar que sentiram com a remoção da distincta Professora Ex.m^a Senr.^a D. Felicidade Perpetua de Macedo da cadeira do sexo feminino da mesma Colonia para a do 1º Districto desta Capital. Este pezar encontra explicação na circumstancia de que essa distincta Professora apezar de haver regido por pouco tempo a cadeira da Colonia, mesmo nesse pouco tempo deu extruturantes provas de seu bello talento, illustração e dedicação pelo ensino deixando muitas de suas discipulas com adiantamento tal, que normalmente não se podia esperar em tão curto praso, e isto tudo não obstante a difficuldade e inconveniente de ter de ir diariamente à dita Colonia e de la voltar diariamente a esta cidade.

Para mais realçar ainda o merecimento de tão digna Professora convem que Vex.^a saiba que apesar de removida para uma cadeira desta cidade, tem ella ido até hoje dar aulas as suas ex-discipulas, apoz haver terminado o cumprimento de seu dever na cadeira do 1º Districto, e isto por simples dedicação e sem interesse ou retribuição alguma.

Por todos estes motivos, os abaixo assignados ao mesmo tempo que agradecem a acertada nomeação que VEX.^a fez a tão distincta Professora para a mencionada cadeira da Colonia, manifestam seu pezar pelo facto de por tão pouco tempo ter sido ella ali conservada e não quiseram perder o ensejo de fazer realçar os muitos merecimentos da mesma Professora.

Excellentissimo Snr., os abaixo assignados ao terminar este, dirigem-se a VEX.^a pedindo sua valiosa proteção em favor da Instrcção Publica da mesma Colonia, que não tem edificio algum que decentemente se preste para as aulas de ambos os sexos, sendo certo que a cadeira do sexo feminino, unica que esta funcionando, esta se servindo da sachristia da Capella da Colonia, lugar completamente improprio para tal fim.

Nestas condições esperam os abaixo assignados que VEX.^a o mais breve possivel providenciará a tal respeito autorisando ou contratando a construção de uma ou duas casas de pouco preço destinadas a nellas

funcionarem ditas aulas do sexo masculino e feminino.

Assim, procedendo, praticará VEx^a mais um acto que tornará inesquecível a honra da Administração de VEx^a a quem

Deus Guarde

S. Caetano 14 de junho de 1883.

Illm^o e Exm^o Snr. Visconde de Itu,

Dignissimo Vice Presidente desta Provincia

Braido Giuseppi

Garbeloto Antonio

A rogo Teresa moglie del fu Giovanni Peruchi. Garbeloto Antonio

Baraldi Primo Secondo

Visentin Pietro

A rogo Modesto Casteloti. Garbeloto Antonio

A rogo Perin Giusepe. Garbeloto Antonio

Modesto Antonio

Modesto Eugenio

Demartim Francesco

Demartin Martino

Vesentin Domenico

Roveri Filippo

A rogo Gennaro Luciano. Roveri Filippo

A rogo Luigi Cavana. Roveri Filippo

Marino Dallantonia

Fioroto Francesco

A rogo Giovanni Tome. Garbeloto Antonio

A rogo Botan Domenico. Garbeloto Antonio

Gaetano Garbelotto Pai

A rogo Ghalo Antonio. Garbeloto Antonio

Bortolido Francesco

Giovanni S.

De Nardi Giovanni

... Giuseppe

De Nardi Celeste

Pin Giuseppe

Furlan Natalle

A rogo Tomaso. Furlan Natalle

A rogo Martorelli Antonio. Furlan Natalle

Leoni Uliseo

Carnevali Giuzepe

Giacomo Dalcim

Moretti Govani

A rogo Dagostini Luigi. Garbeloto Antonio
Giacomo Garbelotto
Garbelotto Gaetano filio
...Parterla Celeste
A rogo Grochi Antonio. Roveri Filippo
Cavana Angelo
Ferrari Giuseppe

Illm° Sr.

Conforme determina o parag. 11 do Art. 110 do Reg. da Instrução Publica da Provincia, em vigor, tenho a honra de remetter a V.S.^a o mappa do movimento da escola da Colonia de S.Caetano, sob minha regencia. Entrei em exercicio do meu emprego em 1º de agosto, e nessa occasião matriculei 30 alumnos, dos quaes são 20 frequentes. A aula acha-se funcionando, por falta casa, num pequeno quarto quasi sem ar, sem luz isso que não tem as propriedades recommendadas pela hygiene, tam necessarias á saude do mestre e dos discipulos.

Sem uma casa com boas accomodações, sem os moveis e utensis escolares, os alumnos apresentam, como V.S.^a verá do respectivo mappa, um adiantamento satisfactorio.

Dos alumnos matriculados, 26 são italianos, os quaes pela vontade, talvez, de entregarem-se aos trabalhos da lavoura, donde tiram os meios de subsistencia, são applicados ao estudo e assiduos a aula, por isso apresentam um resultado mais lisongeiro.

A principio encontrei alguma difficuldade para fazel-os pronunciar e comprehender as palavras portuguezas; mas felizmente, essas difficuldades vão pouco a pouco desapparecendo, e espero que em breve, elles poderão fazer com mais facilidade uso de nossa lingua.

Adoptei para o ensino de leitura o methodo denominado Lições m.....l.... por Hilario Ribeiro e tenho conseguido bons resultados, pelo que julgo é esta minha humilde opinião um dos melhores methodos e que mais vantagens offerecem para o ensinamento nas escolas publicas, onde ainda não ha uniformidade na adopção de methodos.

A intelligencia dos meus alumnos, e seu comportamento e a sua applicação é tal, que me fazem nutrir a esperança de que em pouco tempo poderão apresentar um resultado mais lisongeiro.

Deus G.e a V. S.^a

S.Caetano 1º de novembro de 1883.

Illm° Sr. Dr. Francisco Aurelio de
S. Carvalho M.D. Inspector Geral da Inst. Publica.
Joaquim Ferreira Alambert.

professor publico.

Ilmo. Snr.

De conformidade com o disposto no artigo 110 paragrafo 11 do regulamento de 18 de abril de 1869, tenho a honra de apresentar a V.S.^a o mappa junto e o relatorio da escola pública da colônia de São Caetano d'esta Capital.

Em obediencia áquella disposição, cumpre-me êxpor ainda que sucintamente a V.S.^a o estado da escola sob minha direcção.

Durante o periodo decorrido desde 7 de janeiro ate 31 de maio do corrente anno, matricularam-se trinta e duas alunas, sendo eliminadas tres. Das 29 actualmente matriculadas, são frequentes vinte e duas. A falta de livros, mormente no methodo por mim adoptado, que é o de João de Deus, é assás sensível. Em geral minhas alunas são filhas de homens do trabalho, e por isso pobres; e difficilmente podem elles concorrer para as despezas dos respectivos compendios. A difficiencia de livros é uma das causas do pouco desenvolvimento intellectual das alunas nas escolas publicas.

O mappa, que nesta data ofereço a consideração de V.S.^a fornece todos os dados relativos as disciplinas ensinadas nesta escola, bem como o grao aproveitamento de cada alumna em particular; pelo ~q. dou por terminado o presente relatorio. Deus guarde a V.S.^a

São Caetano, 1 de junho de 1885
Elisa Angelica de Brito Alambert.

Ilmo Senr.

Satisfazendo o preceito de uma das disposições do regulamento da Instrução Publica, venho apresentar a V.S.^a o meu relatorio.

A escola publica sob minha direcção conforme se vê do mappa que junto remetto, tem 34 alunas matriculadas das quaes apenas são frequentes, termo medio, 22.

A notavel differença que apresentam esses dous numeros, e, segundo creio, devida á vida campesina dos moradores d'esta colonia, as quaes não dispensam o trabalho embora insignificante das filhas quer nos serviços domésticos, quer nos do campo com sensível prejuizo de sua educação e instrução.

A falta de livros e utensilios difficulta grandemente a missão que fui encarregada.

A maior parte, ou melhor dizer, a totalidade dos pais de minhas alunas é toda composta de homens de trabalho pouco lucrativo e por conseguinte pobres, cujos recursos quasi sempre lhes impedem de satisfazer as exigências que lhes faço a medida que as necessidades do ensi-

no reclamam a compra de livros.

Este fato, me parece, é uma das causas do pouco que produz o ensino público primário nas localidades como esta, cuja população é nmiamente pobre.

Os moveis d'esta escola acham-se em perfeito estado de conservação.

São estas as informações que julguei do meu dever submitter à consideração de V.S.^a para melhor compreensão do mappa de que ja fiz menção.

Deus guarde a V.S.^a

Ilmo. Senr. Dr. Arthur Cesar Guimarães, M.D. Inspector
Geral da Instrução Publica da Provincia.
São Caetano 1 de junho de 1886.
professora publica Elisa Angelica de Brito Alambert.

Relatório apresentado pela professora da Colônia de São Caetano ao Ilm. Snr. Director Geral Da Instrução Pública.

Em cumprimento ao que dispõe o regulamento da Instrução Publica de 22 de agosto de 1887 e o parágrafo 18 do artigo 112 remetto a V.S. o mappa e relatório das alunas que se acham matriculadas e frequentes na escola pública da colônia de São Caetano.

São apenas 3 meses que permutei minha cadeira de Itaquery, pela de São Caetano, na qual encontrei as alunas muito arazadas, o que justifica eu não haver ensinado as diversas materiais como manda o regulamento.

Ainda mais, sendo as alunas que frequentam esta escola, quasi todas italianas, falam constantemente uma língua differente, de modo que torna mais difficil o ensino de matéria do programma.

No meu mappa como o Ilustre Director verá, dei somente a matrícula do anno lectivo, porque é pouco tempo que estou regendo aquella cadeira, e não encontrei assentadas devidamente as matrículas primitivas.

Também escrevi unicamente a frequência total das alunas em 3 mezes, porque a frequência medida foi impossivel encontral-a.

O ensino de lições de cousas, numa escola como esta, onde as crianças entretêm, em suas casa, uma lingoa estranha à nossa, é empregado sempre intuitivamente; e é só assim que as alunas começam a conhecer os termos da lingoa portugueza.

Educação cívica, gymnastico, geographia, canto choral e metrologia, não ensinei em aula, porquanto, como já disse à V.S.^a, as alunas desta escola são todas principiantes. Em educação religiosa, limitei-me

ao ensino do catechismo e orações.

Durante o tempo que estou em São Caetano, foram diminuidas as seguintes alunas: Carolina Rossi, Angelina Rassi e Angelina de Brito, por terem-se retirado desta colônia com sua familia.

A mobilia da sala da escola resume-se em duas bancas enormes, muito altas, incommodas para as alunas escreverem nellas, e de 3 bancas. Uma mesa, e uma cadeira que não estão apoiadas sobre o estrado. Tudo é muito gasto. Agradeço desde já a V.S.^a. todos os melhoramentos que julgar digna esta escola, e das que já lhe é devedora.

Deus Guarde V.S.^a.
Dign.ss Snr Dr. Geral Instucção
Publica Arthur Cesar Guimarães
Josephina Invernizzi.
01 novembro 1887.

Relatório apresentado pela professora da cadeira do sexo feminino da Colônia de São Caetano, ao Dig.mo Director Geral Da Instrução Publica.

Em cumprimento ao que dispõe o regulamento da Instrução Publica art. 112, paragrapho 18, tenho a honra de remeter a V.S.^a o mappa e o relatório, pelos quaes, ficará conhecendo o grau de adiantamento das alunas frequentes desta escola.

O adiantamento apresentado é regular, deixando durante este anno de dedicar-me ao ensino de algumas materiais mencionadas no programma actual, como por exemplo: canto choral, educação civica, gymnastica, porque as alunas desta escola são todas principiante, e quasi todas estrangeiras e por isso encontram difficuldades insuperaveis no estudo e comprehensão de estudos mais adiantados.

O estudo de educação religiosa abrange estudo do catechismo e orações.

Como o Illustre Director verá, no mappa vêm declaradas de algumas alunas as faltas e a frequencia do mez de outubro, visto datarem de um mez suas matriculas nesta escola.

No restante de alunas, a media é baixa como V.S.^a na ignora, estive em licença durante mez e meio, no espaço de tempo que vai do 25 de julho a 10 de setembro, dando por conseguinte só quatro mezes de aula.

No espaço de um anno foram eliminadas as seguintes alunas: Joanna Fiorotto, Theresa Perim e Theresa Tanussi, por terem-se mudado desta colonia, com sua familia.

A mobilia desta escola é absolutamente imprestavel.

Os tres bancos e as quatro bancas que a formam são insufficiente

para 25 ou 30 alumnas que frequentam a escola, estando ellas durante os trabalhos escolares, muito apertadas e mal acomodadas; e ainda são muito altas para as meninas de seis e sete annos.

Não ha um mappa ou um globo terrestre para o estudo da geographia; nem uma lousa, para o desenho linear.

A cadeira e a mesa da escola não estão apoiadas sobre o estrado.

Recomendo a V.S.^a esta escola. Confiada que ella mereça toda sua atenção, declara-se muito agradecida a professora.

Josephina Invernizzi.

Deus G.de a V.S.^a

S.Paulo 1 novembro 1888.

CIDADÃO

Cumprindo o que preceitua o paragrafo 18 do artigo 112 do Regulamento da Instrucção Publica, tenho a honra de vos enviar o mappa semestral de minha escola.

Como vereis matricularam-se este anno 31 alumnos, numero alias pequeno para a grande quantidade de creanças que residem nesta colonia.

As razões improcedentes que os paes apresentam como justificativa à falta que commettem em privar os filhos do pão do espirito - a instrucção - falam bem alto da necessidade irrefutavel do ensino obrigatorio, sem querer comparar a justa disposição do regulamento que estatue numero determinado para o funcionamento legal d'uma escola, direi apenas que essa disposição torna-se injusta ante a parte omissa do regulamento quanto ao alumno.

Como de todo se despreheende, o alumno tem ampla liberdade de frequentar ou não a aula, entretanto a escola que não tiver o numero de alumnos determinado por lei, privará o seu professor do ordenado.

É obvio, pois, que a obrigatoriedade do ensino devia ser uma parte integrante do artigo que determina numero legal dos alumnos para o exercicio d'uma escola. Assim, eu juntando este pedido do esclarecido critério com que presidio os vossos actos a adopção desta medida.

É devido à falta dessa lei ainda a frequência dos alumnos não corresponde à matricula, muitos d'elles interrompem o estudo, ora allegando trabalhos na lavoura, ora encommodos de saude, etc, o que, tenho certeza, isto não se daria tão facilmente se os paes que não mandam seus

k) 1ª escola feminina. Março de 1909. Professora substituta Avelina dos Santos.

1. Augusta Furlan
2. Avelina Gallo
3. Clementina Fioreti
4. Fioreta Denardi
5. Luiza Braido
6. Santa Ferraire
7. Judith Galliacci
8. Leonilda Veroneza
9. Rosa das Neves
10. Genoveva Polle
11. Thereza Sacqueiro
12. Regina Benedecte
13. America Perrella
14. Maria Moretti
15. Luiza Cavassani
16. Ernesta de Manille
17. Aurora de Souza
18. Maria Perrine
19. Isolina de Fioretti
20. Antonia Garbellota
21. Carmella Capuan
22. Maria Carmine
23. Maria Martorelli
24. Maria Joanna Araujo
25. Brigida Gallo
26. Regina Romadini
27. Aurora Mazette
28. Anna Martorelli
29. Michella Ruis
30. Maria Cavassani
31. Angelina Moretti
32. Lourencine Tosetti
33. Angelina Visentini
34. Herminia Prado
35. Maria Storffi
36. Maria Furlan
37. Maria Thomé
38. Genoveva Romandim
39. Ida Broguim
40. Maria Andre Martini

41. Catharina Furlan
42. America Tomazelli
43. Celestina Malhane
44. Maria Malhane

l) 1ª escola feminina. Julho de 1910. Professora Joanna de Almeida Motta.

1. Clementina Fioreti
2. Fioreta Denardi
3. Genoveva Polle
4. Luiza Capuan
5. Santa Ferraire
6. Maria Moretti
7. America Perrella
8. Judith Galliacci
9. Regina Benedecte
10. Ernesta de Manille
11. Rosa das Neves
12. Brigida Gallo
13. Maria Carmine
14. Thereza Sacqueiro
15. Lourencine Tosetti
16. Maria Thomé - aluna eliminada.
17. Maria Cavassani
18. Antonia Garbellota
19. Maria Perrine- aluna eliminada.
20. Aurora de Souza
21. Genoveva Romandim
22. Regina Romandim
23. Porfíria Derossi
24. Carmella Capuan
25. Michella Ruis
26. Maria Furlan
27. Maria Cuprim - aluna eliminada.
28. Maria Olga - aluna eliminada.
29. Amabile Carmem

m) 1ª escola feminina. Novembro de 1911. Professora Joanna de A. Motta.

1. America Perrella
2. Angelina Vicentini

3. Aurora de Souza
4. Aurora Mazetti
5. Antonia Garbelotta
6. Angelina Moretti
7. Amabilis Carmem
8. Brigida Gallo
9. Carmella Capuan
10. Genoveva Polli
11. Genoveva Romaldim
12. Judith Gallinacci
13. Luiza Capuan
14. Maria Carmine
15. Maria Moretti
16. Maria Furlan
17. Miquella Ruis
18. Maria Carlette
19. Marina Carlette
20. Maria Cavassani
21. Regina Romaldini
22. Rosa das Neves
23. Paula Thomé
24. Isolina Fioretti
25. Tosca Nére
26. Alda Nére
27. Rosa Galliacci
28. Elisa Vicentine
29. Regina Benedecte
30. Emilia Matielli
31. Anna Martini
32. Porfíria Derroe
33. Theodora Garbellota
34. Anna Martorelli
35. Angelina Martorelli
36. Anna Rosa Jacomim Moretti
37. Christina Matielli
38. Florinda Pereira
39. Luiza Braidó
40. Ida Lourencine
41. Augusta Scutari
42. Francisca Scutari

Programa de ensino das Escolas Distritais

1º anno

1º passo: exercicios de linguagem oral á vista de objectos ou gravuras. Questões muito familiares que tenham por fim ensinar a criança a se exprimir correctamente. Corrigir os defeitos de pronuncia.

2º passo: leitura de sentenças proferidas pelas crianças e escriptas no quadro-negro.

3º passo: reconhecimento das palavras das sentenças lidas e formação de novas sentenças. Entrega de cartilha aos alumnos e recordação das sentenças escriptas no quadro-negro.

4º passo: continuação da leitura das lições da Cartilha. Reconhecimento da palavras e sua decomposição em syllabas, formação de novas palavras com as syllabas estudadas.

5º passo: continuação da leitura das lições da Cartilha. Decomposição das syllabas em letras e formação de novas syllabas e palavras com essas letras. Leitura do 1º Livro.

Linguagem Oral

a) Palestras com os alumnos acerca de cousas ou scenas de facil observação, relativas ao lar, á rua, á escola e ao campo.

b) Nomes e qualidades de animaes domesticos e selvagens, de plantas, fructos, arvores frutiferas, etc.

c) Palestras com os alumnos acerca da côr, da forma, tamanho, utilidade dos objectos e materiaes de que são feitos.

d) Descrição de objectos, plantas, animaes, feita pelos alumnos, com o auxilio do professor.

e) Contos e recitativos muito simples ao alcance dos alumnos, explicados em classe com a necessaria antecedencia.

Linguagem Escripta

a) Copia de sentenças do quadro-negro ou do livro de leitura.

b) Completar sentenças escriptas pelo professor no quadro-negro.

c) Construcção de sentenças coordenadas em que esntrem palavras dadas.

d) Dictado de sentenças do livro de leitura.

Arithmetica

a) Exercicios oraes: as quatro operações sobre numeros de 1 a 10,

por meios concretos inclusive exercicios de fracções.

- b) Leitura desses exercicios feitos no quadro-negro pelo professor.
- c) Contagem directa de objectos e grupos de objectos de um em um, de dois em dois, de tres em tres, etc. até doze estendendo-se este exercicio até cem.
- d) Contar de dez em dez até cem.
- e) Algarismos romanos e horas do relógio.
- f) Conhecimento pratico do metro, litro e kilo.
- g) Exercicios escriptos: leitura e escripta de numeros até cem e uso de signaes +, -, X, , e = praticados nas quatro operações.
- h) Exercicios graduados das quatro operações até cem.
- i) Problemas faceis.
- j) Calculo mental e rapido.

Geographia

- a) Primeiras idéas de orientação na sala de aula, posição dos objectos na sala de aula; á frente, atrás, á direita, á esquerda, na parte superior, na parte inferior, com representações graphicas.
- b) Descrição do caminho que o alumno percorre em se dirigindo á escola.
- c) Exercicios de orientação relativamente á localidade em que está a escola.
- d) Conhecimento dos pontos cardeaes pelo nascimento do sol.
- e) Medida do tempo: a hora, o dia, a semana, o mês e o anno.

Historia do Brasil

- a) Palestra com o alumno sobre o lugar, onde elle nasceu, onde nasceram seus irmãos, seus paes e pessoas conhecidas, de modo a dar-lhe a idéa de Patria. Nome de nossa Patria.
- b) Palestras sobre as riquezas e bellezas naturaes e recursos de nosso paiz, de modo a despertar na criança sentimentos de entusiasmo pela Patria.
- c) Conhecimento dos vultos mais notaveis da nossa Historia.

Sciencias Physicas e naturaes. Hygiene.

- a) Noções simples e practicas acerca das propriedades dos corpos: transparencia, opacidade, brilho, dureza, porosidade, dilatação, fôrma, etc.
- b) Noções referentes á utilidade das plantas e dos animaes. Observações sobre as plantas mais uteis e communs no municipio.

c) Conhecimento de plantas e animais uteis e de plantas e animais nocivos.

d) Conselhos concernentes á alimentação: o asseio do corpo.

Instrucção moral e civica.

a) Recitação de trechos moraes e civicos, previamente explicados pelo professor.

b) Deveres das crianças para com seus collegas, irmãos, paes e mestres.

c) Deveres de caridade. Deveres para com seus superiores, iguaes e inferiores.

d) Deveres para com as autoridades.

Trabalhos manuaes.

a) trabalhos practicos de horticultura, arboricultura e jardinagem.

Accresce para a secção feminina:

b) crochê de linha e lã.

Calligraphia: copia de sentenças escriptas no quadro-negro pelo professor.

Desenho: copia de objectos muito simples.

Musica: canto coral de hymnos e canções.

Gymnastica.

a) Exercicios callisthenicos.

b) Jogos gymnasticos ao ar livre.

Geometria: estudo da esphera, cubo, cylindro, hemispherio, prisma quadrangular, á vista dos solidos.

2º anno

Leitura.

Leitura explicativa, leitura silenciosa, leitura expressiva no livro adoptado.

Resumo do assumpto lido.

Linguagem Oral

a) Formação de sentenças afirmativas, negativas, interrogativas, exclamativa e interrogativa, sobre ocupações materiaes com palavras dadas pelo professor.

b) Palestras sobre a cultura de cereaes, hortaliças, forragens, canna de assucar, café, algodão, criação de gado, conservação das matas, utilidade dos vegetaes, madeiras de construcção, etc.

c) Reproducção de historias, fabulas e episodios contados ou lidos pelo professor.

d) Exercicios de dicção.

Linguagem Escripta.

a) Copia de trechos do livro de leituras.

b) Dictado de pequenos trechos do livro de leitura

c) Descripção de objectos, animaes ou gravuras, á vista da classe.

d) Reproducção de historietas lidas ou contadas pelo professor.

e) Emprego dos signaes de pontuação em todos os exercicios.

Arithmetica.

a) Explicação das unidades, dezenas, centenas, milhares, etc. por meios conctos, ler e escrever numeros.

b) As quatro operações fundamentaes sobre numeros inteiros. Provas das mesmas. Problemas de utilidade practica, oraes e escriptos.

c) Conhecimento de fracções ordinarias e decimaes.

d) Noções sobre o systema metrico decimal.

e) Explicações sobre a moeda nacional, de metal e de papel.

f) Leitura e escripta de quantias.

Geographia

a) Estações do anno. Estações do plantio e da colheita.

b) Localidade da escola, estradas de ferro e de rodagem.

c) Traçado do contorno do Estado de S. Paulo. Localiza`ção parcial das cidades, rios, estradas de ferro, portos, montanhas, etc. Estudo elementar completo do Estado de S. Paulo.

d) Noções elementares sobre o Brasil.

e) Ligeiras noções sobre o sol, a lua, estrellas, cometas, eclipses, etc.

Historia do Brasil

- a) Datas nacionaes. Fundação da cidade de S.Paulo.
- b) Contos sobre a vida dos grandes brasileiros, completando-se e desenvolvendo-se o estudo feito no primeiro anno.

Sciencias Physicas e naturaes. Hygiene.

- a) O homem: partes do corpo humano. Os sentidos. Conselhos hygienicos.
- e) Os animaes uteis assim distribuidos.: 1º animaes domesticos, 2º animaes empregados na alimentação, 3º animaes que fornecem materia-prima ás industrias, 4º animaes que nos dão vestuario, 5º animaes que nos são aliados contra os animaes damnhos, 6º animaes que servem para nosso recreio.
- b) Molestias de animaes e sua transmissão aos homens.
- c) Vegetaes: arvores, arbustos e hervas. Arvoredos, bosques, florestas. As plantas e sua utilidade. Arvores fructiferas. O pomar. Protecção e descripção das arvores. Molestias das plantas.
- d) Estudo intuitivo dos mineraes ao alcance do alumno: propriedade, emprego, valor, onde são encontrados e meios de sua preparação para as indústrias.

Calligraphia: copia das sentenças , palavras e letras escriptas no quadro-negro pelo professor.

Desenho: desenhar objectos simples, folhas e fructos. Desenhos da imaginação.

Musica: canto coral e hymnos.

Instrucção moral e civica.

- a) Trechos moraes e civicos apropriados á idade e previamente explicados.
- b) Historietas singelamente narradas pelo professor, encerrando factos de patriotismo, heroismo, abnegação, etc.
- c) Recitativos: prosa ou verso, com idéas de civismo e patriotismo.
- d) Palestras sobre civilidade, relativas aos paes, parentes, professores, collegas.
- e) Comportamento das crianças na escola, nas reuniões, nos lugares publicos, tratamento devido aos criados e aos inferiores em geral.

Insistir sobre o respeito á rua, e especialmente contra as inscripções inconvenientes nas paredes, nos muros, nos moveis, etc.

Trabalhos manuaes.

a) Feitura de utensilios simples enecessarios aos trabalhos de horticultura, arboricultura e jardinagem que se possam realizar com os materiaes encontrados nas vizinhanças da escola.

Accresce para a secção feminina: Primeiros elementos de costura: pospontos, bainhas, pontos, remendos, serzidos, caseados, pregar botões, etc.

Gymnastica.

a) Continuação e desenvolvimento dos exercicios feitos no primeiro anno.

b) Marchas e corridas.

Geometria: Pyramide, cone, prisma, quanto á superficie, ás faces, ás linhas e aos angulos.

3º anno

Leitura - leitura de prosa e verso. Reprodução oral do assumpto. Leitura suplementar.

Linguagem oral.

a) Recapitulação do estudo feito no 2º anno, com maior desenvolvimento.

b) Descripção de objectos usuais e de animaes domesticos, expostos em classe ou observados alhures.

c) Formação de sentenças que desenvolvem no alumno o conhecimento das differentes variações das palavras.

d) Conhecimento das palavras variaveis e invariaveis em exercicios praticos

e) Recitação de poesias, monologos e dialogos

Linguagem escripta.

a) Reprodução de narrações, fabulas e historietas, etc

b) Descripção de estampas expostas á vista dos alumnos.

c) Composição sobre assumptos dados

- d) Redacção de cartas, bilhetes, recados e recibos
- e) Insistir em todas as lições sobre signaes de pontuação

Arithmetica.

- a) Recapitulação do estudo feito no 2º anno
- b) Completar o estudo do systema metrico decimal. Problemas e questões practicas.
- c) As quatro operações sobre fracções decimaes. Problemas e questões praticas
- d) Conhecimento de fracções ordinarias.

Geographia.

- a) O Brasil: os Estados e suas capitaes.
- b) A terra: estudo feito no globo e depois no planispherio, dos continentes e oceanos. Paizes e capitaes mais importantes das cinco partes do mundo.
- c) Cartographia do Estado de S. Paulo e do Brasil, simultaneamente com as explicações dadas.
- d) Noções sobre o sol, a lua, estrellas, planetas, eclipses, etc.

Historia do Brasil.

- a) Estudo biographico de homens que concorreram para o engrandecimento do Brasil.
- b) O Brasil republica
- c) O segundo imperio e o primeiro.
- d) A independencia.
- e) O Brasil reino.
- f) Bandeirantes.
- g) Os indigenas e a catechese.
- h) O descobrimento do Brasil.

Sciencias physicas e naturaes. Hygiene.

- a) O homem: orgãos, aparelhos e funções.
- b) Animaes: animaes damnhinhos assim distribuidos: 1º os que atacam os nossos animaes domesticos e as plantas cultivadas, 2º os que destroem as nosss provisões alimenticias e os productos da nossa industria, 3º os que nos atacam directamente, parasitas, animaes venenosos e feras.
- c) Classificação dos animaes.

- d) Festa das aves. Festa das arvores.
- e) Plantas: partes de uma planta.
- f) Estudos das flores e dos fructos, das raizes, das sementes, etc.
- g) Reprodução vegetal, differentes especies de enxertia. Reprodução por meio de estacas e de sementes.
- h) Plantas proprias da zona que estiver a escola.
- i) Agricultura em geral. Horticultura e jardinagem, em campo de esperiencia.
- j) Nutrição vegetal.
- k) Principaes phenomenos relativos á grvidade, ao calor, ao som, e luz, á electricidade.
- l) Agua, ar, metaes.
- m) Noções sobre hygiene. O asseio em geral. Hygiene da alimentação e da respiração. Insectos transmissores de molstias. Hygiene rural. Effeitos nocivos do fumo e do alcool. Vacinação contra a variola e contra a febre typhoide. Sôro anti-ophidico, anti-diphtherico e anti-tetânico. Molestias contagiosas e infecciosas: impaludismo, ancilostomose, tuberculose, lepra, trachoma e raiva, meios de evitar e de tratar.

Calligraphia.

- a) Reprodução no caderno em branco, de letras de haste, letras compridas, letras curtas, alphabeto maiusculo.
- b) Exercicios para desenvolver o punho e os dedos.
- c) Copia do livro de leitura.

Desenho.

- a) Desenho do natural de paisagem simples.
- b) Reprodução de modelos geometricos em diversas posições.
- c) Desenho de invenção.

Instrução moral e civica.

- a) Datas nacionaes. A bandeira. Festa da bandeira.
- b) Despertar e fortalecer os sentimentos generosos.
- c) Reprimir as inclinações perigosas.
- d) Cultivar a consciencia, formar habitos de conducta moral, desenvolver o sentimento esthetico.
- e) Deveres para com a Patria.
- f) As eleições.
- g) O jury.
- h) Deveres e direitos do cidadão.

i) Leitura e commentario de um manual de civilidade.

Trabalhos manuaes.

a) Trabalhos de horticultura e jardinagem.

b) Applicaçãõ manual de folhas, fibras lenhosas, vime, cipó, couro, pellos, pennas, etc.

Accresce para a secção feminina: Exercicios de costuras, serzidas, franjas, malhas, alinhavo, etc.

Musica: hymnos e cantos.

Gymnastica.

a) Exercicios callisthenicos.

b) Marchas, corridas e jogos.

c) Exercicios de escoltismo.

Geometria.

a) Avaliação das areas dos individuos, quadrilatero, polygonos.

b) Circumferencia e suas linhas.

c) Circulos.

d) Problemas.

Secretaria de Estado dos Negocios do Interior,

8 de agosto de 1918.

Oscar Rodrigues Alves.

7. BIBLIOGRAFIA

HISTORIOGRAFIA:

BURKE, Peter (org.) A escrita da história: novas perspectivas. Tradutor: M. Lopes. São Paulo: Ed. da Unesp. 1992.

DUBY, George. A história continua. Tradutor: C. Marques. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1993.

FURET, François. A oficina da história. Tradutor: Adriano D. Rodrigues. Lisboa: Gradiva. [s.d.]

GINSBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradutor: F. Carotti. São Paulo: Cia das Letras. 1989.

_____, CASTELNUOVO, Enrico, PONI, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Tradutor: A. Narino. Rio de Janeiro: Bertrand. 1991.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução: Suzana F. Borges et al. Campinas: Ed. da Unicamp. 1994.

HISTÓRIA DO BRASIL:

BRASIL. Decretos e Resoluções do Governo Provisório do Estado de São Paulo. Typographia de Vanorden & Comp. vol.1. (s.d.)

_____. Collecção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo. Typographia do Diario Official. 1889-1920.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras. 1990.

CASTRO, Celso. Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1995.

COSTA, Emilia Viotti. Da senzala à colônia. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1989.

DULLES, John W. F. Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1977.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 21 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1986.

GATTAI, Zelia. Anarquistas, graças a Deus. 15 ed. Rio de Janeiro: Record. 1977.

HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. O Brasil Monárquico, O Brasil Republicano. Vários volumes. São Paulo: DIFEL.

HOLANDA, Sérgio B. de. Raízes do Brasil. 18 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1986.

JORGE, Clóvis de Athayde. Consolação: uma reportagem histó-

rica. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/Divisão do Arquivo Histórico. [s.d.] Coleção História dos Bairros de São Paulo.

LAPA, José R. do Amaral. A economia cafeeira. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

LUZ, Nícia V. A luta pela industrialização do Brasil: 1808 a 1930. 2 ed. São Paulo: Alfa-ômega. 1981.

PINTO, Adolpho Augusto. História da viação pública de São Paulo. 2 ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Coleção Paulista. vol. I. 1977.

PRADO JUNIOR, Caio. A cidade de São Paulo: geografia e história. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. 1983.

QUEIROZ, Suely R. R. de. A abolição da escravidão. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.

RAEDERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil: o conde de Gobineau no Brasil. Tradutor: Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Paz e Terra. 1988.

TORRES, Maria Celestina T. M. Brás. 2 ed. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/ Divisão do Arquivo Histórico. 1985. Coleção História dos Bairros de São Paulo.

VIZENTINI, Paulo G. F. Os liberais a crise da República Velha. São Paulo: Brasiliense. 1983.

IMIGRAÇÃO NO BRASIL

ALVIM, Zuleika M. F. Brava gente! os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense. 1986.

BEIGUELMAN, Paula. A crise do escravismo e a grande imigração. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.

CARNEIRO, José Fernando Domingues. Imigração e colonização no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil. 1950.

CENNI, Franco. Italianos no Brasil: andiamo in'Merica. São Paulo: Martins Fontes/Edusp. 1975.

COLBARI, Antonia. Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH: Humanitas Publicações. nº 34. 1997.

DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil: 1850. São Paulo: Itatiaia-Edusp. 1980.

DE BONI, Luis A. (org.) A presença italiana no Brasil. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia: Fondazione Giovanni Agnelli. 1990.

FAUSTO, Boris. Historiografia da imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré: Fapesp. 1991.

FERRARINI, Sebastião. A imigração italiana na província do

Paraná e o município de Colombo. Paraná: Lítero-técnica. 1973.

FRANZINA, Emilio. Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina. 1876-1902. Milano: Feltrinelli. 1979.

HOLANDA, Sergio B. de. O extremo oeste. São Paulo: Brasiliense. 1986.

HUTTER, Lucy M. Imigração italiana em São Paulo (1880-1889): os primeiros contatos do imigrante com o Brasil. São Paulo: IEB/USP. 1972.

_____, Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914: o processo imigratório. São Paulo: IEB/USP. 1986.

MARTINS, José de S. A imigração e a crise do Brasil agrário. São Paulo: Pioneira. 1973.

_____. O cativo da terra. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 1986.

MONBEIG, Pierre. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. São Paulo: Hucitec-Polis. 1984.

PETRONE, Maria T. S. O imigrante e a pequena propriedade. (1824-1930). São Paulo: Brasiliense. 1984.

ROIO, José Luiz del. (org.) Trabalhadores no Brasil. Imigração e industrialização. São Paulo: Ícone: Edusp. 1990.

STOLCKE, Verena. Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980). São Paulo: Brasiliense. 1986.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. Tradutor: Luiz E. de L. Brandão. São Paulo: Nobel. 1989.

VERONA, Antonio Folquito. Pacto social e luta operária em Schio. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh: Humanitas Publicações. n° 34. 1997.

WITTER, José S. A revolta dos parceiros. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:

ALMEIDA, José R. P. de. História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889). São Paulo: Educ-Brasília-Inep\MEC. 1989.

AZEVEDO, F. de. A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1944.

ANTUNHA, Heládio C.G. A instrução pública no Estado de São Paulo. A reforma de 1920. São Paulo: Feusp. Estudos e documentos, vol. 12. 1976.

ASSAD, Carlos Martínez. En el país de autonomía: la escuela moderna. México: El caballito: Secretaría de Educación Pública. 1985.

AZANHA, J. M. P. Uma idéia de pesquisa educacional. São Pau-

lo: Edusp: Fapesp. [s.d.].

CAMPOS, Arlêta N. Z. N. A Escola Normal Paulista: acertos e desacertos. Dissertação de mestrado, Feusp. 1987.

CARVALHO, Marta M. C. de. A escola e a república. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CARVALHO, Silvia A. S. de. O ensino da leitura e da escrita: o imaginário republicano (1890-1920). Dissertação de Mestrado, PUC-SP. 1998.

COSTA, Ana M. C. I. A Escola na República Velha: expansão do ensino primário em São Paulo. São Paulo: EDEC. 1983.

CUNHA, Luiz A. A universidade temporã. O ensino superior da colônia a Era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1980.

DE MARTINI, Zeila. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga (org.) Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). Vértice: Revista dos Tribunais. 1988.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1996.

FÁVERO, O. A educação nas constituintes brasileiras: 1823-1988. São Paulo: Autores Associados. 1996.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. História da Educação. São Paulo: Cortez. 1990.

JOMINI, Regina C. M. Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. São Paulo: Pontes. 1990.

LARROYO, Francisco. História geral da pedagogia. São Paulo: Mestre Jou. 1970.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional. (1900-1920). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1984.

LUZURIAGA Y MEDINA, L. História da educação e da pedagogia. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1976.

MANACORDA, Mario A. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez. 1989.

MAZZOTI, Tarso B. Educação popular segundo os sindicatos revolucionários e os comunistas na primeira república. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. 1987.

MENESES, João G. C. et al. Estrutura e funcionamento da educação básica - leituras. São Paulo: Pioneira. 1998.

MOACYR, Primitivo. A Instrução e o Império. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1936.

_____. A Instrução e as Províncias: subsídios para a história da educação no Brasil (1834-1889). São Paulo: Cia Editora Nacional. 1939.

_____. A Instrução e a República. Rio de Janeiro: Imprensa

Nacional- INEP-MEC. 1941.

NUNES, C. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: Teoria e Educação. Porto Alegre, n.6, p.151-182. 1992.

NUNES, C., CARVALHO, M. M. C. Historiografia da educação e fontes. In: Cadernos Anped. Porto Alegre, n. 5, p.7-47. 1993.

REIS FILHO, Casemiro dos. A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista. São Paulo: Autores Associados. 1995.

RIBEIRO, Maria L.S. História da Educação Brasileira: a organização escolar. 9 ed. São Paulo: Cortez. 1989.

SÃO PAULO. Anúário do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. São Paulo: Typographia do Diario Official. 1907-1922.

_____. Anuario Demographico Sanitario. Directoria do Serviço Sanitario. Anuario Estatístico da Secção de Demographia. Republica dos Estados Unidos do Brasil. Estado de São Paulo. São Paulo: Typographia do Diario Official. 1900 -1916.

SOUZA, Rosa F. Templos de civilização. A implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo (1890-1910). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1997.

TANURI, Leonor M. O Ensino Normal no Estado de São Paulo. São Paulo: Feusp. Estudos e Documentos, v.16. 1979.

HISTÓRIA DE SÃO CAETANO:

CAIRO, Esperança Martorelli, RUFINI, Claudinei. Bravas, mulheres. Revista Raízes. PMSCS, nº 4, jan. de 1991, p.43.

CAPRI, Roberto. O 50º aniversário da fundação de S. Caetano. 28 de julho de 1877-1927. São Paulo: [s.n.]. [s.d.].

COELHO NETO, Antonio A. Imagens e fatos de duas cidades-irmãs realçam seus laços. Revista Raízes. PMSCS, nº 15, jul. de 1997, pp.10-15.

FERES, Cristina de L. P. Herdeiros da Fundação: trabalho e família em São Caetano. São Paulo: Hucitec/ São Caetano do Sul: PMSCS. 1998.

GARCIA, Carla C. As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec/ São Caetano do Sul: PMSCS. 1998.

GARBELOTTO, Oscar. O núcleo colonial e sua evolução vista pelas festas de São Caetano (1883-1927). Revista Raízes. PMSCS, nº 15, jul. de 1997, pp.18-24.

_____. A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 10, jan. de 1994, pp.36-40.

JOVANOVIC, Aleksandar. A Sociedade Internacional de Imigração e os debates sobre as liberdades no Brasil. Revista Raízes. PMSCS, nº 17, jul. de 1998, pp.35-39.

MARQUES, Antonio José. Escola libertária em São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 7, jul. de 1992, pp.35-39.

_____. A indústria primitiva. Revista Raízes. PMSCS, nº 9, jul. de 1993, pp.64-66.

MARTINS, José de S. A escravidão em São Caetano(1598-1871). São Caetano do Sul: Associação cultural, recreativa e esportiva Luís Gama / Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário de São Caetano do Sul/Centro ecumênico de documentação e informação. 1988.

_____. O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de S. Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 4, jan. de 1991, pp.18-23

_____. A formação do espaço regional do Tijucuçu e de São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 5, jul. de 1991, pp.4-16.

_____. Subúrbio Vida Cotidiana e História no Subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. 1992.

_____. A viagem do vapor Europa ao Atlântico sul, em julho de 1877. Revista Raízes. PMSCS, nº 13, jul. de 1995, pp.4-11.

_____. Diário de fim de século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória. 1998.

MÉDICI, Ademir. Coronel Saladino, prefeito. Revista Raízes. PMSCS, nº 4, janeiro de 1991, pp.4-12.

_____, BUSO, S.J. Era uma rua chamada Rui Barbosa. Revista Raízes. PMSCS, nº 5, jul. de 1991, pp.54-57.

_____. De volta à velha fábrica. Revista Raízes. PMSCS, nº 6, jan. de 1992, pp.45-49.

_____. Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na Região do ABC. São Paulo: Hucitec e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. 1993.

_____. Martins, na Inglaterra, pensando em São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 10, jan. de 1994, pp.4-5.

MIMESSE, Eliane. O cotidiano escolar em São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 10, jan. de 1994, pp.57-58.

MORAES, João C. de. Formação urbana e espaço habitável em São Caetano do Sul. Revista Raízes. PMSCS, nº 8, dez. de 1992, pp.47-49.

NOVAES, Manoel C. Nostalgia. São Paulo: Meca: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. 1991.

PIRATININGA JÚNIOR, Luiz G. Dietário dos escravos de São Bento originários de São Caetano e São Bernardo. São Paulo: Hucitec: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. 1991.

_____. Nicolau, escravo de São Bento. Revista Raízes.

PMSCS, nº 6, janeiro de 1992, pp.87-88.

RAMOS, A. e SOUZA, M. Cotidiano e História em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. 1992.

RUFINI, Claudinei. O povo e sua voz. Revista Raízes. PMSCS, nº 5, jul. de 1991, pp.70-73.

_____. Em memória de um rio. Revista Raízes. PMSCS, nº 7, jul. de 1992, pp.17-20.

SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista 1550-1892. São Bernardo do Campo: Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. 1992.

_____. O rol dos confessados do bairro de São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 9, jul. de 1993, pp.62-63.

TESSITORE, Nívio. A arquitetura religiosa do núcleo colonial de São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 18, dez. de 1998, pp.19-22.

_____. O novo parque D. Pedro II. A retomada do parque. Revista Raízes. PMSCS, nº 16, dez. de 1997, pp.4-10.

TREBILCOK, Arnaldo. Século XIX: uma professorinha no distrito de São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 7, jul. de 1992, pp.42-46.

_____. A saga vêneta. Revista Raízes. PMSCS, nº 10, jan. de 1994, pp.21-35.

VERONESI, Henry. História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica) Revista Raízes. PMSCS, nº 4, jan. de 1991, pp.24-32.

_____. Sociedade Beneficente Internacional União Operária, 89 anos de história. Revista Raízes. PMSCS, nº 14, jul. de 1996, pp.6-8.

_____. Primeiras entidades de socorro de São Caetano. Revista Raízes. PMSCS, nº 18, dez. de 1998, pp.9-12.

XAVIER, Sonia M. F. Uma preciosa lembrança. Revista Raízes. PMSCS, nº 7, julho de 1992, pp.65-68.

_____. Neto de Emílio Rossi pesquisa suas origens. Revista Raízes. PMSCS, nº 9, jul. de 1993, pp.25-26.

_____. Primeiro grupo escolar do município festeja passagem do 75º aniversário. Revista Raízes. PMSCS, nº 13, jul. de 1995, pp.16-20.

PERIÓDICOS:

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA. Fac símile, co-edição Centro de Memória Sindical & Arquivo do Estado. 1918 e 1919.

RAÍZES. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal S.C.S. nº 1 a 17, jul./dez. 1989 a 1998.

DOCUMENTOS MANUSCRITOS:

Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo:

- Número de ordem: 4864, 4865, 4866, 4867, 4868. Instrução Pública: requerimentos e atestados de professores.

- Número de ordem: 4917. Instrução Pública: relação de alunos.

- Número de ordem: 4929, 4930, 4931. Instrução Pública: relação das localidades com "letra S" - Capital.

- Número de ordem: 5001, 5002. Instrução Pública: ofícios diversos ao inspetor geral.

- Número de ordem: 5098. Instrução Pública: ofícios de São Bernardo.

- Número de ordem: 5019. Instrução Pública: mapas de estabelecimentos de ensino.

- Número de ordem: 5039, 5040, 5041. Instrução Pública: ofícios da capital.

- Número de ordem: 6360, 6361. Secretaria de Justiça: câmara municipal, instrução pública.

- Número de ordem: 7188, 7205. Núcleo Colonial de São Caetano.

- Número de ordem: 9481, 9482, 9484. Ofícios diversos de professores ao inspetor geral.

- Número de ordem: 4965. Ofícios diversos ao presidente da província.

- Número de ordem: 1102, 1202, 1201, 1109, 3445, 4313, 4385, 2377, 4246. Manuscritos encadernados.

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul:

- Livros de Atas da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli.

- Livros de Atas da Sociedade Beneficente Internacional União Operária.

- Entrevistas do Projeto História de vida.

Museu de Santo André:

- Livros de Atas da Prefeitura Municipal de São Bernardo.

- Número de ordem: S1L1, S18M1, S28L1, S17L3, S17L5, S17L6, S17L7. Instrução Pública.